



FMUC FACULDADE DE MEDICINA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ana Catarina Muniz Pereira

**O QUE QUER UMA MULHER? REFLEXÕES SOBRE A POSIÇÃO “NÃO-FÁLICA”
FEMININA NA TEORIA FREUDIANA**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psiquiatria Social e Cultural, orientada pelo Professor Doutor Manuel João Rodrigues Quartilho e Professor Doutor Antônio José Feliciano Barbosa e apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Julho de 2019

AGRADECIMENTOS

Verbalizar um sentimento tão amplo e genuíno como a gratidão é um dever desafiador, mas, de qualquer modo, sempre temos aquelas pessoas mais presentes neste longo e rico percurso acadêmico.

Em primeiro lugar agradeço à Deus por sempre me iluminar e guiar os meus passos, mesmo nos dias mais difíceis e nublados em que eu não visualizava um rastro de inspiração. Também em primeiro lugar agradeço aos meus Pais, pois sem eles nada sou. Agradeço por todo o apoio emocional, familiar e, inclusive, acadêmico, pois sem o acompanhamento e orientação dos mesmos eu não chegaria até este presente momento. Pai e Mãe, a minha gratidão eterna.

Em segundo lugar, mas não menos importante, agradeço às amizades construída aqui em terras Lusas. Ao meu companheiro amado de todos os momentos Diogo, o meu muito obrigada pelo carinho, apoio e eterna paciência com os meus “surtos acadêmicos”. Ao meu amigo David por todo o auxílio, conversas e festas que tanto nos animaram nesta “master season”. E aos demais amigos da Ilha do Amor, que mesmo distantes, estiveram sempre presentes.

No mais, agradeço também profundamente àqueles que contribuíram de modo direto ou indiretamente nesta minha jornada acadêmica.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar e compreender como Sigmund Freud percebia o sujeito feminino no que concerne ao seu desenvolvimento psíquico, sexual e subjetivo, apropriando-se de seus textos clássicos acerca da sexualidade feminina a fim de analisar como o autor desenha um desenvolvimento psicosexual da mulher a partir de um referencial masculino. Para além disso, analisaremos como os aspectos socioculturais de seu contexto histórico afetaram suas formulações teóricas e como a psicanálise contemporânea compreende a sexualidade da mulher e sua dinâmica com os desejos, gozo e lógica fálica, verificando que se trata de um sujeito não somente psicosexual, mas social e cultural. No mundo ocidental, Sigmund Freud foi um dos primeiros a formular respostas a cerca do universo feminino, tendo por linha do horizonte os modos de se relacionar vividos por homens e mulheres de seu tempo histórico. Por isso, ele é o ponto de partida. Em 1933 afirmara que a sexualidade feminina tem uma natureza peculiar e enigmática, sendo a mulher um sujeito castrado e incompleto. Esta possível incompletude aguça a curiosidade, pois que incompletude é esta? As mulheres atualmente são mais donas de seus desejos, de seus corpos e de suas vontades, entretanto o enigma da feminilidade já levantado por Freud, ainda está em aberto, pois, muitas ainda são alheias às suas demandas próprias e modos de gozo e prazer, colando-se, assim, com frequência, à outras figuras como forma de satisfazerem uma falta, ou mesmo, incompletude cuja origem desconhecem. Então, questionam-se sobre o que querem. Assim, estaria Freud correto em suas premissas sobre a incompletude feminina? A perspectiva é compreender este debate teórico entre a concepção freudiana e outros novos aportes teóricos psicanalíticos acerca do sujeito feminino.

Palavras-Chave: Feminilidade. Falo. Sexualidade

ABSTRACT

The present research aims to investigate and understand how Sigmund Freud perceived the female subject with regard to his psychic, sexual and subjective development, appropriating his classic texts about female sexuality in order to analyze how the author designs a psychosexual development of women from a male referential. In addition, we will analyze how the socio-cultural aspects of its historical context affected its theoretical formulations and how contemporary psychoanalysis understands women's sexuality and its dynamics with desire, joy and phallic logic, verifying that it is a subject not only psychosexual, but social and cultural. In the Western world, Sigmund Freud was one of the first to formulate answers about the feminine universe, taking as horizon the ways of relating lived by men and women of their historical time. So it is the starting point. In 1933 he affirmed that the feminine sexuality has a peculiar and enigmatic nature, being the woman a castrated and incomplete subject. This possible incompleteness sharpens the curiosity, for what incompleteness is this? Women are now more in control of their desires, their bodies and their desires, but the enigma of femininity already raised by Freud is still open, for many are still oblivious to their own demands and modes of enjoyment and pleasure, and thus to other figures as a way of satisfying a fault, or even incompleteness, whose origin they do not know. So they wonder what they want. So would Freud be correct in his premises about female incompleteness? The perspective is to understand this theoretical debate between the Freudian conception and other new psychoanalytical theoretical contributions about the female subject

Key-words: Femininity. Phallus. Sexuality

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1: Freud e seu Tempo.....	20
1.1 A Viena dos Séculos XIX e XX.....	21
1.2 Sigmund Freud.....	30
Capítulo 2: A mulher sob a ótica Freudiana.....	54
2.1 A mulher vienense e a esfera privada.....	55
2.2 A Sexualidade Feminina na teoria Freudiana.....	66
Capítulo 3: A questão “não fálica” feminina.....	85
3.1 A mulher e o Falo.....	86
3.2 A mascarada, o amor e o falo.....	94
3.3 Feminilidade e novas subjetividades.....	100
Considerações finais.....	118
Referências Bibliográficas.....	125

INTRODUÇÃO

A construção histórica e social da divisão hierárquica dos gêneros ao longo do tempo, posicionou a mulher como um sexo secundário, passivo e submetido a uma ordem masculina reproduzida no cotidiano através de valores morais, regras e práticas sociais. A ênfase no “instinto materno”, desde o século XVIII permaneceu por muito tempo velado nos discursos sociais a respeito das mulheres, de modo que é bastante comum associa-las à posição de passividade e fragilidade.

Desde a Grécia Antiga afirmou-se a natureza não política das mulheres e na impossibilidade de serem cidadãs apoiavam-se no seu pertencimento à comunidade familiar, como esposas e mães, enquanto o homem era o único ser livre dotado de capacidade política e, portanto, participante da esfera pública (Gonçalves, 2001). Pertencente ao campo do privado, a mulher fora silenciada ao longo do tempo e da história, tendo sustentado durante séculos uma imagem de guardiã da família, a responsável pelos assuntos dos filhos e da casa e o apoio sentimental do marido, o qual descarregava suas frustrações do mundo público no lar. Insegura, incapaz de usar a razão e inábil em lutar contra ocorrências adversas, eram valores que se apresentavam inerentes à mulher, como trazidos desde o nascimento (Safiotti, 1987). Assim, se o feminino estava para passividade, o masculino estava para atividade e universalidade.

Esta mulher submetida à uma lógica masculina é também encontrada no referencial teórico de Sigmund Freud, médico neurologista vienense, judeu e mais conhecido como o pai da Psicanálise—um novo saber científico, embora a sociedade médica vienense houvesse muito relutado em reconhecê-lo como tal, surgido ao fim do século XIX através da instigante curiosidade que o autor nutria pelos conflitos psíquicos e cotidianos dos sujeitos. Como era ambicioso em seus projetos e vida profissional, sempre buscou realizar uma grande descoberta, pois objetivava contribuir para o saber humano (Mezan, 2005)

Cidadão de uma sociedade burguesa vienense que sofria os impactos de um Império decadente e de mudanças estruturais causada pela ascensão dos ideais do Liberalismo que despertava Viena, capital do Império Austro-húngaro, para um período de Modernidade, Sigmund Freud, após muitas pesquisas e observações sobre dimensão interior e psíquica dos seres humanos, de fato, realizou contribuições muito relevantes ao conhecimento científico de sua época, consagrando-se, naquele momento, como um grande médico e intelectual.

Suas descobertas sobre a etiologia das neuroses, a atuação dos conflitos psíquicos nas doenças nervosas, a teoria do inconsciente, o trauma, a sexualidade, os sonhos e as pulsões, trouxeram um novo olhar sobre o sofrimento humano, às doenças e aos sujeitos como seres

explicados não somente por vias da biologia, mas do psiquismo, das emoções, dos afetos e dos desejos. Batizou depois estas descobertas somadas ao seu método de análise e tratamento, como Psicanálise - uma ciência dos processos mentais inconscientes que para ele não poderia solucionar os problemas por inteiro, mas prestar uma ajuda valiosa nos mais diversos campos de conhecimento, como a Psicologia, complementando-a significativamente (Freud, 1925/2011).

O desenvolvimento da Psicanálise fora gradual e progressivo, tendo o próprio Freud realizado sozinho as descobertas iniciais analíticas mais relevantes a partir de suas experiências com pacientes, observações e investigações. No entanto, no decurso de seus caminhos, recebeu importantes contribuições de outros médicos muito conceituados como Jean-Martin Charcot, um famoso médico neurologista francês e Josef Breuer, médico fisiologista austríaco, o qual posteriormente formou com Freud uma bela parceria de interesses científicos e profissionais. E através de Breuer, Freud conheceu Wilhelm Fliess – um médico alemão especializado em cirurgia e otorrinolaringologia que também muito contribuiu para as teorizações psicanalíticas, pois assim como Freud, deveras se interessava pelos mistérios da sexualidade.

Por muito tempo Freud investigou a etiologia e sintomatologia das neuroses, mas antes disto, era um exímio pesquisador e atuante da anatomia cerebral e da fisiologia. Quando passou a dedicar-se aos estudos das doenças nervosas em Viena, queixando-se de que haviam poucos especialistas neste campo da medicina, mudou-se por um ano para a França para estudar no Hospital Salpêtrieré com Charcot. Ao retornar à Viena fixou-se como especialista em doenças nervosas, usando como método de tratamento a Hipnose. Animado com as descobertas científicas, apresentou-as à sociedade de Medicina, no entanto fora mal recebido e repudiado, tendo declarado em sua autobiografia que “a impressão de que as altas autoridades haviam rejeitado minhas inovações permaneceu inabalável” (Freud, 1925/2011, p.10).

Independente do repúdio da sociedade médica vienense, Freud permaneceu em suas investigações a respeito das doenças nervosas, tendo, inclusive, iniciado uma prática clínica. Por um tempo permaneceu no uso da Hipnose, depois trocou-a pelo Método Catártico e a partir daí os embriões da Psicanálise tomaram forma. Os casos clínicos mais recebidos foram suas famosas pacientes histéricas, e com o acúmulo teórico das observações clínicas lançou junto a Breuer o livro “Estudos sobre Histeria”. Depois foi para além do campo histérico, passando a investigar vida sexual dos pacientes neurastênicos, caminho que o guiou à conclusão de que as neuroses possuem uma perturbação de ordem sexual (Freud, 1925/2011)

As teorias sexuais desenvolvidas a partir dos estudos das neuroses tornaram-se um marco na ciência psicanalítica e um assombro para a comunidade médica que as abominava por acharem afetar a moralidade da época. Apesar disso, Freud (1925/2011) sentia-se satisfeito com

as conclusões obtidas, pois acreditava ter preenchido uma lacuna da medicina ao lidar com uma função de grande importância biológica - a sexualidade. Assim, em meio as investigações analíticas, descobriu que os impulsos sexuais reprimidos geravam diversos sintomas neuróticos, os quais eram substituições do que fora reprimido. Neste ponto, desenvolveu a teoria do recalque, identificando em todo conflito psíquico a atuação de duas poderosas forças- o instinto (posteriormente denominado de pulsão) e a resistência. Desta conciliação, produzia-se a repressão e assim o conteúdo reprimido era jogado ao inconsciente. Esta dinâmica psíquica, é claro, sempre gerava alguma consequência ao sujeito, no entanto, falaremos depois sobre isto ao longo do texto.

Caminhando pela sintomatologia neurótica ouvida de seus pacientes, Freud chegou aos primeiros anos de infância destes, percebendo a infância como um período fundamental do desenvolvimento humano. Logo, descobriu e formulou a teoria da sexualidade infantil, um outro achado psicanalítico que muito causou contestações e explosão de indignação na comunidade acadêmica e científica por retirar a inocência da infância (Freud, 1925/2011). Não demorou muito a desenvolver a teoria do complexo de Édipo e das fantasias edípicas, conferindo importância às experiências sexuais infantis e ampliando o entendimento das neuroses. Assim, “as teorias da resistência e repressão, do inconsciente, da significância etiológica da vida sexual e da importância das experiências infantis – tudo isto forma os principais constituintes da estrutura teórica da Psicanálise”(Freud, 1925/2011, p.25)

Inevitavelmente, Freud ampliou o conceito de sexualidade através de seus achados, experiências e teorias. O que antes era usado somente com fins à reprodução e resumido aos órgãos genitais, passou a ter uma função mais abrangente, cujo objetivo principal deveria ser o prazer. Como já dito, esta nova concepção incomodou, pois era ousada demais ao campo da moralidade (Mezan, 2005). A sexualidade era o assunto mais comentado por seus pacientes, pois sentiam-se protegidos pelo seu sigilo profissional e julgamento ausente de uma moral higienista, a qual era uma regra social fundamental (Poli, 2007).

Logo, percebeu que as questões sexuais dos sujeitos não estavam presentes no cotidiano social, mas nos sussurros, nos segredos e nas práticas tidas socialmente como imorais, pois afinal, no século XIX, a sexualidade era essencialmente reprimida e vigiada, principalmente pela medicina e a religião, o que implicava em ser um assunto tabu, permeado de pudor e práticas secretas, mas também, muito desejado. “Se tabu significa excesso de proibição, é porque trata-se de um sinal de excesso do desejo” (Fuks, 2003, p.31)

Como no século XIX surgiu uma busca frenética pela delimitação entre os sexos, que os diferenciava nos mínimos detalhes e fundamentava-se em um discursonaturalista para

implementar tais diferenças (Nunes, 2011), não é de se admirar que Freud não faria diferente. Em suas investigações sobre o desenvolvimento psíquico e sexual de homens e mulheres baseou-se na diferenciação anatômica, pois acreditava que a biologia poderia favorecer ou ser responsável pela diferença psíquica entre os sexos (Molina, 2011). Freud acreditava que as diferenças entre os sujeitos eram importantes, pois assim os lugares sociais e deveres dos sujeitos se tornariam demarcados. Naquela época, a correspondência entre a anatomia e o lugar e função social dos sujeitos era um pensamento recorrente, um “traço próprio da modernidade” (Poli, 2007, p. 61).

Neste sentido, como um homem produto do seu meio, onde o corpo masculino era frequentemente descrito como superior ao feminino (Menegon, Silva, 2015) e os próprios homens eram sujeitos com maior poder social, públicos e livres, Freud desenvolveu uma teoria da diferença dos seres fundamentada na anatomia e em uma lógica masculina. É durante esta investigação que se aprofunda nas questões sexuais infantis, na teoria do complexo de Édipo e na explicação sobre as fantasias edípicas, primazia do falo, complexo de castração, inveja do pênis, constituição psíquica, identificações e escolhas objetais dos indivíduos no pós-período edípiano.

Desde 1905, ao lançar o artigo “Três ensaios para uma teoria sexual” Freud já se via as voltas com a teoria da sexualidade. A partir de 1923, com o artigo “A Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)” que suas teorizações psicanalíticas sobre a diferenciação anatômica e psíquica entre os seres ficará mais clara, principalmente com sua teorização sobre o complexo de Édipo, conceito-chave da Psicanálise. Neste texto, analisa que para meninos e meninas o órgão genital prevaLENcente é o masculino e ao depararem-se com a ausência deste, as crianças vivenciariam três reações - rejeição deste fato, crença deste órgão ser ainda pequeno, ou suposição de que o pênis estivera lá, mas fora retirado por alguma razão. Deste modo, não haveria feminilidade, mas masculinidade.

No artigo, “A Dissolução do complexo de Édipo” de 1924, Freud traz reflexões complementares ao de 1923 e aprofunda a análise a cerca do Édipo. Descobre o então complexo de castração - receio dos meninos de perderem o seu pênis ao visualizar o órgão genital feminino - e a inveja do pênis - reação da menina, que sente-se castrada, ao visualizar o genital masculino. Permanece com o órgão masculino como um membro protagonista da vida psíquica e sexual infantil, e melhor esmiúça as diferenças deste processo entre meninos e meninas, colocando o genital feminino ainda como um elemento sexual secundário e o Clitóris um equivalente a um pênis pequeno.

Em 1925, com o artigo “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, ele melhor esclarece o início e encerramento do complexo de Édipo nos meninos e

reavalia concepções anteriores sobre o Édipo feminino. Concluiu o que já havia citado no artigo de 1924 sobre o encerramento do Édipo masculino e afirma que os meninos o encerram a partir da ameaça de castração, buscam a identificação com o pai e introjetam a lei de proibição quanto a relação simbiótica e incestuosa com a mãe.

Quanto ao Édipo feminino, vai analisar as consequências da então inveja do pênis sofrida pelas meninas, sendo uma delas o complexo de masculinidade que será melhor explicado em um trabalho posterior. Afirma que a inveja do pênis marca a menina ao longo de sua vida psíquica e somente a aproximação com o pai e depois a maternidade (principalmente se gerar um filho homem) lhe compensaria esta inveja e castração, alcançando, então, uma feminilidade efetiva. É neste momento que Freud deixa mais em evidência a distinção entre o desenvolvimento psicosexual masculino e feminino, concluindo ser o complexo edípico feminino mais complexo. O órgão genital masculino conservar-se como elemento central e a vida sexual infantil parece polarizar-se entre “ter ou não ter o pênis”.

No mesmo artigo, avalia que uma das consequências do fim do Édipo é a formação da instância psíquica chamada super-eu. Nos meninos, o super-eu é crítico e com maior senso de justiça, já nas meninas é o oposto e nunca chegará a ser inexorável, impessoal e independente das emoções como nos homens. Neste sentido, as mulheres seriam menos aptas a enfrentar as grandes exigências da vida. (Freud, 1925/2011).

Freud ainda publicará artigos posteriores sobre o complexo de Édipo, mas aprofundando-se na complexidade do Édipo feminino, que possui etapas complementares e ausentes do masculino. No entanto, já fica claro que além de tratar a sexualidade feminina como algo secundário, que parte de um referencial masculino, Freud visualiza a mulher como um sujeito passivo e dependente das emoções, características aliadas à fragilidade ou submissão. Será que não estava reproduzindo um ideal de mulher fortemente marcado de sua época?

Em 1931, ao lançar o artigo “Sexualidade Feminina” apresenta as consequências da inveja do pênis citada em 1925, apresentando os três caminhos fundamentais que deve a menina vivenciar no período edípico para alcançar o pai e a feminilidade. Também dá maior atenção à relação da menina com a mãe, descobrindo o então, período pré-edípico da mulher, tão importante quanto o próprio período do Édipo. Por fim, publica o artigo “Feminilidade” em 1933 dando seguimento às teorias de 1931 e acrescentando algumas observações analíticas importantes quanto às questões edípicas e desenvolvimento sexual e psíquico da mulher. Contudo, ainda mergulhado em questões ou talvez insatisfeito com as descobertas realizadas, afirma que a feminilidade é um enigma.

Por toda sua análise do complexo de Édipo nas meninas percebe-se que a sexualidade feminina é a todo tempo castrada e marcada pela inveja do pênis, devendo a mulher conformar-se com a maternidade como único meio de superação. Em suma, esta ideia da castração rege todo o desenvolvimento psicosssexual negativo ou positivo da mulher. Para Molina (2012, p. 16), é claro que Freud não abandona a diferença anatômica para analisar a sexualidade feminina, “de modo que a presença ou ausência de um pênis teriam consequências fundamentais na diferença”. Diferença esta que marca a mulher como um sujeito castrado, ou, talvez, incompleto, pois “castração” é um vocábulo que nos remete à “incompletude”, a algo que falta e é faltoso.

Vale ressaltar que ainda 1923 em seu, então, texto inicial a respeito da análise do desenvolvimento sexual infantil em ambos os sexos, “A Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)”, Freud discorre sobre outro conceito-chave psicanalítico - a primazia do falo - posteriormente mais analisado por Lacan e outros psicanalistas contemporâneos. Neste mesmo texto, apesar de fazer análises prematuras, fica clara a importância maior que confere ao genital masculino, não se atrevendo a fazer uma análise da organização genital feminina. O pênis é assumido como um elemento central, sendo um ponto que ele jamais abandonou (Vieth, 2013). Assim, ele estabelece uma polaridade sexual e afirma que o ponto central do desenvolvimento sexual infantil é entre possuir um genital masculino ou ser castrado (caso das meninas). A masculinidade representaria valores de atividade e posse do pênis, já a feminilidade o de objeto e passividade. (Freud, 1923/2011)

Freud não deixa claro se o órgão sexual masculino é o representante do falo, porém, ao afirmar que para as crianças, principalmente para os meninos, todos os seres são dotados de um pênis e aqueles que não o tem são castrados, supõe-se que, de algum modo, o falo estaria associado ao pênis. A polarização sexual infantil seria regida entre “os seres fálicos e os castrados”, ou, entre “seres ativos e poderosos e seres passivos e submissos” .

Seguindo sua análise, somente os homens seriam sujeitos fálicos e poderosos e as mulheres sujeitos castrados e passivos e tal polarização marcaria os sujeitos ao longo de todo seu desenvolvimento psicosssexual. Ainda que tenha depois focado e se aprofundado na discussão do Édipo feminino e da sexualidade feminina em artigos posteriores, a mulher é colocada em sua teoria como um continente desconhecido, algo indizível perante a sexualidade do sujeito como um todo. (Vieth, 2013).

Entretanto, seria esta análise, partida de uma diferenciação anatômica, suficiente para a compreensão total do desenvolvimento psíquico e sexual dos seres? Se na época de Freud o costume médico-científico era distinguir os sujeitos perante suas anatomias, não estaria Freud encarregando-se de fazer o mesmo? As mulheres de sua época eram, de fato, secundarizadas e

passivas, logo não é de se admirar que a mulher desenhada em suas teorização tenha este perfil. Além disso, a dominação masculina era uma característica central na sociedade moderna (e ainda o é nas sociedades contemporâneas, apesar de mais fragmentada, questionada e criticada), logo o padrão da sexualidade da mulher seria inescapavelmente um produto do poder dos homens, que definia o que era necessário e desejado. Se a figura central, pública e fálica eram os homens, restavam as mulheres a conformação à um plano secundário, fosse em questão à sua própria sexualidade ou ao campo público e social, onde nem mesmo teriam um efetivo espaço.

Na leitura da historiadora Louro (2000), as relações entre homens e mulheres são construídas dentro de um determinado contexto histórico e cultural, modeladas no interior das relações de poder de uma sociedade e interpeladas por convenções, definições, crenças, identidades e comportamentos sexuais. Neste sentido, fica ainda mais claro o porquê da mulher, na época de Freud, ser uma figura em segundo plano, pois nas relações sociais do século XIX, a crença e o padrão estabelecido eram os homens terem maior poder social e político. O mesmo quanto ao campo da sexualidade, onde o corpo masculino era mais valorizado e superior ao feminino, de modo que a sexualidade feminina foi historicamente definida em relação à masculina (Louro, 2000).

Retornando à análise freudiana, é evidente que o consagrado pai da Psicanálise não deixou de ser interpelado pelos discursos de sua época, tendo realizado, é claro descobertas profundamente inovadoras, relevantes e perturbadoras à moral da época. Suas investigações sobre as pulsões, o trauma, a etiologia das neuroses e da sexualidade, a retirando da dimensão biológica e dos genitais, para o campo dos prazeres e desejos dos seres, somado a o seu método fundado em uma escuta do inconsciente e o manejo da transferência, guardam para a psicanálise um lugar singular, inovador e ousado – um passo grandioso para a ciência psíquica – afirma Molina (2011). No entanto, o mesmo autor considera que “Freud não pode ser acusado de não ter sido um homem à sua frente, mas também havia nele pontos de ancoragem com o que mais existia de conservador: a visão da mulher” (Molina, 2011, p 164).

A mulher do século XIX, que também era a mesma da Viena de Freud, além de ter de confinar-se ao espaço privado do lar, sofria diversas repressões no que concernia à sua sexualidade, subjetividade e práticas sociais. Eram confinadas no espaço doméstico, onde mal tinham a possibilidade de viver seus anseios, desejos e fantasia sexuais ou não (Nunes, 2011). Recebiam uma educação para que aprendessem as tarefas do lar, do casamento e da maternidade, devendo conter-se com estes deveres, classificados, pelos discursos religiosos e médicos da época, como “naturais”. A medicina social do século XIX constituía a mulher como frágil e com

faculdades afetivas superiores às intelectuais devido às razões biológicas, ou seja, acreditavam que estas eram características naturais/biológicas do feminino (Soihet, 1997)

Assim, muito da identidade feminina fora construída a partir da absorção pelas mulheres dos discursos masculinos (Soihet, 1997), que munidos de seu poder público e social reproduziam discursos, como os da medicina, a respeito do lugar e deveres sociais aceitáveis ou inaceitáveis das mulheres. Silenciadas, sem voz ativa, somente lhes restava a conformação. Por esta época ser puramente patriarcal não é admirável Freud ter analisado a sexualidade da mulher a partir de um referencial masculino, o que ficou muito claro em seus artigos citados acima, onde expõe, determina e avalia todo o processo do complexo de Édipo em meninos e meninas.

Em 1933, em sua conferência - “Feminilidade”- Freud concluiu que realizou uma análise a respeito da mulher através da perspectiva de sua função sexual, mas que esta não deve ser tomada como único ponto de investigação. Ora, esta afirmação é contraditória. Se a função sexual e também as diferenciações anatómicas (para ele tão relevantes) não eram suficientes ao entendimento dos sujeitos, porque não ousou, então, ampliar suas investigações aos campos sociais, culturais e históricos de seu meio, uma vez que homens e mulheres são seres construídos socialmente? No caso da sexualidade feminina, seria esta constituição biológica e anatômica suficiente ao entendimento do desenvolvimento psicosssexual e social da mulher?

Como avalia Molina (2011), Freud sucumbe ao pensamento de uma época que aprisiona a mulher em conceitos pseudocientíficos, como, por exemplo, a naturalização de seus corpos, o que conferiu à maternidade e ao cuidado dos filhos uma tarefa exclusivamente feminina, devendo a mulher dedicar-se unicamente a este dever de ser a guardiã da família. É importante dizer que, infelizmente, este dever social “feminino” ainda é reproduzido até os dias atuais, ainda que as mulheres tenham libertado-se de muitas âncoras sociais.

Na sociedade vienense, as mulheres estavam sujeitas a intervenção e interdição masculina. Todos nela mandavam: pais e irmãos. O ideal feminino era, portanto, a abnegação, o conformismo e uma “resignação feliz”. Se não se sujeitavam à ordem masculina da família, posteriormente o fariam quando se casassem, sendo o casamento o destino único e final das mulheres das sociedades modernas do século XIX. Nesta questão do casamento, é importante retornar à teoria freudiana sobre o complexo de Édipo feminino. Freud afirma que a mulher somente alcança uma feminilidade normal e a supera a castração e a inveja do pênis quando se liga ao Pai, e depois, à um sujeito masculino, ou seja, no casamento. Tal processo se completa afetivamente quando a mulher se torna mãe, especialmente, se for de um bebê do sexo masculino. Para ele, a mulher ainda quando criança, nunca se conformou inconscientemente com

a “castração de seu pênis”, de modo que, “ela desliza, ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer, do pênis para um bebê.” (Freud, 1924, p. 198).

Assim, o casamento e a maternidade seriam para Freud os únicos caminhos de superação de uma castração traumática à mulher. Se falo corresponde à posse do pênis, é também, através de um filho homem que a mulher se torna um ser fálico, ativo e, quem sabe, “completo como o homem”. É inegável que Freud teve uma intuição nova, mas também um veredicto velho: o desejo aprisionado da mulher e o matrimônio como solução (Molina, 2011). Logo, não é um tanto quanto coerente que a configuração psicanalítica de Freud é a mesma de seu meio social?

Mas o que fazem as mulheres que não optam pelos caminhos da maternidade? Permanecem ao longo de todo o seu desenvolvimento psíquico e sexual marcadas pela castração e a inveja do pênis? Se possuir um pênis equivaleria a ser um sujeito fálico e completo, como o homem, já as mulheres, em sua posição não-fálica, sofreriam para sempre de uma incompletude resultante desta posição?

O falo é um termo psicanalítico extremamente relevante, o qual a partir de outras e posteriores análises recebeu outros significados. É um termo importante não somente na teoria de Freud, mas, também, na de outros psicanalistas que realizaram novas leituras a respeito do complexo de Édipo, a constituição psíquica dos seres, a neurose, a sexualidade e as questões do inconsciente. Assim, a conexão que Freud faz entre pênis-falo é uma determinada leitura psicanalítica do termo que para sua época funcionou realmente bem.

No entanto, se formos verificar outras análises, perceberemos que a teorização freudiana (melhor investigada no segundo capítulo desta pesquisa) era muito marcada pelo imaginário e por imagens (o pênis, a vagina, o clitóris etc.), e que o conceito de falo pode atravessar este campo, alcançando dimensões mais simbólicas e profundas, como é percebido na teorização do psicanalista Jacques Lacan, cuja teoria também será analisada no segundo capítulo. A teoria lacaniana ofereceu novos nuances à sexualidade da mulher, refazendo o debate começado por Freud, a respeito da questão de uma posição “não-fálica feminina”, uma vez que confere ao falo uma conotação diferente e abrangente da freudiana.

No seguimento destas questões e reflexões, a proposta apresentada nesta pesquisa é a de investigar e compreender como Sigmund Freud percebia o corpo feminino no que concerne ao seu desenvolvimento psíquico, sexual e subjetivo, apropriando-se de seus textos clássicos acerca da sexualidade feminina, onde desenha todo o desenvolvimento psicosssexual da mulher a partir de um referencial masculino. Concomitante à análise dos textos principais, se verificará como os aspectos socioculturais de seu contexto histórico afetaram suas formulações teóricas.

Após este momento inicial, analisaremos a partir da leitura teórica de outros psicanalistas, por exemplo, a de Jacques Lacan, como a psicanálise contemporânea questiona as questões elementares do feminino destacadas por Freud, tais como a sua não inscrição na lógica fálica, o seu complexo de Édipo, a sua relação com o falo e com a sua feminilidade. Além disso, verificaremos também a importância dos discursos socioculturais que sustentam os discursos sociais da modernidade de Freud e da contemporaneidade, compreendendo de que modo eles marcam a subjetividade, sexualidade e identidades dos sujeitos.

As mulheres atualmente são mais donas de seus desejos, de seus corpos e de suas vontades, entretanto o enigma da feminilidade já levantado por Freud, ainda está em aberto, pois, muitas são alheias às suas demandas próprias, não sabem como lidar com os seus desejos e colam-se, com frequência, à outras figuras como forma de satisfazerem uma falta, ou mesmo, incompletude cuja origem desconhecem. Assim, questionam-se sobre o que querem. Deste modo, estaria Freud correto em suas premissas sobre a castração e possível incompletude feminina? Uma vez que, para ele, a mulher é um sujeito não-fálico, e conseqüentemente, faltoso?

O primeiro problema apresentado é o de compreender porque Freud percebia o sujeito feminino através de uma ótica masculina, configurando-a como faltosa e castrada, isto se ela não tomasse os caminhos à feminilidade normal por ele estabelecidos. Quais foram as argumentações utilizadas por Freud para colocar a mulher em um papel secundário, submisso e passivo? Porque as mulheres de sua época eram impedidas de gozar de sua sexualidade e liberdade? Qual era o campo de diálogo de Freud e por quais discursos o seu pensamento era afetado? De que forma o seu contexto histórico e cultural afetou suas análises psicanalíticas a respeito da sexualidade feminina? Sua teoria supõe lacunas? O segundo problema apresentado é a questão do conceito de Falo e a posição “não-fálica” feminina presente na teoria freudiana. O que afinal é o galo? Haveriam outras representações além do órgão sexual masculino? O posicionamento não-fálico feminino pode ser explicado somente pela não-posse de um pênis?

Para responder as questões-problemas levantadas acima, objetivamos nesta pesquisa, em um primeiro momento, fazer um breve estudo biográfico de Sigmund Freud a fim de analisá-lo dentro de seu contexto sociohistórico, verificando quais discursos, pensamentos e práticas sociais dominantes de seu tempo que marcaram sua teorização, qual a sua teoria de sexualidade feminina e quais as práticas morais e culturais das mulheres de seu tempo. Em seguida, para analisarmos a conceituação do Falo e da posição “não-fálica” feminina verificaremos a construção da teoria de Freud a respeito da sexualidade da mulher e também a teoria do psicanalista francês Jacques Lacan.

A escolha da teoria lacaniana justifica-se pelo fato de o autor conferir ao falo um significado mais abrangente, profundo e distinto, que entra como um contraponto, pois o falo sai da dimensão do “ter ou não ter” - estabelecido por Freud - para “ser ou não ser”. Esta nova significação aprofunda e abre novos campos analíticos ao debate a cerca da sexualidade feminina, inclusive porque, Lacan oferece à mulher outros caminhos de inserção à lógica fálica sem ser via maternidade, o que oferece novos contornos ao debate da feminilidade. Por fim, compreenderemos como a mulher relaciona-se com significante “falo”, quais os outros caminhos de satisfação fálica sem ser por via da maternidade/casamento, e o que afinal, constiu-se por feminilidade e posição feminina. A feminilidade seria um registro psíquico unicamente do campo feminino?

A pesquisa possui uma análise metodológica definida pelo método da Análise do Discurso o que permitirá investigar de que modo os discursos dos autores estão conectados aos discursos de sua época e qual o lugar de produção e procedimentos de análise destes autores (Scholl, 2016). Ou seja, todo discurso é guiado por um contexto cultural de produção e afetado por diversos olhares, ideologias, práticas e pensamentos. Logo, no caso da pesquisa, verificaremos quais discursos sociais e culturais sustentavam a teoria freudiana sobre a sexualidade feminina, bem como, perceber qual o olhar social da sociedade burguesa do século XIX sobre os lugares e deveres femininos. Qual era o discurso médico-científico e patriarcal sobre os corpos femininos e como o discurso religioso e científico construiu a imagem da mulher-mãe e guardiã do lar?

A perspectiva do método da Análise do Discurso utilizada será a da Arqueologia do Saber de Michel Foucault, pois esta:

Permite mostrar caminhos para ter o discurso enquanto objeto e destrinchar o discurso por meio de uma descrição sistemática que pensa as práticas discursivas que atravessam as obras individuais, refletindo sobre os seus tipos e regras, assim como as formas de definição dos discursos em suas especificidades. Ele pode ser descrito enquanto uma produção e condicionado ao seu local de produção, intencionalidades, uso e reuso. (SCHOLL, 2016)

Neste sentido, como todo discurso produzido por um autor está inserido em um contexto específico permeado de práticas, pensamentos, regras e produções, torna-se fundamental contextualizar Freud, nosso autor principal e de partida, em seu tempo histórico, analisando as formações dos discursos que afetaram suas teorizações, por quem era definido e quais as estruturas sociais, culturais e políticas da sociedade de sua época.

Foucault (2005) afirma que o conhecimento não é uma faculdade e nem uma estrutura universal ainda que se aproprie de um certo número de elementos que podem passar por universais. Esse conhecimento será apenas da ordem do resultado, de um acontecimento, de um efeito. Se o conhecimento não é universal ele é, em realidade, um produto de um meio, de um contexto histórico passível de sofrer alterações estruturais com o tempo. Logo, a mulher moderna do século XIX, fixa em um posicionamento secundário e passivo, e até castrado, como bem avalia Freud, é completamente diferente da mulher contemporânea, já inserida em um lugar social distinto e com novas práticas subjetivas e sexuais. Portanto, a tese freudiana sobre a sexualidade feminina fora um conhecimento produto de um discurso de uma época.

Por procedimento metodológico faremos uma revisão bibliográfica do tema, o que consiste em uma revisão de estudos publicados e pertinentes ao objeto de pesquisa, com o objetivo de compreender, avaliar e interpretar os dados apresentados pelos autores pesquisados. Neste sentido, utilizaremos um processo da seleção dos materiais, privilegiando-se aqueles do campo psicanalítico e dos estudos de gênero com afinidades teóricas e metodológicas com a pesquisa. A perspectiva de análise é de caráter qualitativo, o que permite uma investigação mais aprofundada do objeto.

Faremos levantamento bibliográfico de Livros, Artigos Acadêmicos e Teses em bibliotecas da Universidade de Coimbra e em formato digital, como o Repositório Digital da Produção Científica (Estudo Geral da Universidade de Coimbra) e a Biblioteca do Conhecimento Online (B-On). Também serão acessados periódicos em Banco de Dados Online, como Scielo - Brasil/Portugal (Scientific Electronic Library Online), Lilacs (Literatura científica e técnica da América Latina e Caribe), Google Acadêmico, Revistas Científicas Brasileiras e Portuguesas, e PepSIC (Periódicos eletrônicos em Psicologia).

Os critérios de inclusão são documentos bibliográficos de publicação recente, dentro do campo dos Estudos de Gênero e da Psicanálise, com foco nas questões sexuais, subjetivas e culturais de mulheres, e em língua portuguesa por ter maior domínio, no entanto, não se anula o uso de documentos em outros idiomas, como inglês e espanhol, se houver pertinência teórica-metodológica. Como o ponto teórico inicial é a formulação de Sigmund Freud é de suma importância o uso da bibliografia produzida por este autor e também de outros que dialogam com o tema desta pesquisa, como por exemplo, Jacques Lacan, Judith Butler, Joan Scott, Maria Rita Kehl, Joel Birman, Elizabeth Roudinesco, José Artur, Molina, Bruno Bettelheim e Peter Gay. Após o levantamento, inclusão e exclusão dos materiais, faremos leitura, organização e análise com o objetivo de traçar o melhor embasamento teórico – metodológico ao desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa divide-se em três capítulos divididos em subcapítulos. No primeiro capítulo “Freud e seu Tempo” verificaremos inicialmente o contexto histórico, político, social e cultural de Viena, capital da Áustria, local em que Freud viveu toda a vida, compreendendo quais os discursos culturais dominantes naquele momento e que interpelavam os sujeitos. A seguir, apresentaremos uma breve biografia de Sigmund Freud - constituição familiar, universitária e profissional – a fim de verificarmos de que modo foi ele marcado pelos discursos reproduzidos e como construiu e desenvolveu a Psicanálise.

No segundo, “A Mulher sob a ótica de Freudiana”, apresentaremos a teoria de Freud a respeito da sexualidade feminina, analisando os seguintes e principais textos o tema – “A Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)” de 1923; “A Dissolução do Complexo de Édipo” de 1924; “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” de 1925; “Sexualidade Feminina” de 1931 e “A Feminilidade” de 1933. Verificaremos qual o campo de diálogo de Freud na construção da sua teoria da mulher castrada e invejosa do pênis e quais as práticas culturais das mulheres de sua época – quais os perfis, demandas e deveres sociais .

Por fim, no terceiro capítulo, “A questão “não fálica” feminina” analisaremos a conceituação de falo em Freud e suas relações com a sexualidade feminina, para, em seguida, usar o referencial teórico do psicanalista Jean Jacques Lacan como um contraponto, ampliando, assim, o debate a respeito de falo, gozo feminino e feminilidade. Com o mesmo objetivo, utilizaremos outros autores psicanalistas contemporâneos a fim de aprofundar este debate. Ainda no mesmo capítulo apresentaremos como o ideal de feminino mudou pelo crescimento do movimento feminista (presente até o momento atual) que por muito tempo criticou o poder fálico social e sexual masculino e à ordem patriarcal imposta. Além das críticas, o feminismo permitiu que as mulheres construíssem novas identidades, subjetividades, desejos e práticas através do questionamento e desconstrução dos discursos tradicionais conservadores que as mantinham enclausurada na vida doméstica. Neste sentido, será importante também apresentar e compreender como este movimento político e social conferiu à mulher um novo lugar social.

Em suma, na época moderna de Freud, a feminilidade se fazia como um enigma, uma vez que o órgão sexual da mulher e o seu gozo não eram tão visíveis como nos homens, por isso se tratava de um enigma - um continente do desconhecido que gerava medo, dúvidas e questionamentos. Então, o que faziam? Ora, o não-visível deveria ser controlado, pois poderia ser perigoso e indomável por ser tão enigmático! Assim, fora a partir desta lógica que por muito tempo as mulheres tiveram sua sexualidade, seus prazeres e desejos ignorados, proibidos e

repreendidos. Era um corpo marcado por uma repreensão vigilante diária e social, reproduzida por séculos. O silenciamento era recorrente e a conformação também.

Apesar de Sigmund Freud ter realizado descobertas originais e fundamentais, abrindo à ciência e à psicologia novos debates sobre a dimensão psíquica humana, tão importante quanto à orgânica, ele permaneceu em seu conservadorismo da época quando a questão era falar sobre mulheres, apesar de, é claro, ter escutado o sofrimento de tantas pacientes insatisfeitas e frustradas com seus destinos únicos – o casamento e a maternidade.

Ele traz um perfil feminino dominante de uma época, secundarizando a mulher em sua sexualidade assim como a medicina fazia, logo torna-se importante investigar qual era seu o contexto histórico e quais caminhos e discursos se apropriou para construir sua teoria. Além disso, o homem fálico e a mulher castrada, tão destacados, podem ser questionados, na medida em que as mulheres vivem um processo de reelaboração social, subjetiva e sexual que lhes trouxe novas demandas e novos modos de ser e de desejar. Por fim, falar em desejo, implica em dizer que homens e mulheres são seres constantemente a desejar, logo seria somente a mulher o sujeito incompleto?

CAPÍTULO I
Freud e seu Tempo

1.1 A Viena dos séculos XIX e XX

Neste capítulo, o foco investigativo inicial é a cidade de Viena, capital da Áustria, local onde Sigmund Freud, médico neurologista judeu cresceu, viveu e construiu uma nova ciência “revolucionária” aos padrões da época que chamaria de Psicanálise, causando choque, assombro e curiosidade, mas também alívio terapêutico aos cidadãos vienenses que frequentemente padeciam de um comum sofrimento neurótico na época. Como todo saber é produto de um determinado contexto histórico-cultural e fruto de relações sociais, torna-se fundamental compreender quais práticas discursivas interpelaram as análises de Freud e quais eram as condições históricas de seu tempo, pois afinal, como observa Roudinesco (2014), se Freud construía sua época, também era construído por ela.

Do século XIX, até o início do século XX, Viena foi a capital de um dos mais importantes impérios da Europa, o Austro-húngaro, comandado pela dinastia Habsburgo que sofreu em 1918, um efetivo processo de desintegração a partir da morte do Imperador Francisco José, mas também do intenso movimento separatista dos territórios pertencentes ao império e da Primeira Guerra Mundial.

Cabe ressaltar que o império Austro-húngaro dominava, praticamente, todo o continente, pois ultrapassava em extensão o antigo império-romano e era um estado multinacional com forte política exercida nos territórios anexados, dos quais os mais importantes eram os alemães, italianos, poloneses, tchecos, húngaros, eslovacos, croácios, eslovenos e rutênios (Bettelheim, 1990). Assim, além de ser um império de vasta extensão territorial, também o era no sentido linguístico, cultural e social, pois era habitado por grupos heterogêneos e de diversas regiões

Viena é habitualmente conhecida como uma cidade de intensa vida cultural desde a época do império, época em que a Corte Austríaca teve um papel fundamental no desenvolvimento artístico da cidade, cultivando a música e a arte decorativa em geral, de modo que o lazer ali flutuava, e a cidade vivenciava a atmosfera cultura da música e do teatro (Mezan, 2005). A família de Freud foi uma das muitas que para lá migravam em busca de melhores trabalhos e estudos, o que lhe conferiu por um tempo o título de “cidade de todos os talentos” (Mezan, 2005, p.34)

Nesse período, países próximos ao império Austro-húngaro atravessavam processos de dissolução das amarras do antigo regime, como a Paris revolucionária nas estruturas políticas, sociais e econômicas com a queda da Bastilha e a consolidação da burguesia como classe

dominante impulsionada pelos ideais de liberdade. Em meio aos ares revolucionário, o Império Austríaco mantinha o seu provincianismo, e muita resistência aos ventos das transformações sociais e políticas do continente.

De 1815 a 1848, o maior objetivo do império foi preservar os privilégios da aristocracia e reprimir anseios revolucionários de alguns grupos sociais que desejavam criar instituições políticas baseadas no capitalismo industrial, e transformar as estruturas sociais e arcaicas, isto é retirar mercados locais das mãos de senhores feudais e privilégios seculares da Nobreza (Mezan, 2005). Ou seja, enquanto outros países já viviam um novo sistema político e econômico, a Áustria mantinha-se como um estado com características do Antigo Regime.

O capitalismo somente chegaria ao império por meio das indústrias têxteis em regiões de língua propriamente alemã, mesmo assim, o desenvolvimento industrial foi lento, pois os mercados locais dos senhores feudais eram obstáculos recorrentes. Segundo Mezan (2005) a economia austríaca era fraca em relação a outras regiões e tinha dificuldades de circulação, pois não havia mobilidade do capital em função das taxas alfandegárias. Entretanto, mesmo tímido, o crescimento do capitalismo constituiu uma burguesia industrial e uma classe operária que depois trouxe complicações indesejadas ao império, uma vez que este desejava manter a sua ordem hegemônica.

A partir de 1835, essa burguesia passa a se interessar por reformas inspiradoras no Liberalismo, tanto no domínio econômico quanto no político, mas se choca com a estrutura semi-feudal do Império [...] Do ponto de vista político, porém, a preocupação maior da Corte de Viena nesse momento é impedir o alastramento do ideais Liberais, responsáveis, segundo o ideólogo Metternich, pelo despertar da consciência nacional dos diferentes grupos etnolingüísticos do Império. (Mezan, 2005, p.36)

Metternich foi o grande Chanceler Austríaco que comandou o império no período de 1815 a 1848. Consciente dos ares da revolução e de uma possível revolta dos povos, durante sua administração fez todo o possível para reprimir as ideias revolucionárias ameaçadoras da rigidez do império.

Inevitavelmente as revoluções de 1848 (Primavera dos povos) eclodidas em países da Europa Central e Oriental impôs uma dura crise política, inspirada nas ideias nascentes socialismo e do comunismo, ao império austríaco. Os povos desejavam autonomia e emancipação, e “após anos de guerra, massacres, subjugações e rebeliões, homens com língua e costumes diferentes reivindicavam a abolição do antigo regime monárquico” (Roudinesco, 2014, p.14). O próprio sistema de Metternich negava as aspirações de emancipacionista dos povos (identidade nacional) mas não conseguiu desenvolver uma estratégia política adequada para

equilibrar as novas forças sociais. Ou seja, as revoluções foram contidas, mas ideias revolucionárias permaneceram vivas.

Nesse sentido, Metternich e a sua política fracassaram. (Mezan, 2005). Após a contenção das revoltas, em 1850 a Áustria passou a desenvolver-se como um Estado nacional moderno. A economia torna-se mais unificada e capitalista, adota o alemão como língua oficial (o que muito desagradou outros grupos linguísticos) e substituiu as administrações locais e feudais por um mercado mais organizado e racional (Mezan, 2005).

Com a instalação do capitalismo, a burguesia emergia como poder político em Viena e o maior objetivo era desmanchar os sólidos pilares do antigo regime (Molina, 2011). Mas mesmo com a ascensão desta nova força social e política, a aristocracia permaneceu tão forte quanto antes, chocando-se por muito tempo com a burguesia nascente, que não conseguia aliar-se aos aristocratas e nem mesmo eliminá-los.

A partir de 1859, o império passou a perder forças, caminhando para a sua completa dissolução. Perdeu as províncias mais prósperas e avançadas, sofreu em 1866 uma derrota para a Prússia, perdendo conseqüentemente diversos territórios alemães e em 1870, Berlim, capital da recém-unificada Alemanha, começou a substituir Viena como polo cultural e centro do mundo. Com isso a queda imperial fora iminente. (Bettelheim, 1990). Além das perdas territoriais e políticas, Viena também vivia uma constante ambivalência social que se refletia na arquitetura e costumes da época – por um lado mantinha em suas estruturas físicas uma aparência do antigo mundo, mas por outro já tinha um caráter mais moderno, com construções novas, como a Ringstrasse. Em questão de costumes sociais, o conservadorismo e tradicionalismo latentes também eram uma fiel referência à antiga ordem monárquica.

Segundo Bettelheim (1990), os vienenses tinham um interessante e peculiar mecanismo de defesaface ao enfrentamento dos períodos de queda e crise. A negação foi usada por muitos anos e se tornou amplamente comum. Desprezavam a realidade exterior e voltavam-se para a vida interior ou preocupação humanas. O autor observa:

Ao mesmo tempo que a nova Alemanha unificada (com a sua capital, Berlim) voltava sua fantástica energia para a construção de um império, as elites culturais vienenses se dedicavam a descobrir e conquistar o mundo interior do homem (p. 07)

Preocupar-se com a crise política e econômica evidente não parecia ser uma das preocupações mais relevantes para o cidadão vienense, mas sim refugiar-se em outros problemas e negar constantemente uma realidade que exigia uma solução rápida e eficiente. Foi neste terreno que Freud desenvolveu sua teoria do recalque.

Em 1867 o Império Austríaco, tornou-se Austro-Húngaro a partir da independência da Hungria, que já clamava por uma emancipação há anos. Assim, o império dividiu-se em duas partes. Francisco José foi coroado imperador da Áustria e Rei da Hungria. Vale ressaltar que o império Austro-Húngaro permaneceu até 1918, quando desmoronou efetivamente com eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Em 1890, período de maior efervescência culturale política, a cidade de Viena agitou-se mais ainda com novos gritos por independência dos grupos etnolingüísticos que desejavam a criação de um estado-nacional. Sobre isto, Bettelheim (1990) avalia que:

Nessa arte de evitar as arestas da realidade e recuperar as contradições como fatores de uma diversidade aparentemente harmoniosa, Viena foi mestra consumada. A gentileza, a despreocupação, a alegria jovial recobre assim as facetas conflituosas da existência social: segundo a óptica adotada, elas podem aparecer o máximo refinamento da civilização ou como a máscara de um rosto coberto de cicatrizes. A Psicanálise optou decididamente pela segunda dessas vias, não só com respeito a Viena, mas estendendo ao homem em geral suas escandalosas revelações. Reside aí, com certeza, uma das razões mais profundas da incompatibilidade mútua entre a capital austríaca e o mais ilustre dos seus filhos adotivos: Sigmund Freud. (p. 46)

Como analisa o autor, Viena permanecia na negação ou mesmo com temor de encarar a realidade e os conflitos advindo daquele momento. A sociedade vienense preferia disfarçar os problemas sociais na aparente despreocupação ou suposta alegria cotidiana. Em suma, maquiavam-se cicatrizes que seriam posteriormente reveladas pela Psicanálise - uma ciência que fora muito mal recebida naquela conjuntura. De acordo com Mezan (1998), tal negação era simplesmente uma defesa frente uma angústia derivada daquela caótica situação.

Viena era uma sociedade dividida em classes (antagônicas). A corte ignorava os acontecimentos fora dos limites do seu domínio e ninguém ousava desrespeitar a tradição e a usual veneração pelos membros da aristocracia (que enchiam a alta sociedade vienense de orgulho). Desenvolveu-se ali um forte artificialismo, o qual comandava a vida burguesa. Valoriza-se o status sociais e o culto a “boa aparência”. Artificialidade e fingimento eram, na sociedade burguesa vienense, mais regra que exceção. Para manter a boa aparência, era importante que as relações sociais fossem polidas e alicerçada na tradição, o que refletia a atmosfera conservadora da época:

A sociedade não abria a mão da ordem e das tradições do passado: a estabilidade era a maior virtude. Cada família, cada lar era como um microcosmo da monarquia em que o pai de família, autoridade absoluta, tinha como tarefa básica, garantir a ordem e a segurança (Winograd, Klautau, 2014, p.225)

Mesmo em plena desintegração do império, Viena conservava o retrato da monarquia, o que deixava transparecer, talvez, o medo do moderno. O próprio imperador Francisco José fazia questão de preservar as estruturas de um passado monárquico, resistindo a qualquer traço da modernidade, como por exemplo, o uso da luz elétrica que já emergia com o desenvolvimento industrial do país. Esse tradicionalismo cotidiano era a expressão de uma cultura aristocrática que lutava para preservá-la

Com uma aristocracia ainda muito forte, a burguesia emergente permaneceu passiva e dependente do império. Isso tornava o liberalismo recém instalado um “liberalismo de fachada”. Mesmo assim, emergiram grupos, cujo objetivo era a transformação do Império em uma monarquia constitucional. Os liberais pretendiam como classe dominante estabelecer uma administração central através do parlamentarismo e substituir o catolicismo feudal pelo Racionalismo Científico. (Winograd, Klautau, 2014).

Na virada para o século XX, as lutas de classes permaneceram. Viena fixou-se na ambivalência entre o novo e o velho e parecia não conseguir decidir-se entre um destes caminhos. Além disso, tinha a peculiar característica de estar em meio à mesmice dos conflitos políticos, sociais e econômicos provocados pela crise imperial e de viver uma efervescência cultural, onde, inclusive, muitos revolucionários russos lá se refugiaram. Viena era nesse sentido um atrativo polo que acolhia artistas, cientistas e cidadãos comuns em busca de educação e trabalho (como foi o caso da família Freud.)

Mesmo com um forte antissemitismo desenvolvido a partir de 1880, também para lá migraram muitos judeus com a proteção do Imperador e em busca de melhores condições de vida, aqueles não-judeus e menos favorecidos social e economicamente passaram a odiá-los, pois os via como obstáculos na disputa por bons empregos e dinheiro (Bertin, 1990). Segundo Roudinesco (2016), muitos judeus emancipados no século XIX achavam que poderiam escapar a perseguição ancestral ao se integrarem às sociedades burguesas e industriais, o que resultou em muita migração e movimento de germanização dos sobrenomes judaicos. No entanto, com o tempo, os judeus passaram a ser rejeitados pela sua “raça”, pois não tinham fronteira e nem território, não eram uma nação.

A elite intelectual vienense permanecia preocupada com os problemas internos dos indivíduos em uma sociedade que mais se desintegrava. Com a crise política, a cidade dividiu-se entre moralismo científico e o esteticismo, adotando como valores principais a razão, progresso, ordem, perseverança, autoconfiança e adoção de padrões de bom gosto. (Winograd, 2014).

Se o moralismo era um princípio social básico deveras respeitado, homens e mulheres exerciam uma constante fiscalização higienista naquela época, reprimindo desejos próprios e punindo aqueles que desobedeciam às regras morais cotidianas, por esta razão, que nas mentes burguesas, o sexo ocupava um lugar de horror, pois o conservadorismo e o moralismo silenciavam este assunto tão permeado de tabus. Para Marilena Chauí (1984), o processo de aburguesamento da sociedade fez desenvolver uma intensa valorização pelo pudor, decência, limpeza, isolamento e privacidade. A sexualidade da mulher por exemplo, era deveras controlada pela igreja, a qual com seus diversos dogmas moralistas encerrava as jovens em uma rede de práticas e proibições destinadas a proteger-lhes a virgindade, já quanto ao homem, a sua virilidade era considerada fálica e assim poderia viver livremente as vontades de seus desejos, atentando contra o poder das mulheres sem nenhuma punição, (Perrot, 1991).

De todo modo, havia uma intensa inibição e ignorância a respeito das questões sexuais, ainda que ele fosse debatido aqui e ali entre cochichos secretos. As pessoas mais velhas acreditavam que o sexo deveria ser regulamentado pela sociedade, já os mais jovens ousavam discutir este assunto em estudos literários, artísticos e científicos. (Winograd, 2014).

O uso do recalque era geral. Muitas famílias tinham por objetivo central a execução religiosa das regras, pois numa burguesia assediada pelas lembranças da corte, que muito tinha a “mania de família” essas regras eram levadas ao extremo. Era comum, não apenas em Viena, mas na maioria das sociedades europeias, os rituais cotidianos em família, como reuniões, trocas de cartas (especialmente entre as mulheres), visitas e festas em salões. Estas eram as formas de apropriação do espaço doméstico e de manter um estilo de vida, muito próprio do século XIX e início do XX (Fugier, 1991)

No decurso dos séculos XIX e XX, houve nas sociedades europeias, a entrada de novos discursos, pensamentos e práticas que pretendiam dar continuidade ao que chamaram de período da modernidade. As ciências médicas avançavam progressivamente, realizando descobertas, por exemplo, nos campos da neurologia, fisiologia, sexualidade, doenças e respectivos tratamentos; revoltas e movimentos de independência abalavam as bases dos impérios, como o grande império Austro-húngaro que tentou todo custo manter-se, apesar de sua queda iminente; novos saberes emergiam no campo das artes, filosofia e psicologia; e aboliu-se antigos regimes monárquicos, desenvolvendo-se, assim, os estados-nações que trouxeram a burguesia como uma nova ordem, a qual embasava-se nas ideias do iluminismo, liberalismo, racionalidade e cientificismo. O mundo estava em plena mutação (Roudinesco, 2014)

No cenário de Europa Central no século XIX estava Viena, capital do império Austríaco multinacional que liderava mais de 30 territórios etnolingüísticos. Comandado inicialmente pela

dinastia Habsburgo a partir de 1805, o império, em 1867 passou a chamar-se Austro-húngaro devido os incessantes gritos de independência da Hungria, principal território de ligação que se separou. O comando assim fora transferido efetivamente para Francisco José, cujo governo permaneceu até 1916.

A partir de 1848, eclodiu na Europa uma revolução contra as monarquias inadimplentes e absolutistas, reunindo forças antagônicas: burgueses, pequeno burguês, socialistas e excluídos. As revoluções fracassaram, ainda assim, o império perdeu alguns territórios, o que enfraqueceu suas bases e Viena, juntamente a todo o império, passou a viver uma constante ambivalência entre o novo e antigo por longos anos. Era um turbilhão de acontecimentos; as lutas, os embates políticos, a renovação das cidades e da própria subjetividade foram fortemente marcados pela destruição e reconstrução. (Molina, 2011).

As instabilidades conflituosas de um império em decadência preocupavam as massas, no entanto, o recurso de enfrentamento mais usado contra a crise era exatamente o contrário, o não enfrentar e a negação frente aos problemas sociais, políticos e econômicos. A artificialidade e o fingimento eram recursos comuns utilizados.

A atmosfera vienense era conservadora e frívola ao mesmo tempo. Apresentava um ritmo lento de vida, falta de entusiasmo pelo novo, mas em contrapartida haviam discussões sobre peças de teatro, divertidas festas em salões e apresentações de ópera. Apesar da queda do império em ascensão, o cidadão vienense continuava a valorizar a diversão como meio de esquecimento dos problemas e o culto a um bom gosto e as aparências, no entanto, a “Belle-Époque” da transição do fim do século XIX para o início do século XX engana alguns, mas não convencia outros. Nem tudo parecia realmente bem. (Mendes, 2006)

Após a morte do imperador Francisco José em 22 de novembro de 1916, não muito tardou a eclodir a primeira guerra mundial que tornou a situação de Viena mais caótica. A miséria atingiu a todos, já não havia mais aquecimento e nem comida e com o surto de gripe espanhola e tuberculose a situação mais agravou-se. O abastecimento passou a depender das remessas da Suíça e Estados Unidos. Os austríacos se sentiam órfãos e perdidos em um império destruído e até traídos por aqueles que acreditavam ter dominado por tanto tempo, como os húngaros e os tchecos que se tornaram cidadãos de outras nações. Viena se transformou em uma capital abandonada, devendo os vienenses aprender a viver de outro modo. O caso das mulheres era, inclusive, mais problemático, pois menos politizadas que seus maridos e irmãos, quase não tomavam iniciativa e se contentavam com empregos precários e aos cuidados dos filhos e da casa, onde permaneciam a maior parte do tempo (Bertin, 1990). Assim, o império efetivamente desintegrou-se a partir da anexação da Áustria à Alemanha e o que restou foram as lembranças

do que uma vez fora um grande império rico e diverso na multinacionalidade dos seus grupos etnolingüísticos.

Foi nesta atmosfera frívola, ambivalente, tradicional, alegre e conservadora de Viena que Sigmund Freud, pai da Psicanálise, cresceu e viveu a maior parte de sua vida, apesar de nem sempre ter nutrido uma saudável relação com a capital do Império.. Sempre em busca de realizar uma grande descoberta científica através de seus estudos e investigações clínicas, Freud acabou por desenvolver uma ciência revolucionária para a época, chamada por ele de Psicanálise. Era um típico cidadão burguês dentro do espaço privado do lar, mas um médico moderno, observador, perspicaz e curioso pelos mistérios da mente.

Freud observava a evolução da sociedade e os comuns conflitos psíquicos e emocionais dos sujeitos. Reconhecia a complexidade das relações de classes, mas não se aprofundava muito, e das relações entre homem e mulher através dos diálogos soltos de seus pacientes. Seu maior interesse, de fato, era acerca dos estudos da neurose, naquela época tão comum na Europa, que produzia sofrimento intenso em homens e mulheres, mas mais principalmente em mulheres, sendo a histeria uma neurose quase majoritariamente feminina.

Qual era a etiologia das neuroses? Como produzia-se os sintomas? Qual o melhor tratamento? Eram as questões centrais para Freud naquele momento. A sociedade vienense vivia uma constante ambivalência social e política, mas também de afetos e deveres, pois a queda progressiva do império somada as novas forças revolucionárias políticas afetavam homens e mulheres que tinham de enquadrar-se a uma nova conjuntura e não sabiam muito bem como fazê-lo.

Como enfrentar esta situação? Eles questionavam. Indecisos, ou mesmo sem soluções, os cidadãos maquiavam os verdadeiros problemas e refugiavam-se ou em uma rotina de festas ou em uma negação constante dos problemas. Freud percebeu que era esta mesma negação, não somente dos problemas externos, mas também internos, uma das chaves das neuroses. Com o avanço das pesquisas e dos atendimentos clínicos, observou que a etiologia da neurose ia para além da negação dos desejos e emoções, e então caiu no universo da sexualidade, percebendo-o como um amplo campo de sensações e pulsões eróticas, não limitando-se somente à procriação.

A Psicanálise fora crescendo progressivamente a cada novo passo teórico investigativo dado por seu criador. Inicialmente Freud muito chocou a comunidade médica com suas singulares análises acerca da sexualidade, especialmente a infantil, retirando assim da infância toda a carga secular de inocência e assexualidade. Desenvolveu métodos terapêuticos mais eficazes no tratamento das neuroses e abordou temas atuais à época, como a religião, o narcisismo, o desenvolvimento psicosssexual dos seres, traumas, sonhos e fantasias. Em suma, o

pai da Psicanálise sabia que estava a criar uma ciência que revolucionaria o mundo e tinha toda a preocupação em não desobedecer às leis, pois como um bom vienense gostava de manter as aparências e se estabelecer como um médico honrado (Bertin, 1990)

A Psicanálise nasceu em uma sociedade dilacerada e hábil em mascarar os conflitos que acabariam por a destruir. É realmente filha de Viena porque o que ela afirma da vida humana se encontraria como que concentrado e potencializado pelas condições ali reunidas. Freud percebeu que a subjetividade de sua época era embasada nos recalques e nas neuroses, em meio a toda crise imperial analisou e observou minuciosamente os elementos psíquicos das doenças dos nervos de homens e mulheres vienenses, buscou compreender a origem e formação dos sintomas neuróticos e porque o recalque era uma defesa tão utilizada. O caos se aproximava junto a uma sensação de fim de mundo e a sociedade se defendia como podia, inclusive produzindo neuroses em uma velocidade e concentração espantosa (Mezan (1998).

Freud (1908/2011) observou que as mudanças estruturais da sociedade somada às realizações dos tempos modernos, as descobertas científicas, as investigações em todos os setores, a manutenção do progresso e uma crescente competição produziam comportamentos que demandavam demasiada energia psíquica nos sujeitos e a consequência de tamanho esforço psíquico era um adoecimento por vezes inevitável. A modernidade trazia um ritmo de vida apressado e agitado. A noite era aproveitada para viajar e o dia para os negócios. As crises políticas, industriais e financeiras atingiam mais círculos sociais e quase toda a população viva em torno da vida política. Os conflitos religiosos, sociais e políticos inflamavam os espíritos, exigindo mais esforços da mente e roubando o tempo para o lazer e o sono. A vida urbana tornava-se cada vez mais sofisticada e intranquila e os nervos caíam cada vez mais na exaustão. O crescimento das famosas doença nervosa justificava-se, pelos médicos da época, exatamente por essa vida moderna tão atribulada e nova aos cidadãos.

Logo, estavam dadas as condições para o surgimento da psicanálise, a qual, segundo o biógrafo e historiador Peter Gay (1989) era uma ciência que buscava a verdade e o desmascaramento das ilusões – outro recurso tão usado pelos vienenses a fim de esconder os conflitos recorrentes. Ao decurso de seu caminho profissional e acadêmico, Freud na época, fora triunfante em suas descobertas a respeito da dimensão psíquica humana, a sexualidade, as neuroses e os traumas. Recebeu em seu divã pessoas que viviam uma atmosfera vienense perturbadora e aprendeu a escutá-las, inventando um método terapêutico e uma teoria que buscava dar conta do imenso custo psíquico necessário para manter uma negação de proporções tão intensas. (Mezan, 2005).

Sigmund Freud não fora o único médico a investigar os enigmas das doenças dos nervosos e das neuroses, no entanto fora perspicaz o suficiente para desenvolver um método de pesquisa e tratamento que melhor aliviasse o sofrimento constante dos sujeitos. Neste sentido, faz-se necessário compreender quais os caminhos pessoais, acadêmicos e profissionais feitos que o guiaram à construção de uma teoria tão inovadora e chocante para a época, a Psicanálise.

1.2 Sigmund Freud

De família judia e nascido em 6 de maio de 1856 em Freiberg, na Áustria, Sigmund Freud mudou-se aos 4 anos para Viena. A sua família passou a residir num subúrbio judaico chamado Leopoldstadt (Roudinesco, 2016). Seu pai, Jakob Freud, era um comerciante em busca de melhores condições de vida para a família e viu em Viena – capital cosmopolita do antigo Império Austro-húngaro – a oportunidade de prosperar e oferecer educação de qualidade aos seus 7 filhos. Freud era o mais velho, tinha dois irmãos e cinco irmãs.

A família Freud tinha condições financeiras muito precárias e quando se mudaram para Viena depositaram imensas expectativas nos filhos, principalmente em Sigmund Freud. Assim, guiado pela tradição da família e desejoso de encaminhá-lo para o caminho do saber e não dos negócios, Jakob Freud logo o instruiu acerca dos ensinamentos bíblicos, o hebraico e as Escrituras, no entanto, o filho não era muito receptivo e desenvolveu uma grande antipatia pela religiosidade. Apesar desta aversão, tinha orgulho de ser judeu e compartilhava do sofrimento de seu povo (Rodrigues, Groppo 2013). Sua mãe, Amália que o adorava e o tinha como preferido, ensinou-o a ler e a escrever aos 5 anos. Na escola, destacava-se por ser o primeiro da classe e aos nove anos passou no exame de admissão ao ginásio comunal (escola secundária) (Bertin, 1990).

A instalação e adaptação na capital austríaca não fora a princípio muito positiva. É em Viena que a família Freud conhece as dificuldades de serem judeus em uma cidade com discursos antissemitas, como não conseguiam integrar-se efetivamente, optaram por residir em um bairro judaico. Além disso, devido a revolução industrial em curso, que provocou diversas mudanças em Viena, houve em 1873 uma quebra da bolsa, o que fez com que o pai de Freud renunciasse aos negócios e assim tivessem de ser sustentados pelos pais de sua esposa, Amália (Bertin, 1990).

A relação de Freud com o pai era ligeiramente conflituosa e ambivalente, pois, apesar de ser uma autoridade paterna o considerava um homem fraco e sem sucesso nos ramos dos negócios. Quanto à mãe sentia-se seduzido e amado, na infância a via como uma mulher viril e sexualmente desejável, chegando, certa vez a excitar-se perante sua nudez

em uma viagem, porém jamais conseguiu esclarecer, de fato, esta relação e acreditava que o amor de uma mãe para um filho homem tem uma essência natural. Relacionava-se bem com os irmãos e exercia fascínio nas irmãs que o admiravam, mas ao mesmo tempo, achavam-no tirano, pois ele vigiava suas leituras e não permitia barulhos enquanto estudasse. (Roudinesco, 2016).

A família Freud se sacrificava frente a gloriosa carreira que imaginavam para o estudante ativo e dedicado em seu escritório (Gay, 2012). Logo, e também devido ao comprometimento acadêmico e profissional de Sigmund, muito respeitavam seus estudos de modo que sua mãe, Amália, proibia que suas irmãs tocassem o piano enquanto ele estudava para assim não o atrapalhar. Sigmund passava muito tempo recluso a estudar, gastava com livros e era o único a ter um quarto somente para si a luz da lamparina enquanto os outros deveriam contentar-se com a uma iluminação a luz de velas. Sobre a família Freud, Roudinesco observa (2016):

Educado de maneira liberal, no seio de um sistema familiar endógeno e ainda caracterizado pela tradição dos casamentos arranjados, Freud teve uma infância feliz entre um pai que poderia ter sido seu avô e uma mãe que poderia ter se casado com seu meio-irmão, além de sobrinhos de sua faixa-etária. A ordem familiar na qual Freud imergira em sua infância e durante sua adolescência repousava sobre três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos” (pp.32-33)

Naturalmente, sua família não escapava aos ideais burgueses oitocentistas e privilegiava aspectos tão cotidianos e comuns daquela época. Freud posteriormente tornou-se um cidadão burguês muito dono dos costumes moralistas da sociedade vienense. Dentro do consultório era o grande Doutor das doenças nervosas, cuja escuta sempre alerta, pouco julgava as mensagens ditas e não-ditas de seus pacientes, no entanto, do lado de fora era um tradicional vienense comum. Ele próprio reconhecia que é um homem da ciência, mas, dentro de casa, não passa de um pequeno burguês (Molina, 2011).

Em 1872 finalizou os estudos secundários e teve de escolher um curso superior. Seu pai não o pressionou e deixou-o livre a fazer a escolha que quisesse. Naquela época, Freud (1925/2011) afirma que não sentia nenhuma predisposição particular a ingressar na carreira de médico, pois mais sentia atração pelas preocupações humanas do que pelos objetos das ciências naturais. Inicialmente, desenvolveu interesse em fazer Direito e se engajar em atividades sociais juntamente a um amigo, e posteriormente inclinou-se para a Filosofia, mas a julgou muito abstrata e demasiada teológica (Roudinesco, 2016). Na verdade, o que o movia era uma ânsia por

conhecimento mais inclinada para os assuntos humanos que objetos naturais. Freud tinha um espírito humanitário, não queria apenas verdades científicas. (Gay, 2012)

Em 1873, aos 17 anos, ingressou à universidade e, devido à negligência própria como afirma em seu estudo autobiográfico (Freud, 1925), finalizou-a apenas em 1881, quase dez anos depois. Nos primeiros anos universitários tivera de enfrentar os comentários maldosos dos antissemitas que o rejeitavam e julgavam-no por inferior por simplesmente ser judeu. “Jamais fui capaz de compreender porque devo-me sentir envergonhado da minha ascendência, ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha raça” (Freud, 1925/2011, p.06). Tal rejeição sofrida era a mesma pelas quais outros judeus passavam, pois, o discurso antissemita muito cresceu a partir da “invasão judaica¹” em Viena no fim do século XIX. Diversos judeus para lá migraram fugindo da miséria e da perseguição. Mas o que era para ser um refúgio predileto, tornou-se um novo palco de perseguições, pois os vienenses sentiam-se cercados pela presença judaica, classificando os hábitos e aparências dos imigrantes judeus como estranhos e desagradáveis. A rejeição era recorrente e uma vez inserido no universo acadêmico, Freud reconheceu a consequência de ser descendente de uma “raça estranha”. (Gay, 2012)

Muito estimada no universo acadêmico, a Universidade de Viena era enorme e encontrava-se em pleno período de expansão apesar das dificuldades financeiras imperiais. Por reunir excelentes cientistas, era uma das melhores da Europa no campo das ciências naturais e lá Freud iniciou seus estudos em biologia, zoologia, fisiologia e medicina. Entre 1876 e 1883 trabalhou no laboratório de Fisiologia da Universidade com o Professor Ernest Brücke e seus assistentes. Naquele momento, no fim do século XIX, a fisiologia dominava os estudos médicos, pois era uma disciplina com bases nas teorias darwinistas que interrogava a origem e a evolução dos organismos vivos e as forças instintivas da atividade humana. Era uma ciência que se apoiava na ideia de que o organismo era composto exclusivamente por forças físicas e químicas. Os fisiologistas tornaram-se uma espécie de vanguarda da medicina de língua alemã, influenciando a neurologia e a psicologia a fim de separá-las da filosofia, considerada uma fisiologia especulativa. Descartavam completamente a subjetividade e concentravam seus trabalhos no sentido da observação, assim os problemas da alma eram resolvidos no campo da ciência experimental (Roudinesco, 2016).

¹ Naquele período, Viena tornou-se o refúgio de todos os judeus da Europa Oriental, originários da Galícia, Hungria, Rússia e Moldávia. Ao contrário de Jakob Freud, eles haviam conseguido, em grande parte, integrar-se à nova sociedade liberal, a princípio como negociantes ou banqueiros – no caso da 1ª geração – depois como editores, jornalistas, mecenas, advogados, escritores, poetas, cientistas, filósofos e historiadores. Quanto ao Antissemitismo propagado, até a 1ª guerra mundial ele cresceu por toda a Europa sob múltiplas variantes; biológica, higienista, racista e nacionalista. (Roudinesco, 2016)

Apesar dos anos a trabalhar como fisiologista no laboratório, Freud não seguiu os demais cientistas, pois sua inquietação e curiosidade pelas doenças nervosas, preocupações e mistérios das mentes humanas o levou a posteriormente a explorar campos parcialmente inabitados e ocultos aos outros médicos, que diferente de si, eram mais interessados e absortos em uma ciência mais empírica e, talvez, pragmática.

O professor Ernest Brücke além de lecionar no laboratório, era um mestre da Escola austríaca de fisiologia. Exercia fascínio em todos os alunos e os incentivava a pensar e progredir nos estudos. Freud muito o admirava, considerando-o um mestre e uma autoridade patriarcal que não sentia no pai. Fora durante os anos no laboratório que Freud conheceu seu posterior e grande companheiro de pesquisas e interesses científicos – Josef Breuer – e outros fisiologistas oriundos de uma burguesia liberal progressista. Breuer era o médico de família e fisiologista alemão mais respeitado de Viena e tinha um passado com diversas produções científicas sobre a fisiologia da respiração (Freud, 1925/2011).

Depois de Brücke, Freud trabalhou e estudou durante cinco meses com o médico Theodor Meynert, um mestre da Psiquiatria Vienense que o possibilitou ter contato, pela primeira vez, com os doentes mentais e os tratamentos médicos utilizados. Apesar de não se atrair muito pelo campo da loucura, já levava em consideração a relação terapêutica. Freud muito admirava Meynert e, posteriormente durante suas pesquisas, retomou as suas teses. (Roudinesco, 2016). Os anos de laboratório foram para Freud tranquilos e preenchidos por novas amizades, inclusive, alguns assistentes acreditavam que logo lhe surgiria uma vaga de professor assistente. No entanto, a vaga não apareceu e, para seu incomodo, sua condição financeira permaneceu precária

Após receber o título de Doutor em 1881, no ano seguinte ingressou como Assistente Clínico no Hospital Geral da Áustria. Depois fora promovido como médico estagiário e trabalhou em diversos departamentos ainda sob a orientação de Meynert. Logo, tornou-se um grande atuante na área da anatomia cerebral, assim como fora na fisiologia. Tempos depois iniciou os estudos sobre as doenças nervosas, no entanto os materiais eram escassos, pois haviam poucos especialistas neste ramo na medicina.

Ainda em 1882, Freud, então com 26 anos, conhece sua futura esposa, Martha Bernays, 5 anos mais nova, de Hamburgo e oriunda de uma família judia de burguesia média, culta, liberal e muito tradicional quanto aos costumes morais (Bertin, 1990). Tornam-se noivos no mesmo ano, casando-se apenas em 1886, quando Freud finalmente abriu uma clínica. Durante o noivado, viam-se escassas vezes, pois Freud não possuía muitos recursos financeiros para visita-la, assim ficaram separados por três ou quatro anos até o casamento. Ele muito a desejava e segundo a

biógrafa Roudinesco (2016), Freud achava que Martha deveria se limitar à organização do lar, educação dos filhos e furtar-se a qualquer tipo de emancipação. A autora complementa:

Martha deveria ser sua princesa, ele afirmava, aquela a quem se oferecem mil presentes e roupas elegantes. [...] Zelava pela saúde dela, preocupava-se com seu peso e o tom pálido de sua tez. Em suma, o estado amoroso e a abstinência deixavam-no insuportável, despótico e irracional. (p.49)

Afirmava que não era somente sua esposa que deveria limitar-se ao zelo do lar, mas sim todas as mulheres, o que muito evidencia o discurso burguês da época sobre o posicionamento secundário feminino dentro da vida privada. Ele, inclusive, contradizia cada página da tese de Stuart Mill acerca da liberdade das mulheres e lhe era inconcebível competir com uma mulher no mercado, principalmente com sua doce e amada Martha. Isto parecia-lhe uma estupidez. Entretanto, admitia que um dia seria possível a chegada de um sistema que contribuísse para as novas relações entre homens e mulheres e que as leis e os costumes ofereceriam novos direitos às mulheres, mas uma emancipação total seria o fim de um ideal admirável, pois no fundo, acreditava que a “a natureza destinou a mulher através da beleza do encanto e da doçura, a algo a mais” (Gay, 2012, p. 52). Mas o que seria o “algo a mais”? Seriam os limites de uma vida privada puramente dedicada ao marido e ao lar e que lhe roubava a individualidade, os desejos e uma possível emancipação? Aparentemente, o ideal admirável para Freud era a reprodução dos moldes burgueses oitocentistas.

Apesar de estar sempre atento e preocupado à saúde e bem-estar de Martha, ele era extremamente ciumento e até autoritário. A proibia de dar intimidades para seus admiradores, dar o braço a um homem, e até certa vez sentiu-se ofendido quando Martha visitou uma amiga que teve relações com o noivo antes das núpcias. Talvez tal postura abusiva e controladora de Freud era oriunda de um estado de ânimo de constante angústia, neurastenia e grande inibição, a qual, no fundo, poderia ser uma forte insegurança. Além disso, sofria de diversas doenças somáticas como: mal-estares, síncope, distúrbios cardíacos e digestivos, enxaquecas, nevralgias de origem inflamatória e colites. Seu corpo nunca lhe dava sossego (Roudinesco, 2016).

No entanto, o autoritarismo de Freud com Martha também era fortalecido pelas circunstâncias de uma época onde a mulher deveria submeter-se ao poder maior do homem – sujeito da vida pública, sábio e dono de si. Na sociedade vienense, as mulheres estavam constantemente submetidas pela ordem/ autoridade masculina, e todos mandavam, fosse o pai ou o irmão, tal como ocorreu na família de Freud, quando sua irmã teve que renunciar ao piano porque lhe atrapalhava os estudos (Molina, 2012).

Martha, então, teve uma vida à sombra do marido e não pediu muito mais que isso, pois muitas mulheres acabavam por se conformar com o destino do casamento e dependência do marido. Tiveram seis filhos em nove anos, Anna era a mais nova e Mathilde a mais velha. Freud era um pai atencioso e amoroso e criou sua família de acordo com os costumes recebidos da mãe, já Martha era uma esposa perfeita e dedicada, não demonstrava mau-humor e nem se queixava do cansaço que sentia, como uma boa senhora burguesa que não deveria deixar em evidência o cansaço e esforços em manter o lar. Ela alimentava também nos filhos a admiração nutrida pelo pai deles.

Desde o princípio, Freud sabia que era com ela que deveria casar-se e não com Minna, sua irmã quatro anos mais jovem, a qual depois fora conviver com a família Freud, tornando-se a tia solteirona existente em tantas famílias. Ela era confidente da irmã e de Freud, desenvolvendo com ele uma boa relação de amizade “unida por uma cumplicidade que não cessará de intrigar aqueles que gostariam de descobrir falhas por trás da fachada daquela família unida” (Bertin, 1990, p. 109). Tal relação levantou posteriormente hipóteses entre os biógrafos de Freud, que especulavam se a relação entre Minna e ele não teria ultrapassado a linha da amizade.

Freud trabalhou no hospital geral durante três anos e de 1884 a 1887 interessou-se pelos estudos a cerca das propriedades da cocaína, até conhecida no meio médico por seus efeitos tônicos e euforizantes. Como sempre desejou fazer uma grande descoberta, realizou diversos estudos históricos e clínicos acerca do uso da cocaína no tratamento de doenças cardíacas, depressivas e estados de abstinência de morfina. (Roudinesco, 2016). Passou a consumir a droga como um estimulante para controlar seus estados depressivos intermitentes, aumentar sensações de bem-estar, ajuda-lo a relaxar em encontros sociais que lhe causavam tensão e simplesmente fazê-lo sentir-se mais homem. Durante as pesquisas, concluiu que a cocaína poderia substituir a Morfina ou aliviar dores, chegando até a publicar um artigo a respeito. Deixou de consumi-la definitivamente em 1892, já consciente do seu caráter viciante. (Gay, 2012)

Além das publicações a respeito da cocaína, publicou também, enquanto estagiava no Hospital, diversas observações clínicas sobre as doenças orgânicas do sistema nervoso, o que o tornou familiarizado ao tema. Seus diagnósticos ganharam fama e alcançou, inclusive, médicos norte-americanos. Entretanto, naquele momento pouco compreendia as neuroses. (Freud, 1925). Assim, absorvido pelos mistérios da mente humana e pelos estudos acerca das doenças nervosas - um ramo escassamente explorado em Viena- em 1885 Freud partiu para Paris, onde o renomado médico e cientista, Jean Pierre Charcot, brilhava com seus estudos sobre a histeria, uma enfermidade que afligia homens e mais preferencialmente mulheres.

Atuante nos ramos da Psiquiatria e Neurologia, Charcot² era uma celebridade social, gozava de um prestígio sem par e curava as paralisias histéricas através da sugestão hipnótica. Fora por influência dele que Freud aproximou-se da Psicologia e afastou-se do microscópio e experimentos no laboratório (Gay, 1989). Freud tornou-se aluno no famoso hospital Salpêtrieré, mas por ser um estrangeiro entre tantos, não recebeu muita atenção, no entanto, depois conseguiu aproximar-se de Charcot porque o mesmo necessitava de alguém que pudesse traduzir suas conferências para o alemão. Sem pensar muito a respeito, Freud (1925) ofereceu-se e afirma:

Charcot aceitou a oferta, fui admitido no círculo de seus conhecidos pessoais, e a partir dessa época tomei parte integral em tudo que se passava na clínica [...] Sem dúvida, nem tudo o que Charcot nos ensinou naquela época é válido até hoje: parte se tornou duvidoso, parte deixou definitivamente de resistir ao teste do tempo (pp. 08-09)

Após um ano de estágio com Charcot no Hospital Salpêtrieré, onde obteve conhecimentos acerca da eletroterapia, um método não muito admirado por si pela falta de êxito, e o Hipnotismo, método usado livremente em Paris para induzir sintomas e depois retirá-los, Freud retornara à Viena, casou-se com Martha Bernays após aproximadamente quatro anos de noivado e estabeleceu-se como especialista em doenças nervosas. Naquele período, logo apresentou à sociedade médica vienense o que vira e aprendera com Charcot, no entanto, fora rechaçado. A pesquisa e os casos apresentados foram considerados por alguns como algo inacreditável, já outros o solicitaram para que demonstrasse casos semelhantes aos vistos em Paris. “A impressão de que as altas autoridades haviam rejeitado minhas inovações permaneceu inabalável” (Freud, 1925/2011, p. 10). Após tal insucesso e como ninguém mais deixava-o expor suas pesquisas, acabou afastando-se da vida acadêmica.

Decidiu dedicar-se à clínica e nos primeiros anos, como método de tratamento, utilizava a hipnose, que se tornou seu principal instrumento de trabalho, afora os métodos psicoterapêuticos aleatórios e pouco sistemáticos também utilizados. Os pacientes recebidos eram aqueles neuróticos que passeavam entre os médicos por não terem seus males solucionados, fazendo Freud sentir-se muito lisonjeado em “desfrutar da reputação de ser fazedor de milagres” (Freud, 1925/2011, p.11). Entretanto, com o tempo percebeu o caráter pouco eficaz da hipnose, pois nem sempre conseguia hipnotizar todos os pacientes ou, então, eles não

² Célebre no mundo inteiro, o grande neurologista Charcot hipnotizava mulheres do povo internadas no Salpêtrieré. Diante de uma platéia de intelectuais fazia desaparecer e reaparecer os sintomas, paralisias ou convulsões, demonstrando que os sintomas histéricos não eram meras simulações como costumava-se pensar. Fora Charcot que abriu espaço para o conceito de Neurose e a história da histeria e origem da psicanálise se tornaram inseparáveis a seu nome, bem como, a história daquelas mulheres loucas – expostas, tratadas e fotografadas no hospital. (Zalberg, 2007)

mergulhavam em um estado profundo da hipnose como desejava. Assim, como nem sempre as sugestões hipnóticas eram totalmente eficazes, passava a perguntar ao paciente a respeito da origem de seus sintomas. Em estado de vigília, o paciente por vezes respondia ou, então, nada dizia. Freud acreditava que assim o método seria mais eficaz do que dar meras ordens, proibições sugestivas ou retirada do sintoma.

Os pacientes de Freud não eram dos mesmos grupos sociais, mas possuíam recursos e a maioria era feminina. Era uma clientela composta de “doentes dos nervos” como comentavam. Freud não levava em muita consideração as raízes sociais da histeria e também, naquele momento, ainda não via que para ricos e pobres a neurose era uma escapatória à rebeldia. As pacientes que visitavam seu consultório tinham o intuito de serem libertadas das prisões que estavam trancadas ou acreditavam estar, pois a servidão em que viviam criava um terreno particularmente favorável ao desenvolvimento das neuroses. (Bertin, 1990)

Entre 1886 e 1891, publicou pouquíssimos trabalhos científicos, pois estava mais focado em se estabelecer como profissional e assegurar financeiramente sua família. Enquanto atendia em seu consultório particular, também passou a acompanhar e trabalhar em casos de histeria atendidos pelo amigo e grande médico Josef Breuer, o qual constantemente conseguia fazer os pacientes falarem dos acontecimentos traumáticos, liberarem as emoções e depois eliminarem o sintoma. O método de tratamento por eles utilizado foi nomeado por Breuer com método catártico, cuja finalidade era fazer com que o afeto produtor do sintoma fosse repostado em uma linha normal onde pudesse ter uma descarga. Os resultados eram excelentes. Após longas observações e acúmulo de uma quantidade razoável de material, Freud propôs à Breuer que publicassem algo. Assim, em 1893 lançaram um artigo chamado a Comunicação Preliminar e em 1895 publicaram o livro Estudos sobre Histeria³. (Freud, 1925/2011). Além da amizade de Breuer, Freud também contava com Wilhelm Fliess, um médico judeu otorrinolaringologista, especializado em biologia e humanidades, que se tornou seu amigo por volta de 1890. Mantiveram uma correspondência por cartas durante 5 anos e Fliess fora muito importante também para o futuro surgimento da Psicanálise

Apesar dos bons resultados nos tratamentos, Breuer e Freud possuíam algumas divergências teóricas e com as críticas severas recebidas a respeito do livro que publicaram, as quais segundo Freud (1925/2011), deixaram Breuer magoado e desencorajado, o que fez com que ambos tomassem caminhos diferentes. Ademais, Freud já desejava tomar uma direção

³ Após Estudos sobre Histeria, Freud publicou outros artigos a respeito das Neuroses e dificuldades sexuais, despertando ainda mais a aversão de seus colegas acerca de suas teorias, inclusive porque eles já estavam assustados com as novidades vindas de Paris. (Mezan, 2005)

teórica e prática diferente e não muito desejada por Breuer, inclusive apresentando à comunidade médica uma teoria sobre a etiologia sexual das neuroses. Como que ninguém lhe deu crédito, nem mesmo o próprio Breuer, a ruptura fora inevitável.

Assim, o processo de desenvolvimento da Psicanálise ou da transição do método catártico para a Psicanálise propriamente dita, começou com o afastamento de Breuer. “O desenvolvimento da Psicanálise depois veio a custar-me sua amizade. Não me foi fácil pagar tal preço, mas não pude fugir a isso” (Freud, 1925/2011, p.12). E também, com caso de 1892 de Elizabeth Von R, uma paciente histérica, foi que os embriões da Psicanálise tomaram melhor forma, pois teve maior certeza da descoberta da etiologia sexual das neuroses. (Mezan, 2005). Ainda que sem o companheiro de interesses científicos, prosseguiu nos estudos e pesquisas, dedicando-se mais a fundo acerca da origem dos sintomas da neurose, percebendo, inclusive, que a teoria desenvolvida junto a Breuer no livro Estudos sobre Histeria estava incompleta, pois não focava a origem dos processos patológicos dos casos, mas sim uma descrição pormenorizada dos sintomas e características dos casos.

Com o tempo, abandonou a hipnose e optou por exigir que o paciente deitasse em um sofá enquanto ele permanecia atrás a escutar o que lhe era contado. Sabia que gradualmente o paciente retomaria as lembranças esquecidas pela consciência e iniciaria a catarse. Também observou que a relação entre médico e paciente era tão mais importante quanto todo o processo catártico de liberação dos afetos.

No decurso das observações clínicas e muito perspicaz aos diálogos dos pacientes, Freud (1925/2011) comenta em sua autobiografia:

Sob influência de minha surpreendente descoberta, dei então um passo importante. Fui além do domínio da histeria e comecei a investigar a vida sexual dos chamados neurastênicos, que costumavam visitar-me em grande número durante minhas horas de consulta. Essa experiência custou-me, é verdade, minha popularidade como médico, mas trouxe-me convicções que hoje em dia, quase trinta anos, não perdera em nada de sua força. (p.15)

O que ele se refere a expressão “custar sua popularidade como médico” é em referência ao fato de ter recebido diversas críticas e julgamentos por ter tocado em um assunto tão tabu e secreto para a conservadora sociedade vienense - a sexualidade, tão controlada e vigiada pela igreja, o estado e os próprios cidadãos. Entretanto, independente das más críticas recebidas, permaneceu entre observações e teorizações e já com certa experiência clínica adquirida com o tempo, constatou que muitos pacientes a padecer de neuroses graves, possuíam irregularidades no campo da função sexual.

Freud (1925/2011) percebeu que na síntese dos sintomas neuróticos havia um conflito produtor de uma excitação de ordem sexual. Um conflito comum ou oriundo de uma alguma experiência sexual do passado. Empolgado com a conclusão, afirma o seguinte:

Minha consciência médica sentia-se satisfeita por eu haver chegado a essa conclusão. Esperei ter preenchido uma lacuna na ciência médica, a qual ao lidar com uma função de tão grande importância biológica, deixava de levar em conta quaisquer danos além daqueles causados pela infecção ou por lesões anatômicas grosseiras. O aspecto médico do assunto era, além disso, apoiado pelo fato de que a sexualidade não era algo puramente mental (p. 16)

Naquele momento, a sexualidade era abordada apenas pelo viés biológico e fisiológico e a função do sexo era meramente o da reprodução. Freud fora o primeiro a apontá-la como um campo importante à saúde mental, isto é, como um possível produtor de sofrimento ou equilíbrio psíquico. Pouco a pouco, suas teorias passaram a escandalizar não somente o meio médico, mas a sociedade em si. O escandaloso não era porque Freud colocava o sexo na esfera orgânica, mas na esfera do psíquico, quebrando as fronteiras entre corpo e alma e “atribuindo ao sexo um papel na vida anímica que a moral da época não poderia suportar” (Mezan, 2005, p. 85). Assim, o discurso freudiano realizou progressivamente uma desconstrução da sexualidade, a retirando da lógica da reprodução biológica (Menegon, 2015)

Percebeu que por mais lento que o processo fosse, o paciente recordaria de algum modo os afetos, conflitos e desejos esquecidos na consciência, e após traduzir em palavras as observações colhidas, concluiu que na origem de um conflito mental há duas forças em dinâmica – o “instinto” e a “resistência”. O instinto – um impulso carregado de energia - busca alcançar a consciência para obter descarga e satisfação, mas ao ser freado pela resistência, é jogado para o esquecimento e reprimido. Era a teoria do recalque - a grande chave das neuroses - que envolve consequências quando o impulso reprimido se torna inconsciente e incapaz de ser descarregado e produção de sintomas resultantes de uma satisfação cuja finalidade real fora distorcida ou desviada.

Se um impulso sexual era reprimido e desviado, ele se tornaria posteriormente um sintoma. Então, em sua teoria objetivou analisar os traços psíquicos dos sujeitos que estavam sempre em busca de se adequar à lógica moralizante imputada pela sociedade. Compreendeu que os sujeitos tinham uma forte tendência a negar suas particularidades e desejos e de se

re-significar perante os mesmos, como consequência, produziam substitutos – os sintomas⁴ - muitas vezes patológicos que tentava dar conta de um corpo pulsional que não cessava de desejar. Em síntese, a sexualidade é vinculada ao desejo e à pulsão (energia/impulso/instinto). (Vasconcelos, 2015)

Assim, Freud mudou o objetivo de suas terapias, que não seria mais o “descarregamento” dos afetos desencaminhados, mas a revelação dos recalques, compreensão e aceitação/condenação do material recalçado. “Demonstrei meu reconhecimento da nova situação não denominando mais meu método de pesquisa e de tratamento de catarse, mas de Psicanálise” (Freud, 1925/2011, p.19). Com o avanço nos estudos do recalque e do novo método empírico de pesquisa, criou e aprofundou-se no conceito de Inconsciente⁵, pois percebeu que este era outro campo psíquico a operar na mente humana, escondendo conteúdos e afetos que foram rejeitados pela consciência. Desenvolveu a partir daí formulações importantes acerca do aparelho psíquico humano, como o conceito de libido e o posterior complexo de Édipo, outra chave para o melhor entendimento das neuroses. (Carlloni, 2011)

A Psicanálise considerava tudo de ordem mental como sendo, em primeiro lugar, inconsciente: a qualidade ulterior de ‘consciência’ também pode estar presente ou ainda pode estar ausente. Isto naturalmente provocou uma negação por parte dos filósofos, para os quais “consciente” e “mental” eram idênticos, e que protestaram que não podiam conceber um absurdo como o “mental inconsciente” (Freud, 1925/2011, p. 20)

Ou seja, o conceito de Inconsciente era completamente novo não apenas no meio médico, mas também para outros estudiosos, como os filósofos. Compreender que o aparelho psíquico mental humano era constituído para além da consciência era ainda inconcebível, pois se o que era “visível” eram os pensamentos conscientes, como seria, então, possível apontar a existência de outra instância mental totalmente invisível como o tal inconsciente?

Com o objetivo de sanar as dúvidas surgidas, Freud desenvolveu sua primeira teoria sobre o aparelho psíquico, também conhecida por primeira tópica freudiana. A teoria consistia em dividir o psiquismo em inconsciente, pré-consciente e consciente. O inconsciente seria a instância psíquica a guardar todo o material recalçado – afetos, desejos e emoções que agem sobre o sujeito sem que ele tenha conhecimento e justificados pela existência de um trauma de algum conflito passado. (Bianco, 2003). É atemporal, dialético, retém diversos afetos

⁴ Produção de um comportamento ou pensamento resultante de um conflito psíquico entre o desejo e os mecanismos de defesa (como a Resistência). O sintoma, ao mesmo tempo que sinaliza, busca encobrir um conflito e substituir a satisfação de um desejo. (Bock, 2001)

⁵ No tempo de Freud, as ideias de um inconsciente já eram muito ventiladas por vários autores, inclusive por Franz Brentano, de quem Freud foi aluno, e já falava acerca da existência de uma Pré-Consciência. No entanto, fora Freud quem ampliou essa discussão e amadureceu o conceito (Mendes, 2006)

ambivalentes, é estruturado pela linguagem e fonte de energia do psiquismo humano. O pré-consciente seria responsável por armazenar as informações ausentes da consciência, mas possível de serem acessadas quando e necessário e a consciência é todo material acessível ao sujeito. (Carlloni, 2011). O aparelho mental humano possuiria, então, estas três instâncias psíquicas de relações mútuas, mas sem qualquer ligação com a anatomia cerebral. (Freud, 1925/2011)

A partir dessa teorização buscou na prática clínica desenvolver os melhores meios para lidar com o inconsciente – tão misterioso e inconstante, apresentando-se sempre por seus efeitos de estranheza nos discursos dos sujeitos. (Bianco, 2003). Ao mesmo tempo, permaneceu a especializar-se nos estudos das neuroses e a peculiar relação entre a existência de um conflito atual ou passado e os impulsos sexuais reprimidos pela resistência da consciência. Além disso, como as doenças nervosas eram muita das vezes desacreditadas pelos médicos da época, os quais trabalhavam somente com o que era comprovado empiricamente (Carlloni, 2011), Freud era um dos poucos a atender pacientes a padecer de grave sofrimento neurótico, pois isso tanto empenhava-se em compreender e especializar-se na área. Entre as observações clínicas, comentou:

Em minha busca das situações patogênicas, nas quais as repressões da sexualidade se haviam estabelecido e nas quais os sintomas, como substitutos do que foi reprimido tinham sua origem, fui levado cada vez mais de volta à vida do paciente e terminei chegando aos primeiros anos de sua infância [...] encontrei-me diante do fato da sexualidade infantil – mais uma vez uma novidade e uma contradição de um dos mais acentuados preconceitos humanos. A infância era encarada como “inocente” e isenta dos intensos desejos, e não se pensava que a luta contra o domínio da sexualidade começasse antes da agitada idade da puberdade (Freud, 1925/2011, p.21)

Freud buscava olhar para além do corpo enfermo a fim de compreender os processos internos que o levaram a este estado e concluiu que, de fato, a realidade psíquica estava atrelada ao campo sexual não somente na vida adulta, mas também na infância (Vasconcelos, 2015). Entretanto, antes de chegar a esta conclusão, já diziam os estudiosos da natureza humana que as impressões do período inicial da vida, embora fosse parte esquecido, deixava vestígios ao longo do crescimento dos indivíduos e dariam margem ao desenvolvimento de algum futuro distúrbio nervoso. Após sua descoberta triunfante, Freud somente confirmara a hipótese e abordar a sexualidade infantil fora o achado na Psicanálise que mais teve contestação e explosão de indignação universal. (Freud, 1925/2011).

Os caminhos que o guiaram até a sexualidade infantil foram os relatos de possíveis cenas de sedução por parte dos pais de seus pacientes e a descoberta de que a maioria dos pensamentos e desejos reprimidos eram o resultado de conflitos de caráter sexual traumático ocorridos nos primeiros anos de vida do sujeito, os quais, posteriormente, transformavam-se em sintomas. Concluiu que o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, as estimulações nos genitais são inevitáveis na primeira infância, no entanto não são as únicas partes do corpo que geram prazer. (Freud, 1907/2011)

Assim, Freud passou a considerar a existência de uma função sexual presente desde o princípio da vida, logo após o nascimento e não apenas a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes e científicas da época, além disso, concluiu que o desenvolvimento da sexualidade é longo e complexo até chegar à sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção do prazer podem estar associadas tanto no homem como na mulher. (Bock, 2001). Mais uma vez fora contra a comum concepção da função sexual como unicamente de reprodução, chocando mais uma vez a comunidade acadêmica. Tal descoberta colocou inevitavelmente a sexualidade como o centro da vida psíquica.

Enquanto ouvia os depoimentos dos pacientes sobre as cenas de sedução infantil, chegou a mais uma nova descoberta que muito o surpreendeu e intrigou. Percebeu que muitas das cenas não foram, de fato, reais, mas sim fantasiadas. Foi neste momento que afirmou em sua autobiografia que a confiança em sua técnica e nos seus resultados obtidos sofreu um rude golpe, pois perplexo, não havia considerado até aquele ponto a importância de fantasias na manutenção das Neuroses. Concluiu que os sintomas neuróticos oriundos de impulsos reprimidos não estavam completamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos e que na Neurose a realidade psíquica era fundamental. Aqui, Freud já começava a tropeçar em sua futura teoria do complexo de Édipo, a qual “depois iria assumir importância esmagadora, mas que ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia” (Freud, 1925/2011, p.22).

Longe de unicamente servir para a reprodução, Freud (1925/2011) analisou que a função sexual antes da vida adulta normal inicialmente manifesta-se, por exemplo, por vias do Sadismo ou Masoquismo e nos impulsos de olhar e ser olhado (voyeurismo). É uma constante busca por prazer que geralmente está no corpo do próprio indivíduo, tratando-se de uma função não centralizada em uma única zona erógena do corpo e predominantemente auto erótica. É também dividida em três fases; a primeira no domínio dos componentes orais, a segunda no componente anal-sádico e a terceira nos órgãos genitais, servindo para fins reprodutivos (fase fálica). Após um intervalo de tempo, os impulsos sexuais desaparecem, durando até a puberdade,

período onde já terá se formado a estrutura da moralidade, vergonha e repulsa. É neste período que ocorre uma baixa da evolução da sexualidade (Bock, 2001)

Ainda a ouvir diversos e rudes julgamentos acerca de suas pesquisas e teorias, Freud (1925/2011) faz a seguinte crítica desdenhosa aos seus críticos assíduos:

É tão fácil alguém se convencer das atividades sexuais regulares, que não se pode deixar de perguntar, atônito, como a raça humana pode ter conseguido desprezar os fatos e manter por tanto a lenda impregnada do desejo da assexualidade da infância. Essa surpreendente circunstância deve estar ligada à amnésia que, na maioria dos adultos, oculta sua própria infância. (p.24)

Já era evidente para ele a importância fundamental da escuta e entendimento sobre os eventos ocorridos na infância de seus pacientes e de como a função sexual não era resumida aos órgãos genitais e reprodução, mas sim um campo que envolvia dinamicamente os desejos e demandas dos sujeitos. Além desta constatação, também lhe era puramente evidente de como diálogo sobre a sexualidade, principalmente infantil, deveras afetava homens e mulheres escandalizados e habituados a recalcar materiais psíquicos aversivos à moral civilizatória. Segundo Vasconcelos (2015), a teorização de Freud buscou analisar os traços psíquicos de sujeitos que se estruturavam dentro de uma lógica moralizante imputada pela civilização e possuíam a tendência em negar suas particularidades e desejos.

Muito do que Freud (1925/2011) descobriu a respeito da sexualidade infantil foi produto de suas observações, escutas com pacientes adultos e observações diretas com crianças. Antes de concluir toda a teoria acerca da importância da função sexual no adoecimento psíquico neurótico, já acreditava que a sexualidade não estava inteiramente ligada aos órgãos genitais, constituindo-se, em realidade, como uma função corpórea mais abrangente cujo objetivo era o prazer e só secundariamente a reprodução. Depois concluiu que os impulsos sexuais, por sua vez, seriam impulsos afetuosos de carinho e preenchidos por uma energia que chamou de libido, a qual é regredida quando algum impulso é reprimido. Durante a produção do sintoma a Libido irrompe para obter um meio de descarga.

A respeito de suas grandes descobertas iniciais, diz o seguinte:

As teorias da resistência e da Repressão do inconsciente, da significância etiológica da vida sexual e da importância das experiências infantis – tudo isto forma os principais constituintes da estrutura teórica da Psicanálise (p. 25)

A partir de então, a fim de expandir seu método de tratamento, passou a solicitar aos pacientes que não falassem de um assunto específico, mas o que lhes viessem à mente sem

qualquer julgamento crítico, pois acreditava que assim poderia melhor acessar suas histórias de vida, a origem dos sintomas e conflitos psíquicos traumáticos. Além disso, era por esse discurso livre que materiais conscientes e, sobretudo, inconscientes viam à tona sem nem mesmo os pacientes aperceberem-se. Freud denominou o novo método de associação livre. “Devemos, contudo, ter em mente que a associação livre não é realmente livre. O paciente permanece sob a influência da situação analítica, muito embora não esteja dirigindo suas atividades mentais para um assunto específico” (Freud, 1925/2011, p. 25). Os pacientes achavam que guiavam a sessão com seus diálogos soltos e não-lineares, mas quem, em realidade, os guiavam era o próprio Freud, que fazia perspicazes indagações coerentes aos discursos recebidos e mantinha a todo o tempo uma análise psicanalítica.

Além dos estudos acerca da etiologia das Neuroses, sintomas, métodos de tratamentos e conflitos da função sexual, Freud também se dedicou aos estudos da cultura, religião, moral, ética e dos sonhos e traumas, publicando em 1900 o livro “A Interpretação dos Sonhos”, o qual para sua infelicidade, fora mal recebido. A respeito deste lamentável período da sua vida e de seu novo métodos de pesquisa, Freud (1925/2011) comenta:

Por mais de 10 anos após meu afastamento de Breuer não tive seguidores. Fiquei completamente isolado. Em Viena fui evitado; no exterior ninguém me deu atenção. Minha Interpretação dos Sonhos, vinda a lume em 1900, mal foi objeto de críticas nas publicações técnicas [...] parecia-me que o principal obstáculo estava no fato de que meus adversários consideravam a Psicanálise como um produto da minha imaginação especulativa, e não estavam dispostos a crer no trabalho longo, paciente e imparcial que fora dedicado à sua elaboração. Visto que na opinião deles a análise nada tinha ver com a observação ou a experiência, acreditavam que eles próprios estavam justificados em rejeitarem-na sem experiência (pp.30-31)

É até coerente que para os médicos cientistas, uma teoria como a de Freud, sem elementos empíricos e sistemáticos estava longe de ser vista como ciência, pois afinal, ciência era todo material experimental que poderia ser visto a olho nu e comprovado, além disso, a intrusão do sexual na vida cotidiana pela Psicanálise fazia o público reprovar e se recusar inteiramente a aceitá-la. Ainda assim, Freud empenhava-se duramente em honrar sua Psicanálise com um estatuto científico, pois além disso, temia vê-la ligada à Religião ou a um sistema filosófico. (Mendes, 2006)

Pouco a pouco, nutriu fúria por Viena, a qual o deixava frustrado por não conseguir produzir, o fazendo seguir um caminho diferente do que sonhara, pois muitos o reprovava ou encarava com desdém. A hostilidade em si era em relação à sua teoria da sexualidade. Também o

fato de ser judeu⁶ em uma sociedade ainda antissemita somente aumentava a hostilidade recebida, por esta razão, em um movimento quase instintivo se uniu e fortaleceu laços com outros judeus, em cujo seio encontrou uma compreensão não científica, mas humana que muito o acolheu. Após a publicação da “Interpretação dos Sonhos” passou a viver em um ambiente exclusivamente judaico – conhecidos, familiares e amigos. Inclusive, no primeiro movimento psicanalítico, são os judeus os primeiros integrantes, mas como passou a recear que a Psicanálise se tornasse um assunto “nacional judaico” passou mais tarde e receber adesão de membros suíços. Quem mais rejeitava sua Psicanálise eram os austríacos (Mezan, 2005).

Após um período de isolamento, mas que mais o estimulava a aprofundar-se em suas pesquisas, alguns alunos em Viena passaram a reunir-se em torno de Freud. Em 1906, alguns psiquiatras de Zurique interessaram-se pela Psicanálise, como Carl G. Jung, e assim passaram a realizar congressos informais e publicação de livros. Psiquiatras suíços também manifestaram interesse, e a Psicanálise fora também despertada na Alemanha, tornando-se viva em congressos e comentários de escritores, apesar da pronta rejeição de alguns cientistas alemães. Em 1910, criou-se a “Associação Psicanalítica Internacional” liderada por Jung, dividida em outras sociedades locais e sobrevivente até a 1º guerra mundial.

Depois a Psicanálise ganhara força nos Estados Unidos, tornando-se conhecida por Psiquiatras oficiais e considerada importante nos estudos médicos e na França sua fama começou entre os homens de Letras. Durante esta jornada de sucesso, Freud (1925) declarou:

Naquela época eu contava com apenas cinquenta e três anos de idade. Sentia-me jovem e saudável, e minha curta visita ao novo mundo encorajava meu auto respeito em todos os sentidos. Na Europa eu me sentia como um Proscrito, mas ali me via acolhido pelos melhores como um igual. Quando subi ao estrado em Worcester para pronunciar minhas Cinco Lições de Psicanálise [1910a], isto pareceu a concretização de um incrível devaneio: a psicanálise não era mais um produto de delírio, tornara-se uma parte valiosa da realidade (p.33)

Gradualmente a Psicanálise deixou de ser um assunto puramente médico e tornou-se um termo ambíguo - originalmente era um método terapêutico específico, depois tornou-se a denominação de uma ciência dos processos mentais inconscientes. (Freud, 1925/2011). O que

⁶ Freud se relacionava de duas formas com o Judaísmo: com uma atração intensa pelo convívio com os judeus, sentindo um profundo bem-estar desse convívio, admiração pelos heróis da bíblia; e de outro, tinha plena convicção de que os judeus tinham mais dificuldade para conquistar as coisas que os outros, tinha uma impressão de se chocar com uma barreira sólida, construída por uma animosidade social contra seu grupo étnico. O antissemitismo que vivia na Universidade o preocupava, como quando ficou preocupado em saber quantos votos poderia obter para conseguir uma bolsa pleiteada para Paris. O Antissemitismo existia e podia, de fato, afetar a carreira do intelectual Judeu. (Mezan, 2005)

lhe fora um momento de gozo intelectual e profissional, também fora pessoal, pois, apesar do longo isolamento e repúdio geral, muito trabalhou, investigou e lutou para que sua nova ciência ganhasse o status acadêmico de relevância que passou a ter a partir do respeito e aderência de alunos e outros médicos psiquiatras à sua teoria, enriquecendo e divulgando-a.

Entre 1920 e 1923, Freud remodela a teoria do aparelho psíquico e desenvolve sua segunda tópica, agora introduzindo os conceitos de id, ego e super-eu para referir-se aos três sistemas da personalidade. O id, regido pelo princípio do prazer, é o reservatório da energia psíquica que guarda as pulsões (as características atribuídas ao inconsciente na primeira tópica são nesta atribuídas ao id.). O ego, regido pelo princípio da realidade, constitui-se como o sistema de equilíbrio entre as exigências do id e as exigências da realidade, buscando equilibrar as demandas pessoais do sujeito. É a sede dos processos defensivos. E, por fim, o super-eu constitui-se pela internalização das proibições, limites, autoridade e moral social, referindo-se as exigências sociais e culturais do mundo. Há uma interdependência entre os três sistemas e não se tratam de estruturas vazias, pois estão sempre habitados por um conjunto de experiências pessoais do sujeito em relação ao mundo, o que significa que para compreender o outro é necessário resgatar sua história pessoal de vida (Bock, 2001)

Freud concluiu que quando o Ego não consegue conciliar as demandas do Id com as exigências do Superego, o sujeito vive um sofrimento psíquico constante e para defender-se faz uso do Recalque, pois, ora, se lhe é proibido a vivência de alguma demanda oriunda do Id o que lhe resta é esquecer e recalcar para assim o ego obter um equilíbrio psíquico. Dessa complexa dinâmica surge o sentimento de culpa, muito presente nas Neuroses e produto da autoridade do super-eu – parte do sistema responsável pelo sujeito internalizar as leis e proibições sociais. Uma vez consciente da moralidade social, o próprio sujeito passa a proibir-se e, mesmo quando não tomou nenhuma postura amoral, mas desejou, o sentimento de culpa irrompe através da proibição autoritária do super-eu.

Por muito tempo Freud dedicou-se aos estudos das neuroses. Realizou grandes e inovadoras descobertas sobre a sexualidade adulta e infantil, formulou teorizações sobre o sistema psíquico e de personalidade e estudou acerca dos sonhos, conflitos de ordem sexual e método terapêuticos, e foi durante os relatos de cenas de sedução infantil que descobriu o complexo de Édipo – outro marco na teoria psicanalítica – caracterizado como o núcleo da Neurose e, ao mesmo tempo, clímax da vida sexual infantil. (Freud, 1925/2011)

Entre as três fases da função sexual, o complexo Édipo ocorreria durante a fase Fálica, quando a criança possui 3 a 5 anos de idade e trata-se do momento em que ocorre a estruturação da personalidade do indivíduo e formação do Superego. No Édipo masculino, a mãe

é o objeto de desejo do menino e o pai é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado. O menino busca, então, ser o pai para “ter” a mãe e escolhe-o como modelo de comportamento, internalizando regras e normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna. Posteriormente, por medo da perda do amor do pai, “desiste” da mãe, internaliza a lei paterna e passa a explorar e participar do mundo, formando o Superego. Este processo também ocorre com as meninas, sendo invertidas as figuras de desejo e de identificação. Freud fala em Édipo feminino.(Bock, 2001).

Segundo Nasio (2005), a criança edipiana fica feliz em desejar e obter prazer em, por exemplo, apertar todo o corpo da mãe, no entanto o prazer e o desejo a assustam, pois ela teme o perigo de ver seu corpo se desgovernar diante de seus impulsos, vivendo, então, uma constante ambivalência entre a alegria e a angústia de desejar os pais como parceiros sexuais, no entanto, quando chega ao fim deste período, resolve recalcar todas as suas fantasias, tornando-se disponível para conquistar novos e legítimos objetos de prazer. O Édipo, na concepção do autor, nada teria a ver com sentimentos de ternura, mas sim com corpos, fantasias, desejos e prazer, sendo também o momento em que a criança descobre progressivamente o poder, sentimento de culpa, senso moral e estabelece, por fim, sua identidade sexual de homem e mulher

Durante o princípio da formulação do complexo edipiano, Freud centralizou-se na universalidade do órgão genital masculino e na problemática da castração. Não haveria feminilidade, mas sim masculinidade e a questão edipiana fundamental era possuir um órgão genital masculino ou ser castrado. Somente após a puberdade, é que o sujeito teria uma polaridade sexual entre masculino e feminino (Freud, 1923/2011). É após a ameaça de castração sofrida, e temendo pelo seu próprio pênis, que o menino encerrará o Édipo, já a menina sentirá a ausência de um pênis como um dano sofrido, o qual procurará negar, compensar ou mesmo invejar este órgão genital ao longo da vida.

Freud (1923/2011) considerava o genital masculino como universal para todas as crianças e que a masculinidade combinaria com atividade e posse do pênis, e a feminilidade com objeto e passividade. Ao avaliar o Édipo na menina e sua constituição psicosssexual, o pensamento era o contrário, pois considerava o genital feminino com um certo grau de inferioridade, pois a lógica era - se não havia o pênis, o que havia era um órgão genital mutilado, não prevalecte e que serviria somente de abrigo ao pênis. Por fim, para chegar a uma teoria efetiva, Freud levou alguns anos e publicou três artigos com importantes contribuições a respeito do complexo edípico na mulher⁷ e seu desenvolvimento psicosssexual.

⁷ A respeito da teoria freudiana do desenvolvimento psicosssexual feminino, ver o Capítulo II desta pesquisa.

Este é um ponto chave de contradição em sua teorização, pois se por um lado, Freud ajudou no alívio do sofrimento neurótico de mulheres através de uma melhor escuta e compreensão de suas demandas, as manteve fincadas no conservadorismo de uma sociedade masculinista através de uma teoria embasada, no fundo, no modelo da sociedade patriarcal vigente. Freud fora um médico psicanalista com olhos para além de seu tempo, trazendo contribuições científicas ousadas, inovadoras e que rompiam com as amarras da moralidade, porém quando dialogava sobre o sujeito feminino e os enigmas da feminilidade era um exímio burguês conservador vienense.

A respeito desta singular contradição freudiana, Molina (2012) observa:

Quando a Psicanálise é convocada para o debate sobre a construção do feminino, titubeia entre vagas considerações e vícios de uma certa virilidade dominante. Abraçava um fundamentalismo fálico que vaticina o feminino a ser um desdobramento masculino. Um avesso. Freud tem uma intuição nova e um veredicto velho. O desejo aprisionado da mulher e o matrimônio como solução. (pp.15-16)

Freud intercalava entre o novo e o velho, vivenciando uma ambivalência característica de uma sociedade vienense marcada por desavenças e contradições entre antigo mundo feudal e novo campo da modernidade. Trouxe para o âmago da sua teoria a noção de conflito e um aparelho psíquico à semelhança do que ocorria naquela sociedade. (Molina, 2011) A psicanálise se fazia como uma ciência nova, mas também trazia sentenças velhas, comuns e reguladoras quando a questão era falar, principalmente, sobre o a constituição psíquica e sexual da mulher. O “fundamentalismo fálico” citado por Molina (2012) refere-se à afirmação de Freud (1923/2011) a respeito do desenvolvimento sexual infantil e a existência de uma não primazia dos órgãos genitais em si, mas sim uma primazia do Falo durante o Édipo.

A principal característica dessa “organização genital infantil” constitui, ao mesmo tempo, o que a diferencia da definitiva organização genital dos adultos. Consiste no fato de que, para ambos os sexos, apenas *um genital*, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do *falo*. Infelizmente só podemos descrever esse estado de coisas no que diz respeito ao menino, falta-nos o conhecimento dos processos correspondentes na menina. (p. 152)

O falo é outro importante conceito psicanalítico que Freud desenvolveu ao dialogar sobre a terceira fase do desenvolvimento sexual infantil – a fase fálica. É durante este período que a criança nutre maior interesse em conhecer os seus órgãos genitais próprios e os de outras crianças. Como afirmou em 1923, para meninos e meninas há somente um órgão genital prevacente – o masculino – e a lógica sexual infantil é separar os sujeitos em fálicos (com

pênis) ou castrados, pois o Falo vem de uma lógica mono-sexual, que não admite diferenças e nem outro sexo, sendo por esta razão que o órgão feminino ainda é desconhecido nesta fase. (Gallop, 2001).

Quando aponta a questão da primazia fálica da sexualidade infantil, Freud refere-se a uma lógica de “ter ou não ter o falo” que as crianças vivem durante o Édipo. Ao considerar, apenas a existência do órgão genital masculino, as crianças acreditam que todos os seres o possuem e são sujeitos fálicos. Aqueles que não o possuem são inferiores e castrados. São estas diferenças sexuais que as fazem desenvolver realidades psíquicas e elaborar um valor (virilidade) a quem possui determinada forma anatômica, no caso o pênis, pois ele é o órgão universal. A genitalidade infantil ópera sob a égide do Falo; só há um genital – o masculino para ambos os sexos (Poli, 2007).

Como as crianças atribuem um significado valor ao órgão sexual masculino, não bastando possui-lo para evitar o medo da castração, os meninos, ao perceberem a ausência de pênis nas meninas passa a temer a perda do seu, já a menina sente-se automaticamente castrada e inferiorizada por alguém ter lhe roubado o pênis tão cobiçado, sendo esta castração algo que a marcará como uma falta-fálica. A menina buscará posteriormente o seu falo perdido na figura do pai – aquele que é detentor do pênis, ou seja, aquele que tem algo a mais - ou em um filho, preferencialmente menino. (Ribeiro, 2007).

No decurso de sua análise, fica explícito que marca o pênis como um elemento central da lógica do Édipo (melhor esmiuçada no capítulo a seguir desta pesquisa) e do desenvolvimento psíquico dos seres. Uma vez que os meninos receiam tanto a perda do seu pênis e as meninas o invejam e sentem-se fatalmente castradas, o pênis seria, então, o falo – o elemento da lógica “ter ou não ter”?. Apesar dos diversos textos publicados, não fica claro em sua teoria se há uma efetiva relação do pênis-falo, o que Freud realmente nos expõe é um Falo que marca a genitalidade infantil como um elemento fundamental na compreensão do Édipo e de suas consequências no desenvolvimento psíquico e sexual dos sujeitos, uma centralidade do pênis e o posicionamento do masculino como um campo fálico/ ativo e o feminino como secundário/passivo. A sexualidade da mulher é sempre tida por castrada, passiva e masoquista e entra em contrastaste com a masculina, fálica, ativa e sádica. (Vieth, 2013)

Esta caracterização teórica leva-nos a intrigante questão: por quais razões demarcou o campo masculino e feminino como ativo e passivo? Foi um mero e único resultado de observações clínicas ou o resultado de um pensamento pessoal e próprio da época? Na Viena de Freud, a sociedade era marcada por homens donos do mundo público e de mulheres silenciadas em uma vida privada e doméstica do lar e se em sua lógica de médico burguês considerava como

universal o órgão genital masculino, poderíamos interpretar que ele vinculava sua teoria ao retrato de uma época, pois eram os homens os sujeitos de maior presença e poder social. Segundo Brennan (1989) o fato de um sexo parecer mais visível que o outro o conferirá privilégio em um mundo onde a sua própria presença já é um privilégio. Era a lógica da presença. Neste sentido, a universalidade do pênis na teoria de Freud é coerente se considerarmos sua época.

Apesar da descoberta de uma inovadora ciência dos processos mentais que muito ajudou no tratamento das doenças nervosas, Freud, em síntese, era um médico que não abandonou algumas bases médicas para embasar suas análises. Por exemplo, para compreender a oposição masculino-feminino, usou a diferença anatômica dos seres, pois acreditava que a biologia era responsável pela diferença psíquica entre homens e mulheres. (Molina, 2011). É esta mesma importância conferida a anatomia que vai marcar sua análise do Édipo, pois a todo o tempo demonstrava-se fixado na dinâmica das imagens e presenças dos órgãos sexuais, como aponta na lógica infantil edípica de “ter o pênis ou ser castrado”. No fundo, a biologia para si era importante, apesar de não explicar de todo modo as patologias humanas como os médicos da época pensavam.

Freud não estava sozinho, ele reproduzia e compartilhava dos pensamentos do século XIX. O órgão sexual masculino, ao contrário do feminino – tão misterioso e estranho aos olhos da medicina - sempre fora visível aos olhos dos médicos estudiosos da sexualidade humana e naquela época a função social e o exercício sexual dos sujeitos eram estabelecidos de acordo com os valores atribuídos ao seu sexo anatômico - um traço próprio da modernidade. É nesse período historicamente circunscrito que o pênis efetivamente se confundia com o Falo na teoria freudiana, pois afinal, Freud fazia e era afetado pelo seu tempo. O pênis é falo porque é visível, assim como o homem que o possui, e como o feminino é indizível e se faz enigma, representa na fase fálica a castração, porque é ele o sexo que não se dá a ver, assim como a mulher que é silenciada e confinada à solidão do lar. (Poli, 2007)

Aquele que era mais olhado e visivelmente desejado recebia o valor fálico de atividade e virilidade, tal como as crianças fazem durante o período edípico, e é por esta razão, que o homem burguês do século XIX conferia-se, inevitavelmente, como um sujeito fálico e dominante, diferente da mulher, subjugada às leis da domesticidade e usualmente dependente de uma figura masculina, o pai, o marido ou mesmo os irmãos.

A medicina social do século XIX constituía a mulher como frágil e com as faculdades afetivas sobre as intelectuais devido razões biológicas, ou seja, acreditavam que estas eram características naturais do feminino, assim elas deveriam renunciar à sua sexualidade para terem

uma vocação materna. Isso tudo ao contrário do homem, dono da força física e de uma natureza autocrítica, racional e uma sexualidade sem freios. (Soihet,1997) Assim, buscavam de todo modo o enclausuramento da sexualidade e desejos da mulher, pois misteriosa, desconhecida e ignorada, a sexualidade feminina atemorizava e oscilava entre dois polos contrários: a avidez e a frigidez, no limite da histeria. (Perrot, 2007). Não é à toa que Freud recebeu em seu consultório tantas mulheres a padecer de um sofrimento neurótico histérico e enlouquecidas e rebeldes com a repreensão cotidiana de uma sociedade conservadora que as reduzia sexualmente à reprodução e socialmente à família.

A análise de Freud acerca de um secundário e passivo desenvolvimento psicosssexual feminino não fora unicamente fruto de suas observações clínicas e nem somente do pensamento recorrente, pois ele próprio idealizava os homens e os caracterizava como sujeitos sérios e comprometidos com a civilização, enquanto isso a mulher seria relegada a defender o território doméstico na esfera da família e sexual, sem interesses coletivos (Molina, 2011)

Embora tenha recebido e escutado diversas mulheres cansadas da vida doméstica e que viviam as ebulições e transformações sociais sofridas por Viena, Freud as deu voz, mas também as manteve enclausuradas ao analisa-las social e sexualmente através de uma ótica masculinista, como quando coloca o feminino muito dependente do masculino ao classificar, em 1923, a vagina como um lugar de abrigo ao pênis. No fundo, Freud mesmo alocava o homem como um sujeito ativo e de poder, diferentemente da mulher, cuja construção de uma identidade fora a partir da absorção discursos masculinos pelas próprias mulheres (Soihet, 1997). Por esta razão, resta-nos a reflexão se toda, ou parte, de sua teoria psicanalítica do desenvolvimento e diferença psíquica entre seres não era, de fato, a reprodução de um pensamento subjetivo somado a um discurso sociocultural de uma época.

Após muitas investigações, observações clínicas, pesquisas e publicações, Freud (1925/2011), concluiu que a sua ciência e sua vida estavam intimamente entrelaçados, dividindo a história da Psicanálise em duas fases: a primeira em que, segundo afirmou na autobiografia, ficou sozinho e fez todo o trabalho (1895-6 até 1906 ou 1907) e a segunda, em que fora acometido por uma grave doença. Declarou a psicanálise como uma ciência poucas vezes capaz de lidar com um problema de maneira completa, mas que parecia estar fadada a prestar valiosa ajuda nos mais variados campos do conhecimento, como por exemplo, na Psicologia, com a qual forma um complemento de maior significado. Em 1930, recebeu o Prêmio Goethe, ponto clímax de sua vida como cidadão e declarou acreditar que a história da Psicanálise continuaria, pois ela comprovou conseguir sobreviver e desenvolver-se como um ramo de conhecimento e método terapêutico.

Segundo Mezan (2005) Viena foi mais filha da Psicanalise do que qualquer outro lugar poderia ter sido. Com sua imagem de cidade alegre, jovial e da arte, vivia de máscara e de ilusões, pois, em realidade, era uma cidade conservadora que buscava mascarar as diferenças através de uma bela ornamentação. Do ponto de vista social, político e cultural, ela é uma capital das ilusões e ideal para a Psicanalise porque em primeiro lugar, é a cidade em que se educou e formou seu criador, em segundo, foi ali que surgiu o primeiro movimento psicanalítico e núcleo de propagação da nova ciência, e em terceiro, fora através das análises dos peculiares conflitos psíquicos dos cidadãos vienenses que Freud descobriu os mecanismos das neuroses e um novo método de pesquisa terapêutico eficaz ao tratamento dos sofrimento neuróticos, construindo progressivamente uma ciência revolucionaria aos moldes tradicionais da época.

A Psicanalise descobriu um lugar singular na cultura, que era o de fazer resistência a qualquer tipo de visão de mundo que impedisse o sujeito de se expressar singularmente sobre o amor, o ódio, a vida e a morte. Se tornou uma ciência crítica aos discursos dogmáticos que negavam o direito à subjetividade e desprezavam o particular, uniformizando os sujeitos. Diminuiu as fronteiras entre os fenômenos normais e patológicos, os quais, ante do seu surgimento estavam muito bem delimitados, se prende aos fatos do seu campo de trabalho, procura resolver os problemas da observação, tateia pela experiência humana e se mantém inacabada para deslocar-se ou modificar-se. A partir da interpretação das associações livres dos pacientes, Freud introduziu uma nova escola de valores ao pensamento científico e criou um modelo de cientificidade original, voltado à escuta do incoerente e da inquietante estranheza que habita o homem, para além da sua memória (Fuks, 2007) Foi por esta desconstrução dos discursos padrões morais que a Psicanalise inicialmente fora tão rejeitada.

O psicanalista Mezan (2005) faz a seguinte importante observação a respeito da Psicanalise e seu criador:

Freud era efetivamente positivista, e seu projeto era o de introduzir as concepções e os métodos da ciência no território da alma, até então reservado aos poetas, romancistas e filósofos [...] A influência de Viena sobre o jovem Freud, que nesta sociedade formou o seu caráter e sua concepção de mundo, me parece de certa relevância para as descobertas que viria a fazer mais tarde. Mas há um elemento irreduzível a esta influência: a singularidade do próprio Freud, a única e específica combinação das circunstancias de sua personalidade e das oportunidades que se lhe apresentaram, no modo e na sequência em que elas ocorreram. (pp. 293-296)

Ainda que, como todo sujeito social, Freud tenha sido produto de um meio, é fundamental considerar que os seus pensamentos subjetivos também influenciaram a construção

de sua ciência, a qual possivelmente também fora afetada pelos discursos socioculturais dominantes, como é o caso da teorização acerca da sexualidade feminina. Como era preso à uma concepção iluminista e burguesa da época, em que a diferença entre os sexos era um fato designado pela natureza e pela biologia de sua formação médica, não conseguiu perceber que as mulheres que atendia estavam insatisfeitas com o papel e o lugar reservado pela sociedade. Assim, acabou por formular uma teoria que reforçava o enclausuramento, passividade e ligação da feminilidade à maternidade, algo que os discursos sociais já faziam. Apesar disso, propunha que o processo de sexuação de homens e mulheres não era reduzido à anatomia, biologia e natureza, pois possuíam também uma elaboração psíquica. (Nunes, 2011)

Para dialogar com um autor é fundamental observar as condições sociais e culturais e discursos reproduzidos em sua época com o objetivo de melhor compreender como e por quais razões elaborou uma teoria. Freud fora um médico cientista inovador e ousado para o seu tempo, entretanto possui algumas lacunas em suas teorias, as quais são, inevitavelmente, frutos de um pensamento dominante de uma época tradicional e conservadora, tendo posteriormente recebido críticas e releituras de suas teorias por outros psicanalistas, como, por exemplo, Jean Jacques Lacan.

Portanto, como sua concepção acerca do desenvolvimento psíquico e sexual feminino é peculiar e traz questões problemáticas como a dependência sexual e social de um campo masculino pelas mulheres e demarcação às mesmas de uma posição não-fálica, de *falta* e castrada, este será outro importante ponto de investigação desta pesquisa. Como a teoria de Freud foi também fruto de uma época, objetivamos neste capítulo analisar as condições históricas, sociais, culturais e políticas da sociedade em que viveu afim de melhor compreendermos por quais discursos o autor fora interpelado. No capítulo a seguir, teremos por objetivo um maior foco na análise das condições socioculturais que as mulheres do tempo de Freud viviam e de que modo construiu e desenvolveu sua teoria acerca do desenvolvimento psicosexual feminino. A mulher não-fálica castrada freudiana fora, de fato, um produto exclusivo de sua época?

CAPÍTULO II

A Mulher sob a ótica Freudiana

2.1 A mulher vienense e a esfera privada

No século XIX, um quase princípio de mulheres oriundas de famílias burguesas ou aristocratas era ser uma esposa impecável, isso significava manter a harmonia e organização do lar gerenciando todo o espaço doméstico (pagamento e fiscalização dos criados e ensinar ou auxiliar os filhos nas tarefas escolares). Viviam, inclusive as mulheres de classe média, inteiramente em função dos deveres da esfera privada, diferentemente das mulheres camponesas e operárias que necessitavam trabalhar para ajudar no sustento da família, e, portanto, muito cedo adentravam a esfera pública.

Ao casar-se a mulher tornava-se dona-de-casa e desse modo perdia o sobrenome que era substituído pelo sobrenome do marido. Deveria, entre outras obrigações, proteger a família e quase não tinha direitos. Era sexualmente reduzida ao dever conjugal e a maternidade, e se não administrasse adequadamente a ordem doméstica, poderia receber corretivos do marido, pois a violência doméstica⁸ era uma prática tolerada e admitida, desde que não fosse excessiva. Se os vizinhos escutassem os gritos de uma mulher, não interferiam, postura que se matem sendo, ainda, bastante comum atualmente (Perrot, 2007)

A educação não tinha como foco a inserção na vida pública, pois de acordo com o imaginário da época, o principal dever das mulheres era cuidar dos filhos, marido e do lar. O importante era educá-las para a administração da vida doméstica. Manter as mulheres ignorantes a respeito dos assuntos políticos, sociais e científicos refletia um desejo social de silenciá-las. Na primeira metade do século XIX não haviam muitas escolas para meninas⁹. Assim, as jovens de famílias aristocratas ou burguesas eram educadas em casa por governantas; logo após vinha o casamento e passavam a dedicar-se somente a casa e à educação dos filhos.

Diferente dos meninos, os seus estudos eram básicos e simplórios e apenas obtinham um diploma elementar não obrigatório dos estudos secundários, não tinham acesso à universidade e a diversão dos prazeres juvenis era proibido. O destino final era sempre o casamento, principalmente se tivesse um dote suficiente para ter um marido, no contrário, ficaria solteira o resto da vida, o que lhe era uma vergonha imensa, pois “a mulher sozinha desperta

⁸ De acordo com a historiadora Michelle Perrot (2007), a quantidade de mulheres que apanhavam do marido era enorme e tolerado pela vizinhança, principalmente em casos que a esposa tinha a reputação de ser uma dona-de-casa relaxada. Apanhar e bater era um cotidiano normal entre os casais, mas depois passou a ser reprovado a partir do final do século XIX, e crianças eram já eventualmente retiradas do lar quando havia maus-tratos.

⁹ Apenas em 1902 que criou-se escolas intermediárias para meninas com disciplinas em línguas, ciências naturais, física e matemática. Em 1904 fundaram 6 ginásios para meninas e somente em 1919 passaram a ser aceitas em ginásios de rapazes (Bertin, 1990)

desconfiança, reprovação e zombaria” (Perrot, 1991, p.299). Sobre a questão da educação feminina:

Estudar, para uma adolescente burguesa, significa se preparar para desempenhar seu papel de mulher no lar: cuidar de uma casa, dirigir empregados, ser a interlocutora do marido e a educadora dos filhos. Para isso não há necessidade de saber latim nem dominar conhecimentos científicos especializados, bastando um verniz de cultura geral, de artes recreativas – música e desenho – e uma formação teórica e prática em economia doméstica – cozinha, higiene, puericultura. (Martin-Fugier, 1991, p. 237)

Havia a crença de que a instrução mais formal desviaria as mulheres de seu real papel, o de dona de casa e mãe, por isso uma educação, estritamente voltada para a execução desse papel social. Outro fator que corroborava para manter as mulheres atreladas aos deveres do lar, era a falta de reconhecimento do trabalho feminino fora de casa. De acordo com Hobsbawm (1988), a melhor chance era conseguir uma renda através do casamento, pois ligar-se a um homem com bons rendimentos seria benéfico. O autor acrescenta:

Com o casamento tornava-se extremamente difícil sair de casa a fim de ganhar dinheiro, mesmo que ela quisesse, em parte porque os trabalhos domésticos e os cuidados aos filhos e ao marido a mantinham amarrada a casa e, em parte, à própria suposição de que um bom marido devia ser, por definição, um bom arrimo de família, intensificando a convencional resistência dos homens de que a esposa trabalhasse (p.280)

Nesse contexto as mulheres que trabalhavam eram consideradas desnaturadas, excetuando as de classes sociais mais baixas, onde a própria situação de privação e pobreza evitava este julgamento. Estas, em geral eram lojistas, feirantes, donas de pensão ou pequenas comerciantes (Hobsbawm, 1988). Mas tal como as mulheres abastadas, as mulheres camponesas também se deparavam, com a hierarquia social de uma sociedade patriarcal, levando uma vida regrada pela família e de acordo com os ritmos dos campos

Em síntese, nas sociedades europeias o casamento era um divisor de água na vida de homens e mulheres. Através deste contrato muito característico da vida burguesa, as famílias se uniam. Havia uma valorização da vida conjugal e o divórcio era praticamente inexistente. A família era um patrimônio e deveria ser evitada qualquer desonra e esta era uma das responsabilidades a ser conservada pelas mulheres. A infidelidade conjugal era um erro grave, porém para os homens havia uma tolerância quase absoluta (Perrot, 1991).

Na passagem do século XVIII para o XIX, no interior da ordem familiar burguesa, a mulher se tornou objeto de interesse dos médicos, a partir da preocupação com a mortalidade

infantil, a medicina ocidental descobriu a importância da relação mãe-filho, e a maternidade como uma função exclusivamente feminina. Perrot (1991) acrescenta:

a partir da necessidade de redefinir a posição da mulher na família e na sociedade europeia, observa-se uma nova forma de pensar a diferença entre os sexos e paralelamente uma nova concepção sobre a mulher (...) os médicos vão rejeitar a imagem do sexo feminino como imperfeito e passam a olhá-lo como sexualmente perfeito; o útero é considerado um órgão nobre e característico da mulher. O corpo feminino vai passar a ser tratado como possuindo características específicas, que determinariam sua vocação para a maternidade (p. 105)

A medicina parecia reduzir à função social da mulher ao seu aparelho reprodutor. A utilização do discurso naturalista na diferença entre os sexos foi um fenômeno comum da modernidade. Além disso, a mulher-mãe e a própria romantização da maternidade (comum também nos tempos atuais) era também uma forma de desconstruir um tipo de pensamento religioso de séculos anteriores de associar a mulher a ordem do mau e do pecado.

Inclusive, esta imagem da mulher maléfica, misteriosa e perigosa, Freud ainda encontrou no final do século XIX enquanto estagiava em Paris com Charcot. Acreditava-se que a histeria, predominantemente feminina, era associada à feitiçaria e à possessão demoníaca e por isso os homens a controlavam (Zalberg, 2007). Por esta razão vincular a mulher à imagem da maternidade era associá-la a ideia de bondade, afetividade, docilidade, pois se uma mulher era mãe, ela automaticamente seria capaz de amar e sacrificar-se. Para os princípios de uma sociedade burguesa com seus princípios de moralidade este modelo era ideal e foi assim. Que ao longo dos séculos às mulheres foram associadas à vocação para o amor. A esse respeito Zalberg (2007) é enfática,

A necessidade de amar, a ternura, a sensibilidade, a total dependência em relação ao amado e seu devotamento a este, aparece cada vez mais como atributo especificamente feminino, o amor continua, ao longo dos séculos, a se impor como um polo constitutivo da identidade feminina. Essa ideologia do amor contribui, de certa forma, para reforçar a representação da mulher como dependente econômica e socialmente do homem, incapaz de assumir a autonomia de sua vida, um padrão constitutivo da sociedade por séculos não questionado (p.12)

O discurso social que identificou a mulher como um sujeito mais propenso ao amor, também, fortaleceu os demais que tentaram enclausurá-la. As mulheres não somente eram vistas com maior capacidade de amar, mas também com maior predisposição a adoecer de amor, isso por não conseguir dominar suas emoções e sentimentos. Tal sentimento, acabava por adoecê-la,

sendo o amor materno o maior e mais importante de todos os amores. Ou seja, um transbordamento sentimental a aprisionava, ao contrário dos homens, sempre mais sábios e racionais. Segundo ainda Zalberg (2007), Freud no seu exercício teórico não cessava de falar acerca da importância disso. Nesse sentido, faz da dimensão amorosa uma questão muito mais feminina do que masculina e é essa questão do amor feminino um dos principais eixos de sua teoria da sexualidade feminina

É importante ressaltar que a reinterpretação do corpo feminino e da diferença entre os sexos foi a maneira encontrada de restabelecer a hierarquia entre homens e mulheres. Transformar a mulher em mãe foi um processo que determinou uma reformulação profunda da imagem do sexo feminino, por isso toda a sua educação era exclusivamente voltada aos deveres básicos de cuidar do lar e dos filhos. Assim, para o exercício dessa função seria necessário dedicação total. Isso implicava anular a ideia do espaço público, sendo a esfera privada o seu lugar de pertencimento. O estatuto de cidadã também deveria ser excluído. Quanto a sua sexualidade, a preocupação era adestrar o corpo feminino, tendo em vista a procriação e o casamento (Nunes, 2011)

Neste cenário, a cidade de Viena não era uma exceção na modernidade europeia. Bertin (1990) observa que as regras de civilidade eram muito respeitadas, não cabendo questionamentos. A família tinha um lugar de honra. Meninos e meninas recebiam uma criação rígida e deviam respeitar os mais velhos. As meninas da média burguesia e de classe social mais alta deveriam aceitar os costumes e estarem prontas para preencherem as funções que os homens as destinavam.

A educação das moças ricas e pobres obedecia a essa lei, que as mães mais amorosas, mesmo tendo consciência de sua insatisfação em seu simples papel de esposa e intendente, nada farão para transgredir. À margem do mundo masculino, elas vivem entre si, mães e filhas, irmãs, amigas, amantes e criadas, compartilhando suas alegrias (p.11)

Os homens, por sua vez,, viviam uma vida pública recheada por negócios, estudos e divertimentos. Á eles era possível desfrutar dos dias como bem quisesse. A vida privada do lar, que para a mulher era muitas vezes um confinamento, era para o homem um refúgio, pois ali ele descansava do trabalho e do mundo exterior. A mulher deveria fazer de tudo para tornar o lar esse refúgio harmônico idealizado como um ninho e essa idealização levava a idealização da personagem da senhora do lar. Por outro lado, a mulher além de educar os filhos, deveria privilegiar os momentos em família, receber visitas, vigiar os criados, reger o ritmo do tempo privado, imprimindo-lhe uma regularidade e obedecer algumas regras básicas, como não sair

sozinha na rua, pois aquela que era vista como uma “mulher pública” caía em profundo descredito social. (Martin-Fugier, 1991)

Os homens (tal como hoje, mas com avanços significativos) eram o sexo dominante e as mulheres seres humanos de segunda classe, pois não tinham direito à cidadania. Assim como a política a economia também era uma atividade do sexo masculino. Ambas as atividades eram masculina e essencialmente discutidas em cafés e tavernas. As mulheres permaneciam no privado. Se a mulher exercia alguma influência política era somente por meio do homem. “A subordinação da mulher era universal, aberta e orgulhosamente anunciada pelos homens” (Hobsbawm, 1988, p. 294)

É um contexto em que havia todo um universo de comunicação dentro do seio familiar. Dialogavam acerca do amor, dinheiro, ódio e vergonha. Os problemas eram resolvidos no próprio seio doméstico da forma mais sutil possível, exceto as famílias que viviam no campo, onde a violência era comum. As mulheres eram as principais vítimas da violência familiar. Manter a harmonia era um meio de garantir a razão, no entanto, a loucura era vista como um refúgio à infelicidade familiar e os desequilíbrios familiares e sexuais eram as principais fontes de insanidade (Perrot, 1991). O diálogo sobre sexo era quase inexistente e se houvesse era visto como imoral. O pudor evitava o surgimento deste tema, que mesmo proibido, era sempre cochichado em segredo entre homens ou mulheres, as quais sofriam uma repreensão sexual intensa, devendo utilizar o sexo apenas para vias da reprodução. Ao longo do século XIX, haviam diversas proibições do sexo e da masturbação pelos discursos médicos e psiquiátrico. (Appignanesi, 2011)

O sexo dentro do seio familiar era cercado de silêncio, sendo o campo que mais havia desigualdade entre homem e mulher. Apesar de ser um assunto proibido e a relação sexual somente permitida no casamento, ao homem a sociedade era mais permissível, pois a sua virilidade era uma proeza fálica e ele podia atentar contra o pudor das mulheres sem nenhuma punição, já a sexualidade feminina era controlada pela igreja, cuja função era de fundamental importância. Os rosários e as congregações das Filhas de Maria aprisionavam a jovem numa intensa rede de práticas e proibições com o objetivo de proteger-lhes a virgindade. (Perrot, 2011). Porém, não eram apenas os discursos religiosos que controlavam a sexualidade feminina, também os novos discursos científicos dos médicos limitando-a à anatomia. A medicina ganhava um novo impulso e se tornou uma ferramenta tanto de bem-estar social do homem como também da pesquisa científica. Os médicos constantemente emolduravam a mulher como um sexo mais fraco e frágil por sua constituição e mais suscetível à loucura. (Appignanesi, 2011)

Para as mulheres, o sexo não deveria ser utilizado para fins de prazer, nem na relação com o próprio marido, pois acreditava-se que o prazer poderia interromper a concepção. O próprio órgão genital feminino era ainda muito desconhecido e talvez, fosse por este mesmo desconhecimento a razão da busca para reprimir sexualmente as mulheres, pois o desconhecido gerava medo e dúvidas.

Segundo Roudinesco (2016), no imaginário social da sociedade da segunda metade do século XIX, a irrupção do feminino era uma perigosa ameaça que deveria ser controlada. Como muitas mulheres sofriam de doença dos nervos ou histeria, temiam que uma irrupção da sua sexualidade histérica ou nervosa fosse devastadora aos moldes morais da época. Era preciso submetê-la à função materna.

A historiadora complementa:

Os médicos e os demógrafos afirmavam que a mulher devia ser primordialmente mãe, afim de que o corpo social estivesse em condições de resistir à pretensa tirania de um gozo feminino liberado de seus entraves e suscetível, diziam eles, de destruir a sociedade (p.34)

O feminino parecia ser temível e a melhor forma de lidar com isso era pela via do controle social. O adoecimento “nervoso” de tantas mulheres era uma consequência da repreensão sexual sofrida diariamente. Os desejos considerados proibidos e imorais eram recalcados junto com a energia pulsional e deveria ser descarregada, mas como a satisfação destes desejos era expressamente proibida, esta energia era descarregada sob a forma de diversos sintomas. Eis a neurose. Segundo Roudinesco (2016), o desejo e a sexualidade feminina foram pontos de alto interesse para Sigmund Freud, que longe de rejeitá-lo ou julgá-lo ameaçador para a sociedade, quis melhor apreender a sua significação, explorá-lo e verbalizá-lo

No começo da modernidade, a manutenção da aparência, da harmonia familiar, e a execução correta dos padrões sociais e morais era uma prática cotidiana e a vigilância entre si era algo constante. Ninguém deveria sair do “politicamente correto”. Foi neste contexto que também a medicina avançou, principalmente, porque o surgimento de novas doenças demandava tratamentos mais efetivos. A neurastenia e a neurose, conhecidas por “doenças dos nervos” eram comuns e afetavam mais as mulheres. Os homens, porém, não estavam imunes, entretanto, eram as exigências da vida pública a justificativas do seu adoecimento. Havia a crença de que as mulheres adoeciam constantemente por serem mais frágeis, o período menstrual e o puerpério, também, eram encarados como potencializadores do desenvolvimento da doença nervosa,

especialmente o puerpério. Se a mulher adoecesse logo após ao nascimento do filho, ela estava doente da “loucura puerperal”.

Muito observador do contexto em que estava inserido (particularmente dos diálogos lineares ou confusos dos pacientes). Freud (1908/2011) percebeu que a própria cultura da época impunha aos indivíduos a prática da abstinência sexual até o casamento, obrigando àqueles que não se casavam a permanecerem abstinentes por toda a vida. Reprimir um instinto tão poderoso como o sexual e a sua satisfação, era para o nosso autor, um ato perigoso, pois consumia-causava o empobrecimento interno dos indivíduos. Acreditava que a função sexual era um fator básico na etiologia das neuroses, pois os indivíduos com necessidades sexuais insatisfeitas buscavam uma satisfação substituta. Para Freud, todos os fatores que prejudicavam a vida sexual deveriam ser vistos como fatores psicogênicos das neuroses.

No caso dos homens, a luta contra a sexualidade lhe consumia toda a energia quando o jovem precisava de mais forças para conquistar um lugar na sociedade. A abstinência sexual não contribuía para produzir homens energéticos e autoconfiantes. No caso das mulheres, em função da severa educação que recebiam e as submetiam à moral civilizatória, as decepções conjugais as faziam contrair neuroses mais graves que lançavam sombras em suas vidas. Em suma, a moral sexual da época restringia as relações sexuais mesmo dentro do casamento ou obrigava o casal a se contentar com poucos atos procriadores. Isso levava o casamento ao fracasso em poucos anos. Freud tinha uma frieza radical que não fazia concessões à moralidade convencional, a atacou e mostrou como ela tornava as pessoas doentes (Appigananesi, 2011).

De acordo com a autora Freud:

Mais drasticamente, transformou a criança supostamente inocente da sensibilidade vitoriana em um ser sexual, e a família idealizada em uma zona de desejos e conflitos potencialmente trágicos [...] a moralidade sexual civilizada, a falta de satisfação da libido, seu atraso ou distorção através dos padrões de vida e casamento do fim do século XIX e início do século XX, proibição contra a contracepção e a pura ignorância sobre sexo produziram, destacou Freud, ansiedade e doença (pp.199-204)

Como um crítico ao seu tempo, Freud percebeu o que, talvez, estava claro somente para poucos. A doença não poderia ser resumida ao orgânico-biológico, mas era fruto, também, de uma cultura castradora que exigia esforços psíquicos intensos de homens e mulheres. Os mais fracos caíam inevitavelmente em sofrimentos neuróticos de razões desconhecidas e complexas e Freud não tardou a formular um método terapêutico que melhor auxiliasse estes sujeitos. No caso das mulheres percebeu que o papel que lhes fora atribuído era insuficiente para o alcance das suas satisfações por isso elas permaneciam constantemente insatisfeitas. Em sua experiência

clínica observou os impasses entre a concepção de mulher daquela época e o verdadeiro desejo das mulheres (Nunes, 2011). Percebeu que muitas caíam no adoecimento neurótico porque conflitavam entre os seus desejos e deveres.

Por outro lado, as severas exigências da abstinência causavam efeitos nocivos e evidentes. A educação utilizava medidas drásticas para suprimir a sexualidade da jovem até o casamento, a protegendo da tentação, durante o seu desenvolvimento, de qualquer impulso amoroso que não a conduzisse ao casamento. Quando a jovem enfim recebia autorização para se apaixonar, não estava apta a essa realização psíquica e chegava ao matrimônio insegura dos seus sentimentos. Em função do retardo da função erótica, não conseguia oferecer nada ao homem, pois em seu comportamento físico demonstrava frieza e permanecia presa a figura dos pais. (Freud, 1908) observou que o desconhecimento do corpo e dos modos de obtenção de prazer eram as razões cruciais que levava a este comportamento frígido, pois como desfrutar do prazer pelo outro sem conhecer o próprio corpo?

Segundo Appigananesi (2011), o comportamento feminino construído na época aprisionava as mulheres em um modelo de perfeição. Como as expectativas eram altas, pois recebiam uma educação repreensiva, era comum que muitas caíssem em exaustão psíquica, encontrando na doença um refúgio às infelicidades e exigências do casamento ou da família. A doença para essas mulheres era um modo de se rebelar ao sistema de obediência a que eram submetidas diariamente e, assim, no palco da histeria¹⁰ realizavam inconscientemente ou conscientemente as suas fantasias e desejos proibidos.

Foram estas mulheres insatisfeitas com uma condição social que as castrava a sexualidade e a subjetividade que adentraram o consultório de Freud em busca de um possível lugar de escuta e compreensão. Freud ofereceu a elas um espaço de fala e manifestação aos diversos sintomas histéricos, sinais de rebeldia frente à uma sociedade fálica e masculina. Do mesmo modo reconhecia que a moral sexual civilizada limitava muito mais as mulheres que os homens e por isso elas adoeciam intermitentemente.

No entanto, será durante a sua posterior formulação do Édipo feminino que vai obter maior compreensão do desenvolvimento psicosssexual da mulher. Após muitas observações clínicas, Freud concluiu que o sofrimento das mulheres histéricas, taxadas de “degeneradas” pelos médicos que eram incapazes de extrair-lhe dos órgãos e tecidos o responsável pelo

¹⁰ A história da histeria é longa e se estende até os egípcios e gregos. Acreditava-se que o útero era uma entidade capaz de se locomover livremente pelo corpo da mulher, perturbando tudo o que estivesse em seu caminho, gerando problemas físicos ou mentais. Já o Cristianismo tornou a histeria como algo da ordem da sobrenatural, um sinal de possessão demoníaca – as convulsões, a mudez e os acessos eram vistos como sinais do diabo. Somente na renascença que a Histeria migrou/voltou para o campo da Medicina, ao final do século XVII, mas foi no século XVIII que passaram a ver como uma “neurose” generalizada. (Appigananesi, 2011)

sofrimento delas, era sempre de amor. A conversão das pulsões psíquicas em sintomas físicos ocorria devido a impossibilidade de expressão através da palavra acerca do que sentiam, pois preferiam guardar em segredo os pensamentos, emoções e afetos que poderiam ser vistos como proibidos ou imorais a fim de conservarem-se na linha moralizante.

Segundo Molina (2011) enquanto ainda trabalhava com Josef Breuer, Freud percebeu que através dos sintomas, essas mulheres mostravam vontade de viver e falavam verdades da alma com as mentiras do corpo. Em suma, ficavam confinadas ao espaço doméstico, onde mal tinham a possibilidade de viver anseios e fantasias sexuais ou não, tão logo escondidas assim que surgiam, pois poderiam demonstrar o quanto era incompatível com o ideal doméstico de feminilidade imposto. O refúgio geralmente era a leitura ou a escrita e o uso do diário, uma prática feminina muito comum. “O amor, o casamento e a maternidade deveriam constituir na única fonte de prazer e felicidade feminina” (Nunes, 2011, p. 108). Mas como contentar ou conformar-se como uma vida tão limitante, questionavam-se.

Refletir e dialogar acerca destes conflitos existenciais e sociais era uma necessidade constante e como não o conseguiam ou nem podiam, refugiavam-se na rebeldia da doença, que era um sofrimento, mas também motivo de gozo, uma vez que assim conseguiam a concretização de algum desejo, nem que fosse o de ser escutada e admirada pelos olhos ambiciosos e intrigados dos médicos da mente.

De acordo com os médicos o que também levava as mulheres a adoecerem dos nervos era a tentativa de se incrustarem na esfera masculina através de um trabalho intelectual junto a um exaustivo sentimento de amor. Estes fatores eram responsáveis pela exaustão nervosa feminina. [...] As contradições de um tempo que exigia submissão e aquiescência do feminino idealizado enquanto pregava o dinamismo geral na cultura podiam levar a mulher para a ação ou para a cama (Appignanesi, 2011, p. 112).

Sendo o homem considerado socialmente mais hábil e, portanto, apto a esfera pública, enquanto a mulher, um ser naturalmente frágil e dominada pelas emoções, era normal e compreensível, a conformação de um discurso que justificasse um maior adoecimento feminino a fim de manter a hierarquia injusta da diferença sexual dos gêneros. Essa ideologização quanto mais reduzia o sujeito feminino a uma posição passiva, engessada, sem mobilidade e questionamento, mais a conservavam no vínculo naturalizado de uma imagem de pureza e passividade - ideais encarados como fundamentais à uma sociedade moralmente correta. Isso, por outro lado, levava mais mulheres a uma situação de adoecimento. Se os homens eram os sujeitos públicos e produtores das leis e deveres morais, eram, também construtores da manutenção de uma certa ordem, inclusive do comportamento feminino.

A este respeito, Appigananesi (2011) faz a peculiar observação:

Ironicamente, os teóricos que mais advertiam as mulheres a não se desviar de sua esfera natural da reprodução, aqueles que viam a aspiração intelectual como um caminho para uma variedade de distúrbios nervosos e físicos eram homens que sofriam eles próprios de uma série de doenças “nervosas”. Por exemplo, Darwin, que sofria uma variedade de sintomas físicos sem causa. (p. 121)

O próprio Freud também sofreu, por vezes, de sintomas sem causa orgânica efetiva. Assim, se homens e mulheres padeciam de um sofrimento similar, era porque havia razões, talvez, similares, então porque classificar somente as mulheres como as mais predispostas à adoecerem, limitando-lhes o seu papel social? Naquele contexto social se eram apenas os homens (fosse na ciência médica ou na religião) que estudavam e dialogavam a respeito das mulheres, também, muito provavelmente seriam eles a definir os destinos delas como sujeitos social.

Os homens estabeleciam um duplo discurso: dos homens para os homens e dos homens para/sobre as mulheres, as quais não gozavam de uma autonomia. A relação de diferença se convertia numa hierarquia de desigualdades. As mulheres não eram tratadas como sujeito, mas sim como coisa cuja, fala e atividade era controlada ou mesma impedida, além disso, aquelas dotadas de erotismo ou destacadas com inteligência eram, de acordo com a crença social, despidas do sentimento de maternidade e por isso eram um perigo extremo à sociedade. A maternidade era vista como uma característica inata feminina (Soihet, 1997).

No entanto, a função materna não é natural e muito menos inata, tornou-se assim devido a reprodução de um discurso social. Seria o controle do feminino, este baseado no medo das pulsões eróticas da mulher, realmente capaz de causar algum desequilíbrio social? Neste caso, a própria doença dos nervos já era em si um modo das mulheres desequilibrarem a moral da civilização. Em suma, Freud atendeu incontáveis vezes estas mulheres, advertidas contra os usos de exercícios, do trabalho e da liberdade da mente. Eram elas que desenvolviam problemas nervosos, os quais eram mais vinculados pelos médicos às suas funções especificamente femininas, do que as condições gerais da suas vidas.

Algumas delas, inclusive, tiveram seus casos clínicos famosos e descritos no então Estudos sobre Histeria que Freud e Breuer publicaram em 1895. O tédio da vida doméstica enlouquecia algumas mulheres, pois viviam uma energia excessiva que não apenas as deixavam loucas, mas condenava a quem elas deveriam servir, no caso o marido ou familiares. A histeria feminina, doença nervosa mais comum da segunda metade do século XIX, era uma loucura sexualizada cheia de contradições, que representava todos os papéis femininos com uma variedade de sintomas (Appigananesi, 2011)

Freud mergulhou lentamente no universo feminino, abrindo um espaço para que ali elas dialogassem livremente (método terapêutico que usava) conteúdos conscientes e inconscientes surgidos em formas de chistes ou atos falhos. Freud, foi sem dúvida um dos primeiros médicos que largou o bisturi e os laboratórios para sentar-se atrás do divã e ouvir as palavras soltas, incoerentes, mas profundas de suas pacientes. O que muitas mulheres desejavam era falar, pois o uso das palavras não lhes era um obstáculo tão ruim, e fora exatamente isso o que Freud as ofereceu.

Apesar de ter dado voz à tantas mulheres em sofrimento, a teoria que Freud posteriormente construiu sobre o desenvolvimento psicosssexual da mulher é limitante e supõe lacunas, embora se torne compreensiva se a vincularmos ao seu período de construção. Freud por um lado foi muito sábio, mas ao mesmo tempo cego quanto ao desejo reivindicativo das mulheres sobre a liberdade de desejar, pois, no fundo, sua teoria acabou por mantê-las em um posicionamento psíquico e sexual secundarizado.

Ele ainda era prisioneiro de uma concepção iluminista (como qualquer homem do seu tempo) em que a diferença entre os sexos era um fato designado pela natureza e sua teoria de sexualidade feminina reforçou a assimilação da feminilidade ligada à maternidade, ou seja, sua concepção de mulher, tropeçava no ideal feminino materno predominante de sua época (Nunes, 2011). Guiado pela famosa questão “afinal, o que que a mulher?” realizou diversas observações clínicas, pesquisas e publicações a acerca da sexualidade feminina apesar de não ter chegado a uma conclusão definitiva, mas inevitavelmente reforçou as concepções da época. Por fim concluiu que a feminilidade era um enigma.

Examinaremos a seguir a construção de sua teoria da sexualidade feminina e como esta esboça o retrato de uma época, na qual os homens eram os principais sujeitos ativos e fálicos. A questão do posicionamento não-fálico da mulher, que marca o seu desenvolvimento psicosssexual como castrado e incompleto, é um ponto intrigante e problemático na teoria de Freud que merece ser melhor compreendido, apesar de esta argumentação sustentar-se em uma época na qual tantas mulheres mergulhavam em uma insatisfação diária, levando o imaginário social-científico a acreditar que elas possuíam uma insatisfação psíquica mais constitucional.

Em uma sociedade mais contemporânea em que o lugar de sujeito feminino reelabora-se como mais independente e autônomo no campo subjetivo, social e sexual, a mulher castrada e invejosa do pênis, outrora formulada por Freud, ainda se sustenta?

2.2 A Sexualidade Feminina na teoria Freudiana

Antes de mergulhar no universo da sexualidade através de observações clínicas e da criação da Psicanálise, Freud outrora já havia se deparado e conflituado com sua própria função sexual. Na infância, como toda criança que passa pelo marcante complexo de Édipo, via sua mãe como uma mulher viril e sexualmente desejável, se excitando certa vez com a nudez dela em uma viagem. A sua babá ele considerou como sua professora de sexualidade, o que posteriormente levantou suspeitas de que ela o teria bulinado quando pequeno. Na adolescência, teve atitudes ambíguas a respeito da sua sexualidade, pois, se por um lado sofria com as frustrações de uma sociedade exigente a ponto de considerá-la a causa dos mais sombrios tormentos subjetivos, por outro via a exibição pulsional como algo negativo ou destrutivo. As desordens do Eu deveriam ser controladas (Roudinesco, 2016)

A partir das investigações clínicas acerca da etiologia das neuroses, Freud defrontou-se novamente com o campo da sexualidade para a sua surpresa. E como já dito, observou que por trás de todo sofrimento neurótico havia sempre, ou quase sempre, a presença de traumas infantis, conflitos e fantasias de ordem sexual. Com base nesses elementos concluiu, para o grande choque da comunidade acadêmica, que a sexualidade não se iniciava na vida adulta, mas sim na infância. Para ele, a sexualidade não se resumia ao mero ato da reprodução, mas sim a um campo de pulsões eróticas prazerosas e desprazerosas ao sujeito, como, por exemplo, o simples ato da amamentação do bebê ou o tocar o corpo do outro e ser tocado.

Defendia enfaticamente a necessidade de investigar e penetrar afundo na infância dos neuróticos durante a análise, pois era na infância que se percebia os primeiros florescimentos da vida sexual e as forças instintivas de uma futura neurose. (Freud, 1925/2011). Também considerava fundamental a análise dos conflitos e fantasias sexuais conscientes ou inconscientes na compreensão dos sintomas neuróticos, pois ambos guardam uma energia psíquica que quando é recalcada sempre busca depois ser descarregada. Se não era através da concretização do desejo conflituoso/fantasiado que a produziu, era através do sintoma. Em suma, ele acabou por revolucionar o campo da sexualidade, afirmando que a causa das doenças psíquicas e físicas era uma repreensão das pulsões eróticas (Chauí, 1984)

Em plena época moderna, diálogos acerca da sexualidade ou do sexo eram intensamente reprimidos entre homens e mulheres. Era um assunto permeado de tabu, falsas crenças, temor, curiosidade e desejo. Nos grupos masculinos era um assunto conversado aqui e ali sem tamanha repreensão, mas entre as mulheres era estritamente proibido, de modo que, eram elas a sofrerem maior repreensão sexual, sobretudo porque, aquela mulher movida por seus desejos eróticos era

amplamente julgada e considerada “inútil aos deveres da maternidade”. O próprio discurso médico que afirmava que o prazer feminino no ato sexual atrapalharia a concepção já as amedrontava e por isso falar de sexo era cercado de pavor.

A sexualidade era, e ainda é, traumática, surge do inesperado, surpreende na estranheza e angústia o sujeito frente ao enigma: de que se trata? Ela atropela a existência de homens e mulheres de dentro ou de fora, como uma pulsão até então desconhecida, que gera sensações e desejos até, talvez, incontroláveis. Vem de fora a partir de um “gesto externo” como uma leitura, um olhar insistente, uma imagem, ou com um toque. Seja de dentro ou de fora, a sexualidade acorda como um soco, com violência (Philippe, 1997). Por ser assim tão assustadora é que é constantemente negada, reprimida e esquecida, principalmente em uma época cuja moral civilizatória era exigente e controladora. Por isso mesmo Freud (1908/2011) já se questionava se esta moral sexual civilizada valia o sacrifício que impunha, afirmando que a restrição da atividade sexual em uma comunidade produziria medo da morte e ansiedade ante a vida e, isso perturbava a capacidade dos indivíduos para o prazer.

Foi a partir das observações clínicas com suas pacientes e da construção da teoria do Édipo que Freud empenhou-se em melhor compreender a constituição psíquica e sexual das mulheres, além disso, era por esta via que acreditava conseguir responder ao enigma da feminilidade. Longe de julgar o sofrimento e os sintomas histéricos das mulheres como feitiçaria ou possessãodemoníaca, percebeu que aquele sofrimento era um meio de elas serem percebidas como sujeitos que necessitavam de maior liberdade. Tratava-se de dar voz aos seus desejos. O desejo feminino lhe era uma questão intrigante, por isso se permitiu a oferecer uma escuta mais sensível à tantas mulheres que padeciam neuroticamente.

Foi com mulheres insatisfeitas com a sua condição social, refletidas em seus sintomas histéricos, que Freud se deparou. Eram mulheres que tinham dificuldade em se adaptar a este ideal feminino que poderia ir contra seus desejos. Os tratamentos psiquiátricos, com todas as duchas frias e demais corretivos, não foram capazes de esfriar os ânimos dessas mulheres, que acabaram chegando às mãos e aos ouvidos de Freud. (Nunes, 2011, p. 107)

Eram mulheres em busca de um tratamento para além dos moldes psiquiátricos e que as permitissem dialogar e serem ouvidas como assim desejavam. O tédio da vida doméstica, a sua redução subjetiva e social à maternidade e o acúmulo de energia psíquica e pulsões eróticas recalçadas as enlouqueciam ou adoeciam constantemente. A fala e a escuta eram para elas um meio de aliviar-se, pois assim não somente descarregavam a energia de pensamentos e

sentimentos inibidos ou aversivos socialmente, como também entravam em um processo de maior auto-conhecimento fornecido pelas análises de Freud.

A medida que escutava mulheres históricas, ele percebeu que a economia libidinal delas não poderia ficar aprisionada nas poucas realizações de um papel social limitante. O desejo dessas mulheres chocava com a essência feminina materna e passiva estabelecida pela ciência e elas tinham dificuldades em tornarem-se autônomas em um contexto onde o feminino era negativo e desqualificado. Os desejos deveriam ser reprimidos, o que as fixava na dependência do desejo do homem. (Nunes, 2011).

O que inicialmente impulsionou o interesse de Freud pela investigação acerca do psiquismo feminino, fora a formulação da sua segunda tópica - Id, Eu e Super-eu. A observação de que nesta, ao contrário da primeira, havia uma diferença na estruturação subjetiva dos sexos e que o Super-eu, herdeiro do complexo de Édipo e guardião das imagens parentais e instância da moral e das leis, teria um destino diferente em homens e mulheres o deixou curioso a perceber melhor como o desenvolvimento psíquico da mulher diferia-se do homem.

Outro fator favorável desta nova investigação, foi a construção da teoria do Édipo. Primeiramente, seu maior entendimento era a respeito do Édipo nos meninos, tendo iniciado mais precisamente suas análises no artigo “A Organização genital infantil (um acréscimo à teoria da sexualidade)”, publicado em 1923. As observações descritas ainda eram prematuras e o foco maior era no complexo edípico masculino. Quanto às meninas, ele ainda não tinha uma conclusão muito clara, alegando que o processo seria similar em meninos e meninas. Entretanto, quando depois observou que o Édipo feminino se mostrava mais complexo e nebuloso que o masculino, seu interesse aprofundou (Zalberg, 2007)

Ainda no mesmo artigo, Freud (1923/2011) comenta que durante a terceira fase do desenvolvimento sexual – fase fálica – surge nas crianças um maior interesse em seus órgãos genitais, sendo neste momento que elas vão curiosamente olhar, tocar, investigar e criar suas próprias teorias a respeito destes. A organização genital infantil seria diferente da adulta pelo fato de que há apenas um órgão genital prevaiente – o masculino - e, os meninos, por exemplo, creem durante certo tempo que todos os outros seres vivos, tanto pessoas como animais, possuem um órgão genital semelhante ao dele, buscando até objetos inanimados com uma formação análoga. O pênis¹¹ para um garoto pequeno é a parte de seu corpo que mais se

¹¹ Geralmente, a criança dá pouca atenção às outras partes dos genitais masculinos – o saco escrotal e o seu conteúdo. Pelo o que se ouve nas análises, não se poderia imaginar que os genitais masculinos incluem alguma coisa além do pênis (Freud, 1923/2011)

excita facilmente, pois é rica em sensações, ocupando, então um alto lugar de interesse narcísico na sua vida.

No decurso de suas pesquisas, posteriormente o menino descobre que nem todos tem um órgão genital como o seu, quando por exemplo, percebem ou desconfiam que há algo de diferente nas meninas devido à outra postura que elas fazem ao urinar. A reação a este fato é a negação da ausência do pênis ou suposição de que o membro estivera lá, mas por alguma razão fora retirado. Para Freud (1923/2011), a disposição à homossexualidade, depreciação e horror às mulheres pelos homens vem desta convicção de que ela não possui um pênis, salvo aquelas que o menino acha ser digna, como a sua respeitada mãe, a qual consegue conservar o seu pênis por muito tempo.

O órgão genital feminino é descoberto pelo menino somente quando ele observa a cerca o nascimento das crianças, descobrindo que apenas as mulheres podem ter filhos. Até lá o genital feminino permaneceno desconhecido, tanto para o garoto pequeno, como para o próprio Freud, que tecia em 1923 poucas observações sobre o órgão e desenvolvimento sexual feminino. Neste artigo, ele ainda não investiga o complexo de Édipo propriamente dito, pois seu foco é complementar sua teoria da sexualidade infantil, mas fica já visível um inicial protagonismo do masculino em sua análise, e talvez, despreocupação com o campo feminino, tal como a sociedade em que vivia o fazia. Como conclusão a respeito da sexualidade infantil, ele diz:

No estágio da organização genital infantil que então se segue há masculino, mas não feminino; a oposição é: genital masculino ou castrado. Apenas ao se completar o desenvolvimento, na época da puberdade, a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. O masculino reúne sujeito, a atividade e a posse do pênis, o feminino assume o objeto e a passividade. A vagina é então estimada como abrigo do pênis, torna-se herdeira do ventre materno (Freud, 1923/2011, p. 155)

As análises de Freud decerto vieram das observações clínicas e diálogos com adultos e crianças (apesar de sua clientela ser majoritariamente adulta). No entanto a análise acima não se encaixaria perfeitamente bem aos padrões sociais e morais da sociedade vienense da época e que tinha por critério social: aos homens – a atividade do mundo público e às mulheres – a passividade da vida doméstica do lar? Esta é uma questão intrigante que já nos faz refletir em uma interpolação dos discursos culturais nas análises freudianas.

Uma colocação pertinente que Freud ainda faz neste artigo é a afirmação de não haver uma primazia dos órgãos genitais, mas sim uma primazia do falo. O falo é um conceito-chave na psicanálise, analisado e relido diversas vezes por outros psicanalistas. Quando Freud constrói o conceito da primazia fálica ela já nos guia para uma dimensão mais simbólica do que

propriamente real (algo que posteriormente a psicanálise Lacaniana fará enfaticamente) e acaba, talvez, por fazer uma associação, ou levar-nos à isso, de que o pênis configura-se como falo – o símbolo do que falta ao sujeito. Uma questão importante a ser feita é porque Freud privilegiou o membro masculino como protagonista em sua teoria do desenvolvimento psicosexual infantil? Ou como questiona a psicanalista Zalberg (2007), de que modo o pênis, em sua existência ou não, adquiriu uma significação tanto para o menino como para a menina?

No ano a seguir, em 1924, Freud publica o artigo “A dissolução do complexo de Édipo” complementando o anterior e buscando compreender este período mais amplamente. Primeiramente, ele classificou o Édipo como um período central na vida sexual das crianças na primeira infância, não reconhecendo ainda com clareza o que leva-o ao fim, pois suas análises apenas demonstraram que há uma dolorosa decepção experimentada durante este processo. A conceituação básica e mais popular do Édipo em que a criança toma o progenitor do sexo oposto como objeto de amor é exposta neste artigo, tendo Freud (1924/2011) afirmado que essa experiência do enamoramento é inevitável, apesar de ser sempre insatisfatória.

A menina pequena, que pretender ser amada pelo pai acima de tudo, algum dia sofre uma dura punição por parte dele e se vê expulsa do paraíso. O garoto que vê a mãe como sua propriedade, nota que ela passa a dirigir seu amor e seu cuidado a um recém-chegado. (p. 186)

Como a criança, iludida em seu desejo esperançoso, acaba por se frustrar por não tê-lo concretizado já que há uma proibição direta ou indireta que evita esta possível concretização, Freud concluiu que o Édipo desaparece pelo seu próprio fracasso, consequência de uma impossibilidade, ou, porque chegou o momento da sua desintegração (outra hipótese aferida). O órgão genital masculino permanece em seu protagonismo e o feminino ainda não fora descoberto.

Neste artigo Freud (1924/2011) expõe a questão do complexo de castração – uma etapa sempre presente e importante do período edípico - e ainda se mantém muito mais ligado à formulação do Édipo masculino do que feminino. No caso dos meninos, ele demonstra que o complexo oferece duas possibilidades de satisfação: uma passiva e outra ativa. Ele pode masculinamente querer se colocar no lugar do pai e tomar a mãe como objeto de desejo e tal como este se relacionar com ela, pois o pai é um empecilho, ou substituir a mãe e se fazer amar pelo pai (a mãe se tornou já supérflua).

Como o pênis é para o garoto a zona que mais recebe investimento narcísico, uma ameaça clara ou não de que lhe vão roubá-lo caso continue a manipulá-lo faz recuar

profundamente a perda do pênis tão estimado e o investimento amoroso que faz em relação aos pais. Assim, com percebe que uma satisfação amorosa deve custar o seu pênis, ele entra em um conflito entre o interesse narcísico nesta parte do corpo ou o amor libidinal que dirige aos objetos parentais. Deste conflito vence normalmente a primeira força (o valor narcísico do pênis). O investimento amoroso nos pais é, então, abandonado e substituído pela identificação ou introjeção da autoridade dos pais no Eu, formando o Super-Eu que é o herdeiro do complexo.

As tendências libidinais do período edípiano são dessexualizadas e parcialmente sublimadas e, por fim, todo este processo salvou o precioso órgão genital do pequeno garoto, pois ele afastou o perigo da perda, suspendeu sua função sexual e entrou no período de latência. Portanto, no menino, o seu complexo de Édipose encerra através do complexo de castração, ao fim, se o Eu não reprimiu totalmente as forças do período edípiano, este permanece no inconsciente, no id, e poderá depois se manifestar de forma patogênica.

Mas e quanto as meninas, Freud já tinha uma formulação efetiva acerca do Édipo feminino? A respeito das meninas, Freud (1924/2011) afirmou que o material recolhido naquele momento era ainda incompreensivo, obscuro e insuficiente, mas de antemão reconhecia que o sexo feminino desenvolve também o complexo de Édipo, um super-eu e um período de latência, mas não do mesmo modo como ocorre nos meninos. O clitóris nas meninas, segundo Freud, funcionaria como um pênis e ele afirma:

O clitóris da menina se comporta primeiramente como um pênis, mas, na comparação com um camarada de brinquedo do sexo masculino, ela nota que “saiu perdendo” e sente esse fato como desvantagem e razão para inferioridade (p.188)

Aqui percebemos que Freud coloca o pênis não somente como um importante significante no desenvolvimento psicosssexual masculino, mas também no feminino, pois, ao se afirmar que a menina sente-se inferiorizada diante do membro masculino, é porque o pênis possui um valor muito significativo na vida psíquica das meninas e dos meninos, fazendo um reear profundamente uma perda e o outro sentir-se em desvantagem. Por quais razões Freud construiu esta formulação? Teria sido por influência de um meio cultural mais masculinista ou por que a própria medicina da época secundarizava a biologia feminina?

Durante este período, a menina se consola com a expectativa de que mais tarde, quando crescer, terá um apêndice grande como o do menino, pois ela não entende que a sua falta de pênis é uma característica sexual. Sua hipótese é de que já o possuiu, mas depois perdeu com a castração. Diferentemente do menino que teme a possibilidade da castração, a menina a aceita como um fato consumado, apesar de continuar a desejar a posse de um pênis.

Freud (1924/2011) observa que,

A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. A garota passa – ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer – do pênis ao bebê, seu complexo de Édipo culmina no desejo, longamente mantido de receber do pai um filho como presente, de lhe gerar um filho. Temos a impressão de que o complexo de Édipo vai sendo aos poucos abandonado porque tal desejo não se realiza. Os dois desejos, de ter um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual (p. 189)

Se o menino toma a mãe como objeto de desejo, é o pai que a menina irá tomar, desejando, assim, o afastamento da mãe. Como sente-se castrada, demanda amor do pai na esperança de encontrar nele o pênis perdido, caso não consiga, deseja pelo menos com ele ter um bebê, simbolizando o pênis que tanto deseja. Aqui o Édipo novamente fracassa pela impossibilidade de concretização do desejo e então se encerra. Freud (1924/2011) conclui que podem haver variações na sequência temporal e outros elementos que podem afetar o percurso do período edípiano.

Apesar das complementações feitas a respeito do Édipo feminino, Freud, ainda considerava sua compreensão insatisfatória e plena de lacunas e pontos obscuros. Quando ele coloca o desejo feminino de ter um filho como algo fixo no inconsciente das mulheres que as prepara para um futuro papel sexual fica a questão sobre a qual papel ele refere-se. E ao tradicional papel da maternidade que tanto limitava as mulheres? O desejo de ter um filho era verdadeiramente um desejo constante das mulheres ou um discurso social comum da época?

Em 1925, no artigo “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” Freud já contrapõe a ideia anterior de que o complexo de Édipo no menino e na menina são processos semelhantes, entretanto, ele não sabia ao certo onde estariam as diferenças e admite que até aquele momento escolheu unicamente a criança do sexo masculino para investigar. Para ele, o complexo de Édipo masculino é facilmente reconhecido e compreensivo e já reforça a tese da ligação inicial do menino com a mãe, comentando que desde a amamentação, o menino já tem a mãe como objeto de desejo, investindo nela uma libido não genital, em seguida, pelas circunstâncias objetivas, toma o pai como um rival importuno querendo dele se livrar para assumir o seu lugar.

Freud continua com a tese de que o complexo dos meninos sucumbe devido a ameaça de castração, pois o interesse narcísico investido no pênis é grande e ele prefere manter esta parte do corpo. Apesar do menino ter uma postura ativa quando deseja ter a mãe e afastar o pai, ele também, em algum momento, adota uma postura passiva e Freud, então, o caracteriza com uma

disposição bissexual, designando a postura passiva como feminina. Quanto ao Édipo feminino, fez acréscimos pertinente, mas não suficiente para compreender a totalidade deste processo nas meninas. O que já havia percebido é que o Édipo nas meninas traz um problema a mais do que nos meninos,

Durante as investigações clínicas, observou que para ambos os sexos a mãe é o primeiro objeto de amor e por isso o Édipo nos meninos é mais facilmente identificável, pois ele desde cedo já investe libidinalmente na mãe. Mas então como fazem as meninas para abandonar o amor pela mãe e tomar o pai como objeto de desejo? A partir destas questões, Freud se abriu à uma nova investigação dentro do Édipo, especialmente o feminino – a história do período pré-Edípico. Guiado pelos depoimentos de outros psicanalistas na época que atendiam mulheres com ligações particularmente intensas e persistentes em relação ao pai, desejando dele ter um filho, Freud (1925/2011) percebeu que esta fantasia (inconsciente) de “ter um filho do pai” era a força motriz da masturbação infantil das mulheres e analisando mais afundo o caso, percebeu que o Édipo feminino tem uma longa pré-história e formação secundária

Como concluiu os artigos anteriores com foco no complexo de Édipo nos meninos, neste, ele abriu um maior espaço à descrição do feminino e comenta que durante a fase fálica, a menina ao notar o pênis do irmão, “algo flagrantemente visível e de tamanho notável, reconhece-o de imediato como superior em contrapartida de seu próprio órgão pequeno e oculto, e passa a ter inveja do pênis¹²” (p. 261). Ao contrário dos meninos que ao verem pela primeira vez o órgão genital da menina, se mostram indecisos, desconfiados ou pouco desinteressados, a menina, em um instante, já fez seu julgamento e tomou uma decisão: “ela viu, sabe que não tem e quer ter” (p.262).

É neste momento, que segundo Freud, a mulher pode desenvolver um complexo de masculinidade que poderá trazer grandes dificuldades à sua feminilidade caso não seja logo superado. A esperança de ainda ter um pênis, tornando-se igual ao homem, pode se manter por um longo período na vida da mulher, a qual durante a vida infantil não oferece riscos, mas na vida adulta pode tornar-se uma psicose. A menina recusa a admitir o fato da sua castração e se fixa em uma convicção de que possui um pênis, se vendo compelida a agir como um homem.

As consequências da então, inveja do pênis, se não forem assimiladas no complexo de masculinidade, são diversas e de longo alcance. O “sentir-se castrada” pela menina é entendido por ela como uma ferida narcísica – uma cicatriz, um sentimento de inferioridade. Acredita que a

¹² Freud já cita a “inveja do pênis” em 1920 em um artigo a respeito de uma jovem homossexual que atendeu, intitulado “Sobre a Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”. No entanto, não entra em muitos detalhes sobre o complexo de Édipo nas mulheres, pois limitou-se mais a fazer uma descrição clínica do caso.

falta de pênis é um castigo pessoal. É somente após aprender que esta é uma característica sexual universal à outras meninas, passa a compartilhar do homem o menosprezo às mulheres como um sexo reduzido, pois partilhar de um pensamento masculino a faz sentir-se equiparada ao homem.

A inveja do pênis, enquanto não deixa de existir, também pode se manifestar no traço de caráter do ciúme, que mesmo não sendo próprio de um único sexo, desempenha maior papel na vida psíquica das mulheres, pois é alimentada pela antiga inveja do pênis. Esta é uma segunda consequência, a terceira é o afrouxamento da relação da menina com a mãe, pois, no fundo, a menina sempre vê a mãe como responsável por ter-lhe tirado o pênis e de tê-la posto em um mundo tão insuficientemente aparelhada. A quarta seria aversão à atividade sexual à masturbação.

Este fenômeno Freud (1925/2011) explica:

Um outro efeito surpreendente da inveja do pênis – ou da descoberta da inferioridade do clitóris – é sem dúvidas o mais importante. Eu já tivera frequentemente a impressão de que em geral a mulher tolera menos que o homem a masturbação, opõe-se a ela com mais frequência e não é capaz de servir-se dela em circunstâncias em que o homem recorreria a tal expediente sem hesitação (p. 264)

Complementando a colocação acima, Freud (1925/2011) afirma que ambos os sexos são uma mistura de traços femininos e masculinos, no entanto a natureza da mulher continua mais distante da masturbação e para resolver e justificar esta questão problemática, ele refletiu que a masturbação do clitóris seria mais uma prática masculina e que a condição para o alcance da feminilidade pela mulher é a eliminação da sua sexualidade clitoridiana. Porém, esta questão também pode ser justificada pelos padrões culturais e morais da época, pois era terminantemente proibido às mulheres a vivência, do modo que fosse, da sua sexualidade, além disso, aquela que se demonstrasse minimamente “erótica” era imediatamente criticada. Como o seu dever era ser exclusivamente mãe, o uso de sua sexualidade valeria somente à procriação, assim, era normal que uma mulher sentisse aversão ou repreendesse a masturbação, pois esta era uma atividade proibida.

Para Freud (1925/2011), a onda repressiva que busca remover parte da sexualidade da mulher não é devida à este discurso da proibição mas sim a tentativa de abrir espaço ao desenvolvimento da feminilidade. Outra justificativa à esta aversão à masturbação é a humilhação narcísica relacionada à inveja do pênis, pois a menina lembra-se que neste ponto não é possível ficar a altura dos garotos, sendo melhor deixar de lado a concorrência com eles. Logo, o reconhecimento da diferença sexual anatômica a impele a se afastar da masculinidade e masturbação masculina, indo em direção a novas trilhas que a levem à feminilidade.

Ao fim deste artigo, ele conclui a do de 1924, afirmando novamente que a menina passa de uma equação simbólica do pênis para um bebê, abandonando o desejo de possuir um pênis para substituí-lo pelo desejo de ter uma criança do pai, tomando-o por objeto amoroso. A mãe se torna objeto de ciúmes e então a menina se tornou uma pequena mulher. É o complexo de castração (percepção da falta do pênis) que precede e prepara a menina para entrar no Édipo, ao contrário do menino, que sucumbe ao seu através da castração. Freud (1925/2011) avalia que a castração inibe e limita a masculinidade, promovendo, assim, a feminilidade.

Apesar de em 1925 não saber muito bem ainda como a menina encerraria o complexo edípico, uma vez que o complexo de castração já produziu o seu efeito que foi conduzi-la ao Édipo, ele já compreendia que, ao final, ela produz, igualmente no menino, um super-eu e complementa:

O Super-Eu jamais se torna tão inexorável, tão impessoal, tão independente e suas origens afetivas como se requer que seja no homem. Traços de caráter que sempre foram criticados na mulher – que ela mostra menos sendo se justiça que o homem, menor inclinação a submeter-se às grandes exigências da vida, que é mais frequentemente guiada por sentimentos afetuosos e hostis ao tomar decisões – encontrariam fundamento suficiente na distinta formação do Super-Eu que acabamos de inferir (p.267)

Ou seja, devido à uma má formação do Super-Eu, as mulheres são mais emotivas e despreparadas aos desafios do mundo e da vida cotidiana e esta é uma análise muito coincidente com os perfis das mulheres que viviam ao redor de Freud – todas realmente mais emotivas devido às suas doenças dos nervos que as faziam explodir em emoções e sentimentos, passivas e ausentes de um mundo já predominantemente masculino. Por fim, Freud aconselha que não se deve influenciar pelas contestações do movimento feminista à sua teoria, ao defender uma total equiparação e equivalência dos sexos, e admite que também os homens podem deixar a desejar em sua posição de ideal masculino, pois todos os indivíduos cruzam características masculinas e femininas, “de modo que masculinidade e feminilidade pura permanecem construções teóricas de conteúdo incerto” (p. 269)

É em 1931, no artigo “Sexualidade feminina” que Freud verdadeiramente centra-se somente na problemática da sexualidade da mulher e no seu complexo edípico, fazendo acréscimos e apontamentos que posteriormente serão retomados em 1933, na conferência “Feminilidade”. A questão que ele fez no artigo de 1925, a respeito de como, afinal, as meninas encerrariam o Édipo se não é por vias do complexo de castração, é retomada neste ensaio, foi quando percebeu como a menina encontra o caminho para o pai e quando e porque se desliga da

mãe. Freud (1931/2011) vai apontar que, a menina tende a fazer duas trocas para um efetivo alcance da feminilidade. A primeira seria o abandono da sua principal e original zona genital – o clitóris – em favor de outra nova – a vagina, concepção que está já presente no artigo de 1925 quando ele conclui que a menina deve abandonar sua sexualidade clitoridiana.

A segunda, não menos importante em seu desenvolvimento, é a troca do seu objeto de desejo original– a mãe – pelo pai, no entanto o modo como estas duas tarefas encontram-se mutuamente ligadas ainda não estava muito clara para ele. Com o tempo observou que a ligação da menina com o pai era particularmente intensa, entretanto, guiado pelas análises clínicas concluiu que esta mesma ligação fora precedida por uma outra exclusiva com a mãe, igualmente intensa e apaixonada. Esta relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multifacetada, se tratando de uma relação que poderia durar até os quatro ou cinco anos de idade. Surpreso com esta constatação, ele comenta:

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de reverificar – que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável (p. 139)

É somente neste momento que nosso autor se apercebe de que no decurso do Édipo feminino havia uma pré-história tão mais importante do que o próprio complexo em si, uma vez que compreender a relação da menina com a mãe é também fundamental ao entendimento da sua revolta por ela quando percebe a falta do pênis e o porquê de tomar o pai, posteriormente, como objeto de desejo. A ligação exclusiva com a mãe, chamada de período pré-ediípiano, tem nas mulheres uma importância muito maior do que nos homens e Freud (1931/2011) avalia que muitas escolheram o marido de acordo com o modelo do pai ou o colocaram no lugar deste, acabando por repetir em sua vida conjugal, o seu mal relacionamento com a mãe, de modo que, se tem a impressão de que os anos de maturidade de uma mulher são ocupados por lutas com os maridos iguais as que tiveram com a mãe na juventude.

Freud (1931/2011) reforça a tese de que a menina deve em algum momento interromper a atividade masturbatória para conquistar a feminilidade, e desta vez, acrescenta que não somente o pai, ou o desejo de ter um filho dele, pode estar na fantasia fálica da masturbação, mas também a mãe ou a babá, as quais a menina transformou em sedutoras. A sedução, inclusive, é um elemento que perturba o curso natural de desenvolvimento deixando frequentemente consequências amplas e duradouras. Se por acaso a menina persista, desafiadoramente, na masturbação isso a abrirá um caminho para a masculinidade e não feminilidade. Seu

ressentimento em ser impedida de uma atividade sexual livre desempenham um forte papel no desligamento com a mãe, o que também é reforçado durante a puberdade, quando a mãe assume o dever de ser guardiã da castidade da filha.

No entanto, o que verdadeiramente faz a menina afastar-se da mãe é a censura por ela não ter lhe dado um pênis apropriado. Em seu pensamento a mãe é culpada por tê-la trazido ao mundo como mulher, ter falhado em não amamentá-la o suficiente, compeli-la a partilhar o amor da mãe com outros, não atender as suas expectativas de amor e finalmente, culpada em despertar sua atividade sexual, mas depois proibir. Freud (1931/2011) acredita que podem haver outras razões para esse desligamento que, talvez, esteja fadado a perecer precisamente por ter sido uma relação primária tão intensa. Em suma, a ligação pré-edípica da menina com a mãe é fortemente ambivalente e esta ambivalência acaba por afastar a força em algum momento, diferentemente dos meninos que já lidam melhor com os seus sentimentos ambivalente em relação a mãe porque transferem os sentimentos hostis ao pai.

A respeito do processo de desligamento da menina com a mãe, Freud (1931/2011) assim analisa:

Quando a menina descobre sua própria deficiência, por ver um órgão genital masculino, é apenas com hesitação e relutância que aceita esse desagradável conhecimento. Como já vimos, aferra-se obstinadamente à expectativa de um dia também ter um órgão genital do mesmo tipo, e seu desejo por ele sobrevive até muito tempo após sua esperança ter-se expirado. Invariavelmente, a criança encara a castração, em primeira instância, como um infortúnio peculiar a ela própria: só mais tarde compreende que ela se estende a certas outras crianças e, por fim, a certos adultos. Quando vem a compreender a natureza geral dessa característica, disso decorre a feminilidade – e com ela, naturalmente, sua mãe – sofrem uma grande depreciação a seus olhos (p.143)

É o momento da constatação de que não tem um pênis assim como gostaria que a menina se sente ressentida pela mãe, acusando-a de ter-lhe roubado o membro desejado. O reconhecimento da castração a faz sentir-se inferior, conseqüentemente ela passa a sofrer da inveja do pênis que segundo Freud (1931/2011) tem conseqüências e faz a menina passar por três fases:

A primeira leva a uma repulsão geral à sexualidade. A menina assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandonando sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade inacreditavelmente

tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse “complexo de masculinidade” nas mulheres também pode resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. (p.141)

Ou seja, se a menina manter sua sexualidade clitoridiana que para Freud configura-se como uma atividade ativa e masculina e fixar-se em uma postura masculina, ela jamais vai alcançar sua feminilidade normal, a qual somente é possível quando investe amorosamente no pai em busca, inconscientemente, do pênis perdido, mas como do pai não pode ter o amor que deseja, transforma este desejo em um de ter um bebê.

Trocar a atividade sexual do clitóris para a vagina é um dever fundamental que precisa a menina edipiana fazer, para também, chegar à feminilidade. Fica porém uma questão - se Freud fixou a mulher nestes caminhos em função de a mulher vienense do seu tempo ser em primeiro lugar mãe, comprazendo-se de sua função sexual apenas para a procriação. É inegável a contribuição que o pai da psicanálise traz ao entendimento de que o campo sexual vai para muito além dos órgãos genitais, tratando-se de um campo amplo das pulsões eróticas, no entanto quando dialoga a respeito de sexualidade feminina, ele nos dá impressão de fazer o contrário ou o que a medicina já fazia - reduzir a função sexual da mulher ao seu órgão sexual, classificando, inclusive, a vagina como um “abrigo do pênis”

Freud (1931/2011) conclui neste artigo que o Édipo nas mulheres é um processo bastante demorado, que não é destruído, mas sim desenvolvido a partir do complexo de castração e não superado pela mulher. É um processo que tem duas transições fundamentais – do clitóris para a vagina e da mãe pelo pai. Desse modo, a vida sexual da mulher é regularmente dividida em duas fases, tendo a primeira um caráter sexual masculino (atividade clitoridiana e ativa) e a segunda especificamente feminina (passividade, ter um filho, função sexual reduzida à vagina). Afirma ainda em 1931, que se o clitóris manter um caráter viril na sexualidade da mulher, seu desenvolvimento se tornaria complicado, no entanto não adentra e nem exemplifica de que modo seria esta complicação, o que nos faz ficar com a suposição de que uma atividade ativa sexual feminina não era bem vista aos bons olhos da moral sexual civilizatória, por isso, permanecer ativamente na masturbação clitoridiana seria inadequado, uma vez que a menina deveria ser uma mulher feminina que cumprisse o papel da maternidade.

Nesse sentido, fazer a troca do clitóris pela vagina se torna coerente. Por fim, avalia que o afastamento da menina da mãe na fase pré-edipiana é um passo extremamente importante no decurso do seu desenvolvimento, pois assim, a masturbação clitoriana cessa, ela reprime sua masculinidade juntamente com uma parte considerável de tendências sexuais, as quais ficam prejudicadas, e assim o caminho à feminilidade está aberto. A história pre-edipiana da menina é uma fase negativa do seu Édipo e que ocorre antes da positiva – quando toma o pai por objeto e depois se encontra com sua feminilidade.

Em 1933 Freud publica diversas conferências realizadas e em uma delas, intitulada “A Feminilidade”, focou-se inteiramente na análise do Édipo feminino, história pré-edipiana e desenvolvimento psicosexual da mulher, relendo pontos anteriores e complementando-os, o que tornou esta última análise a respeito do universo feminino mais precisa que as anteriores. No início da conferência, ele alerta que esta é parte de um trabalho analítico que apresenta fatos observados, tratando-se de um assunto, que mais que qualquer outro, é de interesse das pessoas, pois através da história muitos tem quebrado a cabeça com o enigma da feminilidade, sendo também a psicologia incapaz de solucioná-lo e comenta:

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir – mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (p.79)

E decerto compreender o sujeito feminino e seus dilemas era algo que Freud já iniciaria desde a sua imersão, junto a Josef Breuer, no mundo da histeria, a doença dos nervos que mais acometia mulheres independente da classe social, pois padeciam de um sofrimento quase igual – a repreensão social e sexual. Outro elemento favorável ao aumento do seu interesse foram as questões que suas colegas de análise faziam deste assunto, de modo que a discussão acerca da feminilidade adquiriu especial atração quando se falava a respeito das diferenças dos sexos. Freud, inclusive observa que estas mesmas colegas mostravam-se desfavoráveis quando alguma comparação inferiorizasse o seu sexo. Logo elas expressavam a suspeita de que os analistas homens ainda não haviam conseguido superar alguns preconceitos profundamente arraigados contra aquilo que era feminino, sendo este fato o responsável pela parcialidade de suas pesquisas. Para apaziguá-la, ele as respondia:

Nós, por nossa vez, com base na bissexualidade, não tínhamos dificuldade em evitar a indelicadeza. Apenas tínhamos de dizer: “isto não se aplica às senhoras”. As senhoras são exceção; neste ponto são mais masculinas que femininas. (Freud, 1933, p.78)

E por que seriam elas mulheres mais masculinas que femininas? Porque naquele período havia uma crença social de que as mulheres que mergulhassem no mundo público dos homens, para realizar qualquer atividade intelectual, eram automaticamente classificadas como masculinas e assim excluídas do seu papel feminino? Decerto, homens e mulheres transitam no campo da masculinidade e feminilidade como o próprio Freud diz ao dotá-los de uma bissexualidade, no entanto, a visão da “mulher masculina” e por isso imprópria aos deveres da feminilidade era também fruto de um discurso social.

Nesta conferência, Freud (1933/2011) apresenta pontos já analisados em artigos anteriores, como, por exemplo, o fato de que o desenvolvimento de uma menina em mulher normal é difícil e complexo, incluindo duas tarefas extras que não tem equivalência no desenvolvimento dos meninos. As diferenças em relação ao menino já se sobressaem na disposição instintual, onde a menina é menos agressiva, desafiadora e auto suficiente, assim ela tem mais necessidade de carinho, sendo mais dependente e dócil. Quando chegam à fase fálica, tal como os meninos manipulam o pênis, elas o fazem com o seu clitóris – o equivalente do pênis – enquanto a vagina, por sua vez, ainda não foi descoberta.

É neste ponto que Freud (1933/2011) aponta o que já falara em 1925 e em 1931 – da troca da zona erógena feminina e troca de objeto de amor. A principal zona erógena da menina na fase fálica é o clitóris, mas naturalmente isto não permanecerá assim, pois com a mudança à feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo importância, para a vagina. Esta é uma tarefa que deve a mulher realizar em seu desenvolvimento, enquanto o homem, mais afortunado, somente necessita continuar em sua maturidade a atividade que já executava no início da sua sexualidade – manter o pênis como principal zona erógena. A outra análise reforçada é a questão da troca do objeto, ou seja, da mãe pelo pai.

Ele classifica a fase pré-ediapiana da mulher como uma etapa masculina e a etapa de tomar o pai como objeto de amor de fase feminina, a qual ela está biologicamente destinada. Encontramos aqui outra questão problemática, pois se deve a mulher ingressar na sombra de um homem, seja o seu pai ou um companheiro, para tornar-se verdadeiramente feminina, Freud, talvez, não estava limitando a mulher subjetivamente? Ou somente refletindo teoricamente o que seus olhares atenciosos e perspicazes viam em um cotidiano patriarcal?

Em sua concepção, o entendimento desta relação primária e pré-edípica da menina com a mãe é fundamental à compreensão do desenvolvimento psicosssexual da mulher, algo que ele já diz, ainda que superficialmente, em 1931. Antes acreditava que a menina em suas fantasias fálicas desejava ter um filho do pai, no entanto agora, acrescenta que o mesmo ocorre em relação

à mãe na fase pré-edípica. São desejos do período fálico e certamente surpreendentes e estabelecidos a partir da observação analítica que fez.

O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado; posteriormente, geralmente uma parte dele é superada, ao passo que a parte restante persiste. Os eventos de anos subsequentes naturalmente influenciam muito isto (Freud, 1933/2011, p.82)

Portanto, concluiu um ponto já demonstrado em 1931, de que o afastamento da mãe é um destino que é determinado ao dar lugar à vinculação com o pai, no entanto, esta troca não é um processo tão simples, é conflituoso e produtor de marcas psíquicas. A menina desenvolve uma série de queixas contra a mãe que a fazem voltar-se amorosamente ao pai, dentre elas, está o ciúme quando um irmãozinho nasce, o ressentimento em não ter sido amamentada o suficiente, a raiva pela mãe ter-lhe roubado o pênis fazendo-a desenvolver uma inveja por quase toda a vida e a proibição, feita pela mãe, da atividade prazerosa com os genitais. Todas estas desavenças ou desapontamentos no amor, na proibição, também estão presentes na relação do menino com a sua mãe, no entanto, nada é capaz de afastá-lo do objeto materno.

No entanto, a queixa mais forte e marcante em seu desenvolvimento contra a mãe é a acusação do roubo do pênis.

Freud (1933/2011) argumenta:

Foi uma surpresa, no entanto constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem [...] Elas sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem “ter uma coisa assim, também”, e se tornam vítimas da “inveja do pênis; isto deixará marcas indelévels em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter, não sendo superada sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica (pp. 84-85)

É ao sentir-se castrada pela mãe que a menina se torna hostil e buscará o pai como um meio de obter o pênis desejado – conclusão que Freud já havia obtido em 1931. Este não é um fato aceito tão facilmente e ele reafirma que ela continuará a alimentar por um longo tempo o desejo de possuir algo semelhante, crendo nesta possibilidade por anos. No entanto, a análise mostra que a realidade a fez rejeitar a realização deste desejo por saber ser inatingível, no entanto ele permanece no inconsciente, conservando uma considerável catexia de energia. Assim, o desejo de ter um pênis tão almejado, pode, apesar de tudo, contribuir aos motivos que levam uma

mulher à análise e o fato, por exemplo, de ela querer exercer uma profissão intelectual é um modo de modificar o desejo reprimido. Em suma, de acordo com Freud (1933/2011) a inveja do pênis é um elemento de muita importância na vida psíquica das mulheres.

Nesta conferência ele reforça as três consequências derivadas da descoberta da castração – inibição sexual ou neurose, modificação de caráter no sentido de adotar um complexo de masculinidade e feminilidade normal. Para ele, uma menina no período pré-edipiano viveu, até então, de modo masculino obtendo excitação através do clitóris, no entanto, as coisas não devem permanecer assim, pois ela deve passar desta atividade ativa para uma passiva a fim de se tornar efetivamente mulher.

Este aspecto teórico levantado por Freud é curioso se retornamos à época que viveu, ou seja, um dos principais traços do caráter das mulheres de sua época era a passividade em relação aos homens (pai, marido, irmãos). Logo, fixá-las analiticamente em um campo da passividade como justificativa de que assim elas se tornariam verdadeiramente feminina, reflete uma construção social daquele momento. Como bem assinalou, devido a inveja do pênis ela perde o prazer em sua sexualidade fálica e tem o amor-próprio abalado e modificado pela comparação com o equipamento muito superior do menino, em seguida, repudia a mãe, sendo este afastamento um processo gradual e permeado de ambivalência. Por fim, a abandona como objeto de desejo e permite a hostilidade dominar a situação.

O abandono da masturbação¹³ no clitóris a faz renunciar uma soma de atividade, predominando assim a passividade e o inclinar-se ao pai é feito através de impulsos instintuais passivos. Em resumo, a remoção de uma atividade fálica no desenvolvimento da mulher prepara o caminho à sua feminilidade. Nesta conferência, ele novamente aponta que o desejo que leva a menina a se voltar para pai é conseqüentemente o desejo de possuir o tão desejado pênis que a mãe lhe recusou. Posteriormente este desejo é substituído por um bebê. A respeito desta substituição do pênis pelo bebê, Freud (1933/2011) complementa:

Sua felicidade é grande se, depois disso, esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade; e muito especialmente assim se dá, se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis tão profundamente desejado. Com muita frequência, em seu quadro combinado de ‘um bebê de seu pai’, a ênfase é colocada no bebê, e o pai fica em segundo plano. Assim, o antigo desejo masculino de posse de um pênis está ligeiramente visível na feminilidade alcançada desse modo. Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, par excellence, um desejo feminino (p. 87)

¹³ A inveja do pênis causa um poderoso impulso contra a masturbação clitoridiana, que se recusa a desaparecer. A partir daí se trava uma violenta luta pela liberação, onde a menina assume o papel da mãe e dá expressão a toda a sua insatisfação com o inferior clitóris. Muitos anos depois, quando sua atividade masturbatória já foi suspensa, ainda persiste algum interesse (Freud, 1933/2011)

É neste momento que a menina entra no complexo de Édipo e que sua relação pré-edípica com a mãe fica para trás. Portanto, o Édipo feminino é uma evolução longa e complexa ora, incompleto, ora, destruído tardiamente, pois a menina não sofre de uma ameaça de castração como os meninos. É deste modo que o Super-Eu das mulheres sofre prejuízo, não atingindo maturidade e independência como nos homens.

Se a menina ultrapassa a inibição sexual e o complexo de masculinidade, ela finalmente alcança a feminilidade, no entanto permanece exposta à perturbações oriundas do seu período masculino inicial e com frequência regressa às fixações psíquicas da fase pré-edípica no transcorrer da vida, transitando entre períodos de feminilidade e masculinidade. Freud (1933/2011) observou que a inveja do pênis também atua na vaidade física das mulheres, as quais não podem fugir da necessidade de valorizar seus encantos, e isto nada mais é do que uma compensação à sua inferioridade sexual original. A vergonha também seria outra característica feminina que tem por finalidade ocultar sua deficiência genital. Ainda a respeito da inveja do pênis:

O fato de que as mulheres devem ser consideradas possuidoras de pouco senso de justiça, sem dúvida, se relaciona à predominância da inveja em sua vida mental; isso porque a exigência de justiça é uma fixação da inveja e estabelece a condição sob a qual uma pessoa pode pôr de lado a inveja. Também consideram as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar seus instintos do que os homens. (p. 91)

O escasso senso de justiça feminino seria oriundo do raso desenvolvimento do seu Super-Eu, que sofreu prejuízos em função de um Édipo mal resolvido, e a questão das escassas contribuições científicas também se explica pela proibição social de que as mulheres não deveriam se ocupar de assuntos do mundo público, somente os homens. Por fim, Freud (1933/2011) finaliza sua conferência afirmando que sua análise está incompleta e fragmentada, nos alertando que realizou uma análise a partir da função sexual da mulher e que esta é uma criatura humana que se molda em outros aspectos. Cansado ou talvez desistente em solucionar um enigma que sempre perseguiu, aconselha-nos, se quisermos saber mais acerca da feminilidade, a indagar nossa própria vida, consultar os poetas, ou aguardar que a ciência nos ofereça informações mais profundas e coerentes.

Em suma, mesmo após anos de pesquisas teóricas e clínicas, Freud não encontrou uma resposta efetiva a um enigma que o intrigou durante muito tempo, no entanto, as suas análises analíticas favoreceram uma melhor compreensão a respeito do sujeito feminino, compreendendo-

o em suas dimensões psíquicas e sexuais e auxiliando demais médicos e analistas no tratamento das neuroses femininas - tão comuns, mas pouco compreendidas. Seu interesse pelas questões do universo feminino também o levou a oferecer uma maior escuta a tantas mulheres que usualmente sofriam em silêncio. Não somente as escutou como poucos médicos faziam, mas as deu voz, pois era em seu consultório que elas sentiam-se livres a desabafar acerca de seus desejos, medos, anseios e demandas, e era através destes discursos lineares ou não-lineares que Freud progressivamente analisou analiticamente o desenvolvimento psicosexual das mulheres, pontuando as diferenças entre os sexos e concluindo o psiquismo feminino como mais complexo e enigmático.

Como todo sujeito é fruto de seu tempo, com Freud não seria diferente. Verificamos que alguns pontos de suas análises, como, por exemplo, a questão da passividade psíquica e sexual feminina e a atividade fálica masculina, podem ser reflexos de um contexto onde a ordem era ativamente masculina e castradora às mulheres - sujeitos secundarizados e reprimidas subjetiva e sexualmente. A contribuição de Freud fora deveras relevante, no entanto, as influências que recebeu de um meio patriarcal são inegáveis, de modo que a mulher invejosa do pênis, que mantém-se insatisfeita por toda a vida, buscando o órgão viril desejado no pai ou em um companheiro era também a mulher burguesa da sociedade moderna vienense que Freud recebia em seu consultório. Portanto, suas análises partiam, é claro, de uma observação clínica, mas também dos discursos ideológicos que escutava, percebia e reproduzia.

Por fim, focaremos no capítulo seguir na questão problemática trazida por Freud, mas depois reavaliada por outros psicanalistas, como Jacques Lacan, do posicionamento (não) fálico feminino, isto é, de um posicionamento mais da ordem da insatisfação, diferente dos homens - seres originalmente ativos e fálicos. Freud realiza um diálogo maior sobre o Falo ao formular o complexo de Édipo em meninos e meninas e fica-nos a impressão de que somente o menino possui o Falo, o qual é significado no pênis, e por isso os meninos tanto o protegem da ameaça de castração e as meninas tanto o desejam, sofrendo daí uma inveja do pênis por toda a vida.

No entanto, fica-nos a questão se a associação de Falo – Pênis seria válida ou se também é fruto de uma análise do meio que inevitavelmente Freud fez. Se à mulher não há pênis, logo não há Falo, ao menos que elas recorram a um parceiro ou ao pai, caso contrários, elas mantêm-se na insatisfação? Quais seriam os outros caminhos de encontro ao Falo? O que concretamente seria o falo na vida psíquica de homens e mulheres? Estas e demais questões a um maior esclarecimento a cerca do posicionamento (não) fálico feminino serão abordadas a seguir.

CAPÍTULO III

A questão “não fálica” feminina

3.1 A mulher e o Falo

A psicanálise dialogou a respeito da sexualidade desde a sua origem, deslocando-a de um imaginário científico limitante – a biologia e a reprodução - para um campo mais abrangente – o registro das pulsões eróticas, dos desejos, dos prazeres e do gozo. Freud percebeu que a sexualidade se encontrava para muito além da zona genital, ainda que este fosse seu lugar privilegiado, mas sim nos pequenos pontos erógenos do corpo humano, sempre erotizado e permeado de pulsões. A psicanálise, como diz Birman (1999), abriu à sexualidade um caminho de múltiplos significados, percebendo o sexual até nos pormenores que pareciam não ter vestígios eróticos.

Para Freud (1908/2011) é inegável a importância do registro sexual na constituição psíquica dos sujeitos, sendo este um traço muito marcante na psicanálise. Como já explorado nos capítulos anteriores, os sintomas muitas das vezes tem origem na função sexual, sendo, deste modo, fundamental compreender, através da análise, os conflitos sexuais conscientes e inconscientes do sujeito a fim de obter uma catarse da pulsão erótica que o alimenta para e ter a sua eliminação. Portanto, se para o criador da psicanálise, dialogar acerca do universo sexual era uma questão problemática intrigante e importante, compreender o desenvolvimento sexual da mulher também o foi, pois o universo feminino era envolto em mistério e pontos instigantes que chamavam-lhe a atenção desde o momento em que passou a receber um quantitativo significativo de mulheres histéricas em seu consultório.

A ciência do século XVIII e do XIX é muito marcada pela investigação a respeito da diferença sexual dos seres. Freud, apesar de ter abandonado os laboratórios e a medicina tradicional para mergulhar na investigação do psiquismo humano, não abriu mão desta questão das diferenças e o fez distinguindo o desenvolvimento psicosexual de homens e mulheres no âmbito de sua teoria psicanalítica. É após o complexo de Édipo que o menino e a menina se identificam com uma das imagens parentais e descobrem as suas próprias diferenças tomando, por fim, um caminho. Logo, o Édipo é uma experiência infantil fundamental na vida psíquica dos seres, pois é a partir dele que o sujeito construirá a instância da Lei (super-eu) e se desligará (não completamente) das imagens parentais, buscando novos objetos de desejo no mundo afora.

A construção desta teoria-chave no universo psicanalítico não foi de imediato e totalmente desenvolvida, como já se observou. A princípio, acreditou, o pai da psicanálise, que o percurso edípico era similar em meninos e meninas, no entanto, percebeu que o Édipo feminino era mais complexo e merecia uma atenção maior. A dinâmica do Édipo no discurso freudiano é a todo tempo marcado por uma maior centralidade no órgão genital masculino e um dos principais

questionamentos da criança é em torno da primazia fálica, isto é, entre “ter ou não ter o falo”. Se para “ter”, é necessário haver a possibilidade de “não ter” é aqui que encontramos outro ponto chave do Édipo – a castração.

Na teorização do Édipo de Freud, o pênis para o menino é a zona erógena de maior investimento narcísico e por isso ele teme tanto a sua perda ou a ameaça que o castrem, preferindo mantê-lo e abandonando, assim, o amor incestuoso e pulsional nutrido pela mãe. A menina, por sua vez, já é castrada, por isso não sofre ameaça, pelo contrário, é por via desta, ou seja, pela percepção de que lhe roubaram o pênis cobiçado que ela entra no Édipo. Como não tem nada a perder, nutre uma inveja do pênis por toda a vida, buscando-o primeiramente no pai, depois no futuro parceiro ou em um filho de preferência menino.

Em suma, a história do Édipo é regulada pela lógica fálica e a criança edípiana distingue os seres entre aqueles que são fálicos e os que não são. Fálicos são aqueles na ordem da atividade, da onipotência e que detém um pênis – os homens - e não fálicos são os da ordem da passividade, da ausência, da castração – as mulheres. A grande questão é analisar como cada sexo é regido pela lei do falo e quais as diferenças. O que repercute é o fato de que o falo é masculino e único representante do sexo no inconsciente e haveria, então, um sexo “que não existe”, designado pela mulher. (Zalcbeg, 2007). Deste modo, a mulher é colocada em uma posição do desconhecimento e da inferioridade se comparada ao posicionamento fálico masculino, representado pela atividade, racionalidade e poder. A mulher seria não-toda inscrita na ordem fálica e assim ela entra em um registro da insatisfação, incompletude e insaciabilidade.

De fato, Freud aponta que inicialmente para a criança não há feminilidade, mas sim masculinidade, só encontrando as diferenças sexuais posteriormente. No entanto mesmo com o aprofundamento da sua teoria do Édipo, nosso autor permanece a centralizar o pênis na vida psíquica de homens e mulheres. As mulheres são invejosas e desejam um pênis para elas e os homens receiam perdê-lo. Mas como o pênis em sua existência ou não pode adquirir uma significação tanto para o menino como para a menina? É o questionamento feito pela psicanalista Zalcbeg (2007) e que se torna pertinente neste momento investigativo.

Para Freud, percurso do Édipo masculino sempre foi mais claro e de melhor compreensão, diferentemente do caso das mulheres. A menina seria marcada por uma história pré-edípiana que não está presente nos meninos, sendo este um período em que ela nutre um amor pulsional (igualmente o menino) pela mãe, tomando-a como objeto de amor, no entanto quando detecta a sua castração, rompe com a mãe, acusando-a de ter-lhe retirado o pênis desejado. Frustrada, a menina edípiana volta-se então para o pai, desejando-o e encontrando assim a sua feminilidade, para depois encaminhar-se à maternidade e encontrar no parceiro e

depois no filho o pênis/falo perdido. Assim, até encontrar a sua feminilidade, há três caminhos que deve a mulher percorrer: a neurose e inibição sexual, complexo de masculinidade e feminilidade normal. A feminilidade normal seria o caminho correto, onde a mulher abandonaria parte de sua sexualidade (atividade clitoriana) e a transferiria somente à vagina, devendo cumprir com o papel da maternidade. De acordo com Birman (1999) este seria o seu único destino, caso contrário, ela estaria fadada à neurose, alimentando a pretensão de um dia ter o falo e de ser como um homem:

Portanto, ser verdadeiramente mulher implicaria não apenas o reconhecimento por ela dá sua condição castrada pela ausência do atributo fálico presente positivamente no homem, como também pela assunção da maternidade. (p.93)

Logo, além de conformar-se com sua castração a nível corporal e simbólico, pois a mulher busca o falo em outros símbolos, que segundo Freud, estão em aportes masculinos (o bebê-menino, o pai, o parceiro), deve se conformar-se com o destino da maternidade. É importante ressaltar que a mulher-mãe era uma personagem muito comum no universo feminino na época moderna, devendo, como já se sabe, as mulheres guardarem-se para os deveres da maternidade e do lar. Logo, se Freud designou esse destino como único para elas, é porque era com esta realidade que ele se defrontava cotidianamente. Entretanto importa questionar: impor à mulher a possibilidade de encontrar o falo desejado na maternidade poderia ser uma possibilidade, mas único destino?

O discurso feminino que Freud ouvia no sigilo do seu consultório, revelava inclusive, que muitas mulheres se mostravam inconformadas com o papel da maternidade, pois este lhe castrava a liberdade sexual, social e subjetiva. No entanto, esta constatação evidentemente não foi suficiente para que ele reformulasse sua teoria, mantendo, então, a maternidade como destino e forma de concretização da feminilidade. A mulher seria feminina uma vez que fosse mãe.

No século XIX, as mulheres existiam a partir do significante da maternidade e do casamento. Freud absorveu esses dois apêndices femininos burgueses e os entrelaçou à teoria psicanalítica. Assim sendo, a completude da mulher se consolidaria no amor (casamento) e no nascimento de um filho (de preferência homem). Esse modelo burguês impunha à mulher os cuidados com o lar, ao mesmo tempo em que a proibia de se inserir no espaço público (Pereira, 2016, p. 46)

Enquanto o homem goza da sua falicidade que o confere poder, virilidade e dominância, a mulher ou rende-se à insatisfação eterna de não ter o falo ou o busca por via da maternidade em um filho. Seria o “escorregar da equação simbólica do pai para um bebê” que efetivamente Freud

aponta em seus textos dos anos 20. Nesse sentido, para ele, a mulher situa-se em um problemático posicionamento “não-fálico”, já que não tem uma posse concreta do falo, ficando, assim, em uma singular posição de dependência de um outro masculino. De qualquer modo, obter um gozo fálico através da maternidade, era para Freud a via única de preenchimento da *falta* fálica feminina, a qual seria mascarada pelo investimento narcísico oferecido ao filho que a conferia uma maior completude psíquica. A inveja do pênis poderia permanecer, mesmo que inconsciente, no entanto, o bebê, e principalmente o bebê menino, traria o pênis/falo que outrora tanto desejou.

No entanto, não haveria outros aportes simbólicos do falo? Quais as consequências subjetivas e psíquicas para as mulheres que não aceitam este destino fatal tão característico de uma época oitocentista conservadora? Zalcberg (2007) destaca o seguinte:

Essas primeiras postulações de Freud a respeito da inveja do pênis na economia psíquica feminina refletem, sem dúvida, uma visão imaginária limitada e limitante na medida em que a inveja do pênis era considerada signo de inferioridade da mulher em relação ao homem o que revela a posição misógina inicial de Freud, ele próprio, embora não devamos esquecer que a psicanálise nasceu no fim do século XIX, numa sociedade ainda dominada por homens (p. 21)

Logo, ainda que Freud não tenha feito uma associação evidente de que o pênis é o representante do falo, apesar de termos esta impressão, fixar na mulher uma inveja deste órgão genital é refletir uma condição social de sua época, na qual o homem era a figura central. Ou seja, se as mulheres nutriam alguma inveja, talvez não seria do pênis, mas sim do poder dominante dotado pelos homens. Em suma, em sua teoria da sexualidade e do complexo de Édipo, o pênis aparece com uma referência da diferença sexual e tanto o destino do homem como o da mulher seriam definidos a partir de suas experiências com a castração – se a menina não tem pênis, deve renunciar a este desejo e ter um bebê. (Narvaz, 2013).

No fundo, o discurso freudiano tropeçava nos discursos burgueses e conservadores da época como já mencionamos. O homem conservaria o seu pênis fálico do mesmo modo que conservaria seu poder no mundo público e a mulher conservaria-se na passividade da sua sexualidade e do seu papel materno e doméstico. Contudo, não se tratava de um posicionamento tão passivo assim, haja visto que dentro do lar era ela que exercia dominância nos afazeres domésticos e conflitos familiares, logo também gozava de um certo papel ativo apesar de não receber o merecido reconhecimento.

Narvaz (2013), avalia que para Freud, a educação das mulheres bloqueava o que havia de mais precioso nelas – a sua doçura e o seu ideal de feminilidade, pois acreditava que elas já tinham muitas ocupações no lar doméstico.

A autora complementa:

A concepção falocêntrica de Freud aparece igualmente na associação entre passividade e feminilidade: a mulher teria uma tendência natural à passividade, e o homem, uma tendência natural à atividade. Castrada e passiva são equivalentes, uma vez que a passividade é uma depressão pós-castração. Foi contra essa passividade que se empenhou o primeiro núcleo de psicanalistas críticos da teoria freudiana sobre a sexualidade feminina (p.03)

Apesar de nos seus escritos iniciais sobre o complexo de Édipo ter nos alertado para não confundirmos masculinidade com atividade e feminilidade com passividade, é inevitável não pensar que tais associações refletem a época moderna. Quando a autora argumenta contra esta passividade que diziam ser inerente ao universo feminino, muitos psicanalistas críticos se empenharam-se em desconstruir essas noções, sobretudo mulheres, e não foram apenas críticas, mas novas reformulações foram feitas a cerca da masculinidade e feminilidade. No entanto, apesar destas novas reformulações, os estereótipos clássicos de “ser mulher e ser homem” (mulher – passividade, maternidade e beleza/ homem – dominância, presença e poder) ainda se encontram espelhado nos discursos dos sujeitos que permanecem fixos em padrões sociais e morais mais tradicionais.

É a *falta*, como produto da perda a nível corporal e simbólico, do pênis/falo algo que marcam as mulheres por toda a vida, induzindo-a sempre a buscar em outros aportes um meio de conseguir o falo desejante. Logo, é a compreensão de que como esta falta se representa no processo de subjetivação da mulher que a psicanálise trabalhou, e ainda trabalha até as suas últimas consequências, pois a falta faz parte da estruturação psíquica de qualquer sujeito (Zalberg, 2007). Assim, retornamos à questão que Freud se perguntava, inicialmente, após ouvir suas pacientes. Afinal, o que quer a mulher?

A falta constitui o fundamento para qualquer elaboração a respeito da sexualidade da mulher, inclusive para a consideração do papel eminente que o amor ocupa no psiquismo feminino numa função de suplência (Zalberg, 2007, p. 23)

Como a mulher seria “não-toda” inscrita na lógica fálica, ela conseqüentemente possui uma falta inerente em sua vida psíquica e compreender como ela tampona esta falta é fundamental para a compreender como um sujeito psicosssexual. A maternidade seria um meio de

tampar esta incompletude, no entanto a autora ressalta que o amor teria a mesma função, o que também tem consonância com as análises de Freud quando este afirmava que a mulher deve buscar o amor do pai, do futuro parceiro e do filho para sentir-se mais completa falicamente.

Em concordância com Freud, o psicanalista Jean Jacques Lacan (1958/1999) que refez a análise do complexo do Édipo e associou o falo à uma questão mais simbólica e menos do “ter ou não ter” como Freud pressupôs, afirma que a inveja do pênis (em suas palavras, o penisneid) seria um desejo fantasioso da mulher guardado por muito tempo, ou pela vida toda, de que o clitóris seja um pênis. Em um outro momento ela também deseja o pênis do pai e vai buscá-lo porque sabe onde ele está, mas é frustrada em seu desejo, tanto pela proibição edipiana quanto por uma razão da impossibilidade fisiológica.

Ainda segundo Lacan (1958/1999) a fantasia de ter um filho do pai é possuir o pênis de uma forma simbólica, a qual existe como uma demonstração da frustração da menina em não ter um pênis. O autor, vai afirmar que o falo é concebível como um significante da *falta*, o significante da distância entre a demanda do sujeito e o seu desejo. Inicialmente, ele tem uma origem imaginária, mas depois toma uma certa função subjetiva que precisa desempenhar um papel de significante. Ou seja, é um elemento subjetivado pelo sujeito como algo importante que lhe tampone uma *falta*, que o “complete” em seu ser desejante.

A mulher, em sua concepção, não tem uma posição primitivamente dada, pois ela tem de entrar em uma dialética da troca. Enquanto o homem se afasta da existência significativa de todas as proibições presentes em sua história edipiana (proibição de tomar a mãe como objeto de desejo e de masturbar-se), a mulher tem de se inscrever no ciclo das trocas das alianças e do parentesco (da mãe para o pai; do pênis para um bebê). Ela própria se torna um objeto de troca, devendo se aceitar como um elemento do circuito de trocas.

Lacan (1999) retira nesse sentido, um pouco da centralidade do pênis na história do Édipo masculino e feminino e acrescenta mais uma lógica do “ser ou não ser o falo”. Diferentemente de Freud que desenha um Édipo mais colados às imagens – o pênis, a vagina, o clitóris – Lacan já faz uma análise mais simbólica deste processo, dividindo-o em três momentos fundamentais. No primeiro, a criança nutre um desejo de satisfazer o desejo da mãe e neste sentido, busca “ser ou não ser o objeto de desejo da mãe”. Logo, a partir do momento em que algo começa a se mexer em seu baixo ventre, ela começa a mostrar à mãe, no intuito de saber se é realmente capaz de alguma coisa. Ou seja, o primeiro tempo do Édipo é uma etapa fálica primitiva, pois para agradar a mãe, a criança pensa que ser o falo dela é necessário e suficiente.

No segundo tempo, intervém a figura do pai¹⁴ como um privador da mãe, e não da criança. Ele instala a lei que não é dela, mas sim do Outro, reivindicando que o objeto do seu desejo (o filho) é também deste mesmo Outro. O terceiro tempo é tão mais importante que o segundo, pois é aqui que depende a saída do Édipo. O pai se mostra como possuidor do falo, o qual pode dar ou recusar, posto que o tem, apesar de não ter provas. Este se mostra potente e real e como se revela como aquele que tem, a criança se identificará com ele. É a partir do pai que tudo do super-seu é instituído. O pai ou metáfora paterna vem para substituir o significante materno, introduzindo no sujeito a lei.

O Édipo feminino também se constitui para Lacan (1999) como mais complexo e diferente, mas o seu terceiro tempo seria mais simples que no menino, pois a menina não precisa realizar identificação nenhuma com o pai para reivindicar virilidade tal qual o menino faz. Por fim, ele classifica o terceiro tempo como aquele em que o menino se identifica com o pai possuidor do pênis e a menina reconhece o homem como aquele que o possui. E aqui encontramos novamente o pênis na dialética edípica, no entanto, sua centralidade já não é mais a mesma, assim como o falo, o qual, na lógica lacaniana, ganha uma conotação mais abrangente, pois já não é mais o pênis o seu representante, mas sim todo e qualquer objeto imaginário que substitua a falta humana e produza um sentimento de completude.

Deste modo, levando em consideração os aportes lacanianos, o desenvolvimento psicosssexual da mulher também ganha novos contornos. Se a falta anteriormente era proveniente de uma ausência do pênis, como dizia Freud, para Lacan esta *falta* segue para além disso. Em sua lógica, a mulher permaneceria faltosa, no entanto não seria mais o pênis a fazer-lhe falta, mas sim inúmeros outros objetos imaginários/reais que lhe acarretasse algum sentimento de não completude. Isto leva-nos, inclusive, a questionar se a inveja do pênis seria real.

Fabro (2014) verifica que Lacan, ao inserir-se no debate sobre a sexualidade feminina, traz novas formulações ao falo, rompendo ligeiramente com o aspecto binário do “ter ou não ter” e introduzindo o “ser o falo”, então mais desconhecido na teoria freudiana. E acrescenta:

O falo, o significante da falta, além de representar a diferença sexual também representa a falta constituinte de todo sujeito, efeito da linguagem. Nesse sentido, Lacan remaneja os termos e o pênis em seu valor de significante muda de função. (p. 22)

¹⁴De acordo com Lacan (1958/1999), a figura do Pai ou Nome-do-pai é mais uma metáfora, a qual ele chama de metáfora paterna. É uma posição que se situa a nível simbólico, se materializando sob diversas formas culturais e cadeias de significantes. Pelo fato do Nome-do-Pai ser instituído em uma ordem simbólica, alguma coisa corresponde ou não à sua função e no interior dessa função há significações que podem ser diferentes conforme o caso. O pai não necessita ser uma figura masculina, pois pode ser tudo aquilo que barra o desejo ilimitado da mãe pelo filho. Ele é real na medida em que as instituições lhe conferem o seu papel e sua função de pai.

Assim, além de o falo ganhar uma nova e abrangente conotação, trata-se de um significante simbólico da falta, não mais inerente apenas à mulher, mas também ao homem. Sobre esta questão fálica, Lacan (1966/1998, p. 270), analisa o seguinte:

O fato de o falo ser um significante, impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito lhe tenha acesso. Mas esse significante aí estando apenas velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer.

Seria no desejo deste Outro que é possível acessar o falo. De forma mais clara, o sujeito busca ter o falo, tornando-se o objeto de desejo do outro, como no caso da criança, que para satisfazer a demanda de amor da mãe, deseja ser o seu falo (Lacan, 1966/1998). Já a experiência do falo na feminilidade é, sinteticamente, exposta por ele da seguinte forma:

Dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminidade, principalmente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela quer ser desejada ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu desejo no corpo daquele a quem se destina sua demanda de amor. (p. 271)

Logo, a mulher somente torna-se fálica ao inserir-se na demanda de desejo do Outro. De acordo com Fabbro (2014), é esta falta do falo e deste significante em seu corpo, que empurra a mulher para a demanda de amor do Outro, ou seja, na demanda de receber do outro aquilo que não possui. Ao contrário de Freud, que estabelece apenas dois caminhos de acesso ao falo à mulher (ter um filho, preferencialmente menino, ou tomar o pai como objeto de desejo), Lacan não delimita caminhos ou figuras fixas do falo, no entanto, converge ao pensamento freudiano quando afirma que a falta é característica do sujeito feminino, a qual somente será compensada se ela tornar-se objeto de desejo do Outro. Fabbro (2014) comenta, inclusive, que para Lacan, a falta fálica da mulher se vê convertida no benefício de ser o falo – aquilo que falta ao outro. Desta maneira acaba por ficar em uma posição de dependência muito particular daquele que o tem.

Neste sentido, ser o objeto de desejo do Outro insere a mulher na lógica fálica, e somente assim, é possível para ela tornar-se o falo, portanto, podemos concluir que a imersão na demanda de amor do Outro oferece a mulher um verdadeiro sentimento de completude, pois ora, ela tornou-se, agora, o falo do Outro, mesmo que este processo possa custar-lhe o abandono de suas próprias demandas e desejos.

Na infância, tanto o menino quanto a menina, como argumenta Lacan (1958/1999), passam por um momento inicial em que acreditam ser o falo da mãe – o objeto de desejo que a completa e satisfaz - no entanto, posteriormente sofrem a castração cometida pelo pai - a metáfora paterna que barra igualmente o desejo da mãe e do filho- e assim seguem o decurso

natural do Édipo.

O homem sofre somente com a ameaça que ocorre a nível simbólico e não corporal, portanto, no fundo, não se sente castrado ou mesmo faltoso, inclusive porque, a presença de um órgão viril tão valioso – o pênis - é a sua representação fálica (como já dizia Freud). Para ele não é mais necessário ser o falo do outro a fim de sentir-se “completo” ou desejado como fizera na infância com a mãe. Entretanto, com as mulheres é diferente. Além de sofrer com a castração via ordem simbólica ela tem de se conformar com a castração a nível corporal, sentindo que falta alguma coisa.

É deste modo que, segundo afirma a psicanalista Zalcberg (2007) a mulher deve lidar com uma *falta-a-ser* como sujeito e com a falta de um significante para o seu sexo. Isso tudo gera um efeito em sua subjetividade e ela acaba por visualizar no amor do Outro um modo de preencher-se falicamente ao se satisfazer nas demandas deste outro, como outrora se satisfez ao ser o falo da mãe - o objeto do desejo materno. Portanto, a colocação já feita por Lacan de que o sujeito feminino mergulha na completude fálica via “ser o falo” do outro tem sua devida coerência. No entanto, apesar de Lacan demarcar a *falta* como constitutiva em homens e mulheres, fica-nos novamente a impressão de que o homem ainda é aquele representado pelo “o que tem” e a mulher como aquela “que não tem.”

3.2 A Mascarada feminina, o amor e o falo

Quando Lacan fala a respeito da sexualidade feminina, ele avalia que se a mulher não se inscrever totalmente no registro simbólico e no Édipo, isso afetará suas relações com os registros do imaginário e do real e conseqüentemente suas relações com as dimensões do gozo e do amor. É bom ressaltar que Freud, inclusive, já havia detectado como a dimensão do amor era importante às mulheres históricas, as quais sempre tinham diversas demandas amorosas direcionadas ao pai, além de muito temerem perder o seu amor. (Zalcberg, 2007).

Depois constatou a existência de um forte amor ambivalente entre filha e mãe na história pré-ediapiana, o que somente fortaleceu a sua conclusão da importância do amor na vida psíquica das mulheres. Em convergência com os pensamentos de Freud, Lacan fez uma observação semelhante ao afirmar que “ser o falo do Outro” ou “ser o objeto amoroso de desejo do Outro” é para a mulher um meio de inserir-se na lógica fálica, um meio de tamponar a *falta*. Portanto, a dimensão do amor, seria, de fato, fundamental às mulheres.

Lacan (1966/1998) ainda analisa que a *falta* característica das mulheres necessita ser

“mascarada”, cabendo à ela ocultar parte de sua feminilidade. A respeito desta questão da “mascarada” a filósofa Judith Butler (2013) faz um interessante contraponto

[...] mascarada sugere que existe um “ser” ou uma especificação ontológica da Feminilidade anterior à mascarada, um desejo ou uma demanda feminina que é mascarado e capaz de revelação, e que, na verdade, pode pressagiar uma ruptura e deslocamento eventuais da economia significante falocêntrica. [...]. Pode-se ler a mascarada como a negação de um desejo feminino, o qual pressupõe uma feminilidade ontológica anterior, regularmente não representada pela economia fálica. (p. 78)

Ou seja, a mascarada outrora, configurada por Lacan, como um campo de ocultamento da feminilidade, ganha novos contornos ao ser ressignificada como desejos femininos renegados à sombra do dever de satisfazer demandas alheias, preferencialmente masculinas. Desejos estes que, inclusive, poderiam alterar a dinâmica social falocêntrica, pois livre das amarras de uma moral civilizadas mulheres poderiam caminhar a satisfação de seus próprios desejos, traçando novos destinos e novas subjetividades. A mascarada poderia se equivaler a uma feminilidade não reconhecida, não compreendida. Não é somente em relação a questão da “feminilidade mascarada” que Butler (2013) se contrapõe, ela também o faz no que concerne à questão colocada por Lacan do processo de “ser o falo do Outro” feito pela mulher.

A autora comenta:

[...] ser o Falo é necessariamente insatisfatório; algumas feministas argumentam que isso exigiria uma renúncia ao próprio desejo das mulheres [...] o que representaria a expropriação desse desejo como um desejo de não ser nada além do reflexo. (p.77)

Assim, satisfazer a demanda de amor do Outro implica a renúncia de seus desejos próprios, o que a torna um mero reflexo dos desejos deste Outro. Por esta razão, “ser o falo” seria insatisfatório, segundo Butler, pois a mulher renega seus desejos em detrimento da satisfação de uma demanda que não é sua. Além disso, Butler (2013, p. 76) verifica “que ‘ser’ o falo é sempre ‘ser para’ um sujeito masculino que busca reconfirmar, aumentar sua identidade pelo reconhecimento dessa que ‘é para’”.

Neste ponto podemos retornar ao pensamento freudiano, produto de um contexto profundamente fálico masculino. Freud delineou a mulher como invejosa do pênis e mergulhada em um “posicionamento não-fálico” exatamente pela ausência deste membro viril. O modo de alterar esta organização psíquica faltosa era possuir o falo em representantes masculinos. Lacan já apresenta uma análise mais rigorosa e abrangente, defendendo o falo como um significante da falta do sujeito, o qual poderia ser representado por qualquer objeto que conferisse completude.

A mulher em sua análise, também, somente conseguiria um sentimento de completude ao oferecer-se como falo do Outro, objeto de desejo que o completa, mas se este Outro seria inevitavelmente masculino, novamente ela cairia na dependência de uma ordem masculina, uma

situação comum ao longo dos séculos e ainda presente nas sociedades contemporâneas, onde as mulheres ainda encarregam-se de satisfazer as demandas de seus maridos, uma vez ser este o papel da esposa. Portanto, em ambas análises percebemos ainda a mulher secundarizada, dependente e faltosa, embora essa mulher, agora, não mais deseje encontrar o pênis que um dia a mãe lhe roubara, mas investir amorosamente no Outro a fim de atingir a completude fálica. Se é que uma possível completude efetivamente existe, pois a *falta*, como avalia Lacan, é uma característica estrutural de todos os seres, assim é possível tamponá-la?

Segundo Zalberg (2007), as mulheres não podem evitar ainda a problemática fálica que marca todo ser humano, e que apesar de o conceito da inveja do pênis possuir uma visão limitada e limitante da sexualidade feminina, ela chama a atenção para um fato estrutural da vida psíquica da mulher – o confronto com a falta na ordem do seu corpo. Não é que falte algo no corpo da mulher, mas, segundo a concepção da autora, a anatomia feminina favorece a inscrição da mulher em uma ordem da falta, sendo esta falta inscrita de modos distintos em homens e mulheres. O menino tem o órgão viril e o subjetiva no modo de um “eu tenho”, mas nem por isso deixa de sofrer da angústia da ameaça de castração, já a menina o subjetiva sob o modo de “não tenho” e por isso sofre pela falta.

Logo, a questão central para Zalberg (2007) seria como o sexo é subjetivado por homens e mulheres, sendo este o fundamento da diferença, pois ambos constituem o seu inconsciente a partir do modo como vivenciam o seu sexo. A autora ainda afirma que Freud percebera este processo de subjetivação do sexo, denominando-o de “processo de sexuação”, e que sua teoria da castração viria de uma perspectiva também simbólica, pois em 1923 ele afirma que os seres humanos se dividem entre os “não castrados” (homens) e os “castrados” (mulheres). Esse pressuposto acabou por introduzir uma primazia do órgão imaginário – o pênis- cuja posse ou ausência seria um critério de diferenciação entre os seres humanos.

Ao adotar o conceito de falo como pênis que pode faltar, Freud desloca o eixo da sexualidade infantil do registro imaginário – de um órgão imaginário da ordem do corpo – para o registro simbólico – de um símbolo do sexo no inconsciente: O falo. O grande momento dessa passagem é que o Falo, para além de seu status de imagem e de presença, se distingue do órgão (masculino) que lhe serve de suporte e revela-se símbolo (p.25)

Ou seja, apesar da análise de Freud ser mais associada às imagens dos órgãos sexuais e ao registro do imaginário, entre o “ter ou não ter”, há também um sentido simbólico, pois o ato de simbolizar o sexo no inconsciente é um processo que meninas e meninos fazem durante o Édipo, e com isso temos o resultado ou justificativa final de porque o pênis acabou por tornar-se

tão importante na vida psíquica de ambos. Pela sua presença e visibilidade, cada um o subjetivou de um modo, o que não ocorreu com o órgão sexual feminino, sempre mais escondido e desconhecido.

Portanto, colocar o falo enquanto símbolo e mais que uma imagem ou presença real permitiu que Freud pudesse relacioná-lo com os sexos, gerando no homem a angústia da sua perda e na mulher as reivindicações da sua presença. É por isso que Freud o reconhece como existente na vida das mulheres e dos homens e, assim, busca uma fórmula para inclui-lo na esfera feminina. A saída foi estabelecer a diferença dos sexos da seguinte forma: nos homens o falo se revela pela ótica da presença, do manifesto, e por isso, se diria que eles “tem o falo”, e nas mulheres o falo se revela pela “ausência”, do encoberto, nesse sentido se diria que elas “não tem o falo”(Zalberg, 2007).

Ao mencionar que o Falo se apresenta de certa forma na mulher, nem que seja encoberto, Freud já indica que ela tem alguma relação com ele. [...] O pênis é um suporte imaginário para o falo e é bastante consistente para um homem tê-lo como um representante do seu sexo no inconsciente, podendo subjetiva-lo como “Eu tenho”. É nesse sentido que podemos dizer que o homem “tem” o falo, quando na verdade, ninguém tem o falo: o que o homem tem é um representante de seu sexo no inconsciente. Por isso Freud sustenta que o homem já nasceria um, na medida em que o pênis é um órgão identificador do seu sexo desde o início (p. 26-28)

Portanto, segundo a autora, nem o homem e nem a mulher são detentores do falo, posto que ele não é fixo a ninguém. O pênis se torna representante do falo para o homem uma vez que este órgão viril é o símbolo fálico do seu sexo em seu inconsciente, assim como também o é na mulher, ainda que seja pela lógica da ausência. Mas o falo, como bem já avaliara Lacan, pode e é representado por qualquer significante que confira completude à homens e mulheres. Ao homem podemos dizer que poderia ser o seu valioso pênis, para a mulher poderia ser o amor, ou um outro objeto significante qualquer. A respeito da significação do falo, Zalberg (2007) acrescenta:

O falo é, pois, um símbolo de desejo, daquilo que nunca alcançamos e daquilo a que temos que renunciar para nos tornarmos homens e mulheres. É como significante do desejo que o falo funciona no inconsciente e na análise. (p.27)

Logo, o falo é o significante da falta, o que está entre o sujeito e o seu desejo, mas que nem sempre é alcançável e muitas das vezes renunciado, pois nem todo objeto de desejo do ser humano é possível de ser sustentado em função da obediência social às leis e à moral. Para

encerrar a discussão acerca do falo na vida psíquica dos seres, Zalcberg (2007) faz a seguinte observação a respeito da não associação do falo com o órgão sexual feminino:

A vagina é bem conhecida como órgão, pedaço do corpo, mas não conhecida a nível simbólico, como sexo feminino. A vagina não tem o mesmo valor como suporte imaginário para um possível representante do sexo feminino no inconsciente, assim como o pênis o é para o Falo, este sim, representante do sexo no inconsciente. (p.28)

Logo, por não ter uma representação psíquica e simbólica, a vagina é abandonada em seu ocultamento usual e desvalorizada psiquicamente. Por isso poderia ser inscrito que falta algo a mulher, por ela não tem um representante inconsciente do seu sexo. Ficaria em aberto, então, a questão de um órgão especificamente feminino que o inconsciente possa reconhecer como representante do sexo da mulher, e quando afirma-se que a mulher não tem o falo, não é em referência ao órgão, mas sim à ausência de um símbolo do seu sexo. Enquanto o homem teria o seu representante inconsciente, a mulher não tem um que seja dela, ou seja, que a represente como mulher. Seria exatamente por esta impossibilidade simbólica que Freud se refere à mulher como enigmática, um “continente negro”. (Zalcberg, 2007)

Portanto, teríamos uma análise verdadeiramente mais analítica de porque o feminino é posto como oculto, secundário e dono de um posicionamento “não-fálico” posto que as mulheres não possuem um representante simbólico e inconsciente do seu sexo, conseqüentemente sentindo-se faltosas, pois não possuem algo para chamar de falo, de seu. Decorreria daí a busca do que lhes falta no Outro e em outros significantes. Do mesmo modo teríamos uma análise, ou mesmo justificativa, mais social do porquê o pênis ou, o masculino, foi por muito tempo na psicanálise universalizado como fálico. Ora, se as posições subjetivas femininas e masculinas estruturavam-se em torno de uma ordem masculina, seria então o seu representante – o homem – aquele detentor do falo, isto é, do poder, da presença e da onipotência.

De acordo com Narvaz (2013), cada cultura atribui ao falo traços que o definem, investindo de uma condição de poder e autoridade também o seu representante. É a sua posse imaginária que habilita alguém a representá-lo e ser a lei. Na cultura ocidental é o pênis erétil que representa simbólico e imaginariamente o falo, representação até encontrada nas encenações mitológicas. É por esta razão que a primazia do órgão sexual masculino na teoria freudiana não é um produto único de observações clínicas, mas também de um contexto patriarcal e de um maior favorecimento dele às diferenças anatômicas sexuais, como já mencionamos

Lacan ao fazer uma releitura do Édipo e da significação do falo, além de realizar uma leitura mais simbólica, despreendeu o falo das amarras da anatomia e de algo fixo, como o pênis,

constituindo-o como o significante da *falta*, aquilo que completaria o sujeito. Neste sentido, nem a mulher e nem o homem seriam os donos do falo, pois sempre estariam em busca de um objeto significativo para lhes tampar a *falta psíquica*. Logo, em sua lógica, o homem não seria mais visto como aquele “que tem”, pois ninguém, em realidade, tem. Por fim, Narvaz (2013) comenta:

O divórcio entre a anatomia e a condição fálica separou pênis e falo. O falo assumiu diferentes formas de representação, ou seja, diversos objetos habilitam-se desde então, como representantes do poder, do saber e do prazer, não sendo mais privativo de um sexo. (p. 08)

Lacan, apesar de também desassociar a mulher de uma ordem mais masculina, inclusive porque o contexto histórico em que estava inserido já apresentava uma maior inserção pró-ativa da mulher no mundo público devido aos avanços dos movimentos feministas, ele analisa que para inserir-se na lógica fálica deveria a mulher tornar-se objeto de amor de um outro provavelmente masculino, visto a sociedade ocidental até os dias atuais ainda ter características patriarcais. Assim, a mulher novamente torna-se faltosa.

Em suma, percebemos que o discurso freudiano desenha a sexualidade feminina a partir de uma ordem masculina, universalizando o pênis e secundarizando-a e caracterizando-a como passiva, faltosa e invejosa – aspectos não muito distintos das mulheres de seu tempo, as quais constantemente o sofriam da privação dos seus desejos, o que levava-as a terem inveja da posição pública dos homens. Em sua teoria observamos o falo como o símbolo psíquico da *falta* – representado pelo pênis.

Este ponto torna-se coerente quando avaliamos que o período (modernidade) em que Freud viveu tomava o homem como único sujeito socialmente mais importante. Em função de sua maior participação, ele inevitavelmente, tornava-se o possuidor do falo. A mulher, por sua vez, permaneceria em uma falta constante, buscando em objetos masculinos o pênis/falo que inveja e deseja em sua vida psíquica.

No entanto, o protagonismo do pênis analisado por Freud é também explicado pela questão, que como avaliou Zalberg (2013) das representações inconscientes dos sexos em homens e mulheres. Devido a sua inegável presença, o menino e a menina durante o Édipo subjetivam o pênis de algum modo e seria esta subjetivação a marca das diferenças sexuais entre os seres. Para a autora, o menino subjetiva o pênis como uma posse e se reivindica imaginariamente como aquele “que tem” e se satisfaz narcisicamente com isso, já a menina faz o contrário, como acha que “não tem” recai na *falta fálica*. Para Freud, a mulher teria o falo no sentido mais da “ausência” e não da presença como no homem. Portanto, teríamos duas

explicações à universalidade fálica do pênis – uma histórica e social e outra propriamente analítica e simbólica.

Lacan já coloca uma nova conotação à primazia fálica fazendo uma releitura do “ser ou não ser”. Como percebe nos sujeitos a presença estrutural da *falta*, ele observa o falo como o significante, entre falta e o desejo, sendo este qualquer objeto de completude. Assim, uma vez que o falo entra na categoria simbólica, o homem deixaria de ser o detentor do falo, bem como a mulher já o é, pois como a *falta* é constante, os seres seriam sempre desejantes e buscariam em diversos significantes uma possível completude. Por fim, teríamos um homem tão faltoso quanto àquela mulher faltosa desenhada por Freud nos confins do século XIX. Se ninguém tem o falo, todos estão em busca de um, posto que homens e mulheres são sempre seres desejantes em busca de tamponar a sua falta.

3.3 Feminilidade e novas subjetividades

Por muito tempo, a feminilidade foi constantemente associada à mulher, ao que é da ordem “do feminino”, bem como, masculinidade ao homem, ao que é da ordem do “masculino”. Homens e mulheres constroem-se a partir dos estereótipos criados dentro destes dois significantes e dos discursos sociais que marcam a feminilidade com os valores de passividade, beleza e maternidade e a masculinidade com as atividades vinculadas ao poder, virilidade e presença.

Portanto, devem homens e mulheres encaixarem-se nestes ideais e aqueles desviante são criticados, julgados ou mesmo excluídos pela justificativa de uma “anormalidade”, como por muito tempo aconteceu com os homossexuais – julgados como doentes por terem comportamentos ou escolhas sexuais distintas dos demais. Aqueles que não se enquadram nesse sistema ideal de coerência e continuidade não corresponde aos gêneros masculino e feminino, sendo conseqüentemente relegados à invisibilidade e patologia (Cossi, Dunker, 2016)

No entanto, e o próprio Freud já reconhecia que a feminilidade e masculinidade são campos onde homens e mulheres transitam, não sendo, deste modo, fixos à nenhum dos dois sexos, uma mulher pode apresentar-se como mais presente ou viril e o homem mais passivo e menos dominante. Em 1923, Freud inclusive chama a atenção ao erro de associarmos a feminilidade com passividade e atividade com o masculino, embora implicitamente o fizesse em seus percursos teóricos acerca do Édipo feminino. Apesar de serem campos presentes na vida psíquica inconsciente e consciente dos seres, os discursos e a própria vigilância social, permanecem no desejo de fixar os sujeitos nos ideais tradicionais da feminilidade e da

masculinidade, nem sempre compreendendo que homens e mulheres podem fugir de um padrão imposto.

Na visão de Assoun (1993) uma mulher pode escolher entre ser passiva ou ativa a depender das atividades que exerça ou das recompensas benéficas que pode vir a ter e cita, como exemplo de atividade, a história pré-édipiana da menina com a mãe:

Se a filha, objeto amamentado, alimentado, limpo, vestido e dirigido em todos os seus atos, fica fixada nessas experiências e desfruta de satisfações que lhes estão ligadas, ela também busca – fator decisivo de sua evolução – transformar essas experiências em atividade, como testemunha eminentemente a encenação da brincadeira de boneca, que, longe de valer como um simples “sinal de feminilidade cedo despertada”, atesta o lado ativo da feminilidade [...] longe de perder para o menino em atividade, a menina exhibe um empenho de “sujeito ativo” frente a uma mãe érigida como objeto” (p. 14)

Portanto, é por comprazer-se na relação com a mãe que a menina também manifesta seu lado mais ativo, tomando a mãe como objeto e refletindo a relação que ambas têm com suas bonecas, onde ela se coloca como sujeito ativo. Posteriormente, para tomar o pai como o objeto de amor, inclina-se à ele mais passivamente, pois é lá, acredita, que está uma recompensa desejada – o seu “pênis perdido”.

A mulher pode experienciar seu destino da atividade ora como um “dever” ora como um “fardo” e seria o seu modo de viver o complexo de castração que definiria a contradição vivida entre atividade e passividade, a qual é uma espécie de luxo que ela se permite sob algumas estritas condições. Por exemplo, se para ela o homem falhar em sua tarefa de ser o seu ideal fálico, ela “pula fora”, mas enquanto não há falhas, a mulher se permite adotar posicionamentos mais passivos. (Assoun, 1993). Por isso, outrora Freud nos alertou para não fixar na feminilidade a passividade, pois se pode a mulher adotar uma postura distinta do usual o “modo passivo” pode o homem também o fazer em relação a sua atividade, algo que ele o faz durante o Édipo, quando cria uma fantasia de sedução ao sentir-se seduzido¹⁵ pelo pai.

Na análise do psicanalista Birman (1999) a feminilidade, além de não ser algo específico do feminino como já dito, corresponde à um registro psíquico oposto à lógica fálica da tradição psicanalítica. Enquanto no falo o sujeito busca uma satisfação completa, uma totalização

¹⁵O psicanalista Nasio (2005) em sua releitura do complexo de Édipo, afirma que o menino edípiano imagina ser seduzido pela mãe, pelo irmão ou até pelo próprio pai. Assim, ele acaba por desempenhar um papel de passivo, de ser a Coisa-do-Pai e fazê-lo gozar. Neste momento, o pai não seria mais o repressor, mas o sedutor, um amante que o menino deseja, mas que teme que vá longe demais e abuse dele. Assim, a angústia da ameaça de castração não seria do medo da perda do pênis-falo, mas sim de perder a virilidade ao se tornar mulher-objeto do pai. A fantasia de sedução do menino é primordial no tratamento de homens neuróticos.

ou universalidade e o domínio das coisas e dos outros, pela via da feminilidade o que está em jogo é uma postura mais voltada ao particular, ao não controle sobre o todo. Deste modo, para o autor, a feminilidade:

Implica a singularidade do sujeito e as suas escolhas específicas, bem distante da homogeneidade do sujeito e as suas escolhas específicas, bem distante da homogeneidade abrangente da postura fálica [...] a feminilidade pode se desenhar no horizonte, sem que o sujeito se enrosque nas armadilhas do Falo (p.10-15)

A lógica fálica seria a ordem da completude, a via pela qual os sujeitos buscariam de todo modo ocultar uma falta que os angustiam, produzindo, assim, uma insatisfação constante. Por isso o falo – símbolo que tampa a falta – é tão buscado. Além disso, o falo representa poder, superioridade e presença, e uma vez que não há mais falhas via a satisfação fálica, não há mais desamparo, fragilidade e muito menos *falta*. É por isso que camuflar-se na universalidade do falo é muito benéfico ao sujeito, pois haveria unicamente a completude e a satisfação. Como a feminilidade seria o oposto, um registro independente e produto da privação, que marca a falta no sujeito, causaria horror e repúdio, pois a falta, além da angústia produzida, provoca desespero, pois nem sempre o sujeito sabe com ela lidar.

Para Birman (1999), a feminilidade marcaria a diferença no Outro, se tratando de uma experiência onde ocorre a dissolução de uma ordem fálica. Não se trata de um registro específico e psíquico do universo das mulheres em oposição aos homens, mas um em que o sujeito destacaria suas singularidades, particularidades e relativismo. Ele não mais se inscreveria no referencial fálico, como afirma a teoria freudiana, mas sim em suas diferenças subjetivas e psíquicas. Portanto, no campo da feminilidade, a oposição dinâmica de “ter ou não ter” o falo, que marca o masculino e o feminino, não é mais central, além disso, a feminilidade seria também um território sagrado na medida em que contrapõe as convenções sociais e as normas reguladas pelo eu e pelo falo, constituindo-se, assim, como um processo de desfacilização.

Quem tem o falo acredita na sua superioridade ontológica, enquanto quem não o possui se acredita inferiorizado no seu ser. Estabelece-se assim uma espécie de hierarquia ontológica entre os sexos, com uma série de consequências psíquicas, sociais e culturais (p. 51-52)

Ou seja, a dinâmica da presença ou ausência do falo produz entre os sujeitos esta hierarquia, principalmente a partir do modo como eles subjetivam um significante que represente o falo, como, por exemplo, o pênis. No entanto, o pênis, como já vimos, seria um dos inúmeros significantes possíveis de representaçãodo falo. O que entraria, de fato em questão, seja pela

presença imaginária do pênis no corpo masculino ou na sua inexistência no corpo da mulher, é que a oposição entre masculino e feminino é regida pela lógica do falo (Birman, 1999). No entanto, para fazer oposição à este registro marcado pela universalidade, temos a feminilidade que marca o sujeito em sua incompletude, em suas falhas e em seu desamparo.

A feminilidade não é identificada nem com o “ser mulher”, nem tampouco com a sexualidade feminina, pois ela transcende a diferença entre os sexos, ultrapassando a oposição entre a figura do homem e da mulher. Trata-se de um registro sexual que se caracteriza pela ausência do falo e é em função desta sua originalidade que os sujeitos a temem, assim como temem os seus desejos e erotismo mais íntimo. Em função deste medo assustador, homens e mulheres preferem o ideal e as insígnias fálicas, por isso fogem ou buscam tampar uma *falta* que produz tanta angústia. (Birman, 1999)

Portanto a feminilidade além de ser um campo psíquico por onde homens e mulheres transitam, é um registro oposto ao ideal fálico. Seria uma experiência que marca o sujeito em sua castração, em suas falhas, em seus desejos e em suas singularidades, em suma, em sua *falta*. No entanto, não é com a *falta* que os sujeitos desejam confrontar-se, pois conformar-se como um sujeito faltoso seria ir de encontro ao desamparo, à fragilidade do ser, por isso, se considerarmos a teoria freudiana, o homem se refugiaria no poder e satisfação de “ ter o pênis” como o seu representante fálico e as mulheres o buscariam em outras figuras masculina a fim de também entrarem na lógica fálica.

Para Birman (1999) seria este desamparo oriundo da falta que impede os sujeitos de romper com as insígnias fálicas, no entanto, se desfazer delas seria o modo de encontrarem suas falhas e fendas incontornáveis para assim desistirem definitivamente do pesadelo da completude. E aqui o autor usa a expressão “pesadelo da completude” em função, por ventura, de que como desejo é a força motriz da pulsão humana e o ser humano está constantemente a desejar, a falta nunca é tampada. Portanto, como sempre há falta, há sempre insatisfação, logo não haveria completude. Por isso os sujeitos sofrem devido a este desejo, talvez, fantasioso de um dia encontrarem uma suposta completude efetiva. Eis o pesadelo vivido por mulheres e homens, os quais sofrem igualmente da falta, ainda que, diferente delas, tenham um representante inconsciente do seu sexo – o pênis - tão investido de valor fálico.

Portanto, temos a feminilidade como um registro psíquico contrário ao ideal fálico, pois marca o sujeito em sua castração, em sua falta e em seu desejo, mas também temos a feminilidade como um processo de desenvolvimento e maturação vivido pelas mulheres. Na concepção de Freud, a menina somente conquistaria sua feminilidade após passar por dois caminhos – a neurose e o complexo de masculinidade - até alcançar o pai, tomá-lo como objeto

de amor desejando com ele ter um filho – o representante do seu falo perdido - para depois abandoná-lo e encontrar na maternidade e em um filho o falo que não foi possível obter do pai. A mulher traçada por Freud é “marcada por uma natureza pulsional passiva que encontraria na maternidade a melhor solução para a inveja do pênis” (Rangel, 2008, p.13).

Como já dito, o interesse de Freud pelo universo feminino iniciou quando se deparou com as demandas insatisfeitas das mulheres históricas. Para ele, a feminilidade era um enigma do qual ele não conseguiu encontrar uma resposta definitiva, por isso deixou esta tarefa aos poetas. Já para Lacan, não seria a feminilidade o enigma, mas sim o gozo feminino, o qual é para além do gozo fálico, tratando-se de um gozo suplementar e enigmático (Rangel, 2008). Além disso, Lacan retira a mulher da lógica do “ter ou não ter” o falo para a do “ser”, se tornando, assim, objeto de desejo do Outro para camuflar uma *falta* psíquica e estrutural que tem.

Para ele, a mulher se encontra em uma posição não-toda inscrita na função fálica, sendo o seu gozo dividido entre um não-todo e um que escapa da ordem do ter ou ser o falo, logo a mulher teria um gozo sem regulação fálica, podendo ser classificado como “louco” por não estar submetido ao nome-do-pai, isto é, a lei paterna. Lacan (1999) faz a seguinte afirmação:

Que tudo gira ao redor do gozo fálico é precisamente o de que da testemunho da experiência analítica, e testemunho de que a mulher se define por uma posição que eu apontei com o não-todo no que se refere ao gozo fálico. (p.15)

Portanto, em função do gozo feminino não se enroscar no falo é que a mulher seria não-toda inscrita na lógica fálica. Seu gozo vai para um mais além, para fora da cadeia de significantes, sendo somente uma parte deste gozo como sexual e fálico, posto que pode ser determinado por significantes (Rangel, 2008). Neste sentido, a mulher enquanto deseja ser o falo do Outro, ser o objeto de desejo, ela vive um gozo fálico, mas também vive um mais além, indescritível, fora da cadeia de significantes.

É por experienciar um gozo mais além, que porventura, as mulheres realmente não saibam sempre o que querem e o que desejam. Rangel (2008), vai dizer que uma mulher é não-toda, o que equivale a dizer que não há palavras para descrevê-la inteiramente. Para a autora, o ensino de Lacan ultrapassaria o feminino atrelado à maternidade e, nesse caso, a mulher lacaniana se depararia com a questão de ser o falo exatamente por não o ter, assim, ela fingirá ser o que não é: o falo.

Aqui entramos novamente o debate da mascarada, pois é mascarando-se como o falo do Outro que a mulher conseqüentemente mascara também a sua falta. A mascarada seria um campo de ocultamento da feminilidade para que a mulher possa tornar-se o falo do Outro, como apontava Lacan, mas que na visão mais crítica de Butler (2013) seria um modo de negação dos

desejos feminino que favoreceria o investimento fálico da mulher para satisfazer as demandas do outro e não as suas, já ocultas na mascarada. No entanto, para além disso, a mascarada serviria como depósito de ocultamento também da falta.

Rangel (2008) explica:

Através da mascarada, a mulher faz algo com sua falta com o objetivo de despertar o desejo do homem. Muitas mulheres mudam com facilidade e rapidez a sua aparência. Na posição de não-toda, não totalmente referida à função fálica, ela recorre às máscaras frente a não posse de uma identidade feminina (p.49)

É mascarando-se como um atraente objeto de desejo ao Outro que ela nutre e vive um gozo fálico, reivindicando-se como o falo. Isto é, é pela indefinição da sua identidade e ausência de um representante inconsciente do seu sexo que ela deseja ser o objeto de amor do Outro, exatamente para viver uma satisfação pulsional dentro da lógica fálica. Com isso, mais uma vez, pode ser ressaltado, o quanto o investimento amoroso é tão importante em sua vida psíquica. A mascarada a levaria ao campo da significação fálica, que ela pretende “ser” para esconder, no entanto, isso acaba por afastá-la do caminho para chegar à feminilidade, pois quanto mais ela se identifica com um ideal fálico, mas se afasta da sua real sexualidade, evitando o seu gozo particular e suplementar (Rangel, 2008). Ou seja, quanto mais a mulher enrosca-se no ideal fálico em uma busca de uma suposta completude, mais se afasta da originalidade do “mais-além” do seu gozo.

De acordo com Rangel (2008), na psicanálise, a feminilidade gira muito em torno da falta de um significante essencialmente feminino que como consequência faz a mulher sentir-se indefinida quanto à sua identidade feminina e por isso o uso da mascarada.

A respeito deste uso, a autora acrescenta:

Podemos considerar que na sociedade contemporânea, os recursos da medicina estética como as cirurgias plásticas, botox, silicone, correspondem aos apelos do culto ao corpo, característicos da nossa época, mas também atendem ao que a mulher busca como mascarada no caminho da sua feminilidade (p.55)

Ou seja, o uso desses artifícios para mascarar-lhe a falta, a insatisfação, a incompletude é um meio de sentir-se mais desejada através do olhar do Outro, que, inclusive, pode não ser sempre masculino. No entanto, é no investimento amoroso no Outro que ela visualiza o melhor caminho de preenchimento da *falta*, tal como fez durante o seu Édipo, quando se apaixonou pela mãe, transformando-se no falo materno, e posteriormente pelo pai, imaginariamente desejando com ele ter um filho como símbolo do seu falo desejado. Rangel (2008) vai enfatizar que é

através do amor que a mulher busca uma sustentação para o seu ser, pois ela visa obter uma harmonia à sua indefinição, já que nem sempre sabe definir a sua identidade.

Freud, inclusive, ao oferecer um espaço de escuta às mulheres reconheceu que um dos dilemas femininos era a necessidade de amar e ser amada, concluindo, depois, que a importância da dimensão do amor na vida psíquica das mulheres vinha muito antes da sua fase adulta, existindo desde os seus primeiros anos de vida, em suas histórias pré-edípicas com a mãe. Lamentavelmente ele não soube dar conta da falta feminina, desejando até o último momento que as mulheres lhe revelassem através da fala algo sobre si mesmas, no entanto, nem mesmo elas sabiam, pois estavam constantemente em busca de um dizer ou discurso que desse conta da sua falta que jamais se esgotava. (Assoun, 1993)

Portanto, a feminilidade pode ser encarada sob dois aspectos – um como registro psíquico oposto ao ideal fálico que marca a falta, a singularidade e o desamparo no sujeito – e como um processo de desenvolvimento psicosssexual de amadurecimento e crescimento da menina em mulher, onde ela incorpora os valores e características ditos socialmente como femininos. Segundo Assoun (1993), a mulher é cercada de determinismos sociais e restrições culturais esmagadoras, diferentemente dos homens, os quais gozam de uma maior liberdade social e sexual.

Na modernidade, os valores femininos em alta foram, essencialmente, a vida materna e do lar, e por isso é coerente que Freud tenha associado a feminilidade com os deveres da maternidade nos séculos XIX e XX. Na época vivida por Lacan, já havia uma maior inserção da mulher no mundo público, no entanto, ela permanecia no posto de ser a esposa-mãe ideal que cuidava do lar e satisfazia as demandas do marido. Logo também é coerente que Lacan tenha aberto o debate a respeito da sexualidade feminina, mas a colocado em um posicionamento de “ser o falo/objeto de desejo” que satisfaz um Outro, geralmente masculino, como salientou Butler (2013)

A mulher, o feminino e a própria feminilidade por muito tempo foi um outro secundarizado, um outro desconhecido nos âmbitos psíquico e sexual, e um outro que marcava a diferença. Por muito tempo somente as mulheres eram incompreensíveis, pois elas indagavam-se, e ainda se indagam, a respeito do que é ser mulher, como ser mais ou menos feminina, o que querem e o que desejam. Assim, o enigma da feminilidade não se faz somente aos homens, mas também às próprias mulheres – insatisfeitas em seus desejos frutos de uma falta incessante. Como não eram atendidas, compreendidas e ouvidas, eram postas de lado, em um Outro lugar sexual, subjetivo e social.

No entanto, torna-se importante destacar que por muito tempo a lógica mais presente no social era a masculina, e assim, o feminino não era pensado a partir das suas singularidades, mas sim como algo oposto, diferente do masculino, pois este era a referência universal que, inclusive, marcava a diferença entre os sexos, a exemplo da temática freudiana acerca do desenvolvimento psicosssexual dos seres, em que a posse do pênis fundamentava a diferença em homens e mulheres.

Na visão de Aran (2000), o feminino pode ser considerado o Outro que foi historicamente negado e recalcado pelo o que se convencionou chamar de dominação masculina, tendo a civilização ocidental se constituído a partir da singularidade e exclusão das mulheres. Podemos perceber esta característica social nos discursos dos médicos da medicina moderna, os quais em sua incompreensão, ou até mesmo pouca vontade em perceber os verdadeiros desejos femininos, desenhavam um ideal de feminilidade a partir do que eles acreditavam que era o ideal. Neste sentido, não eram as mulheres que faziam a sua história, ela era escrita, e por muito tempo foi, pelos homens.

A respeito desta negação masculina em saber o que realmente queriam as mulheres, Kehl (2016) observa o seguinte:

A manutenção de um ponto enigmático sobre o querer feminino, a representação da mulher como um continente negro na psicanálise seriam, a meu ver, recursos a que Freud recorreu para mater-se ignorante a respeito do que ele mesmo não queria saber, embora já tivesse revelado ao resto do mundo: a diferença fundamentalmente entre homens e mulheres é tão mínima que não há mistério sobre o “outro” sexo a que um cavalheiro não pudesse responder indagando a si próprio. O que fez Freud – aliás – mas, como bom neurótico, não podia saber o que estava fazendo (p.154)

Ou seja, para a autora, a feminilidade se fazia tão difícil e desafiante para Freud, não porque ela fosse um verdadeiro e profundo mistério, mas porque o próprio criador da psicanálise sofria de um mecanismo de negação que o cegava para perceber o mais além dos desejos de suas pacientes insatisfeitas. Por isso, ao fim de seus textos, ele abandonou e desistiu desta tarefa, incumbindo isso à outros e não reformulando fundamentalmente a sua concepção sobre o que deveria ser uma mulher. (Kehl, 2016)

Em realidade, Freud, como qualquer cidadão burguês de seu tempo, nutria fortemente um ideal de feminilidade fixados na domesticidade do lar e da maternidade. O abandono do amor da mãe e da atividade masculina/fálica do gozo clitoridiano pelo o gozo vaginal, amor passivo ao pai e obtenção do falo/filho via maternidade, eram para ele, um modelo de subjetivação feminina que deveria toda mulher trilhar a fim de que alcançasse a feminilidade

normal. No entanto, se retomarmos os discursos de sua época, percebemos que este não era somente um modo de desenvolvimento psicosssexual feminino, mas sim um modelo social de subjetivação imposto à mulher e reproduzido na teoria psicanalítica de Freud. Kehl (2016) acrescenta:

A recusa das históricas em aceitar a feminilidade como modelo de subjetivação e de sexuação deve ter criado uma crise para o próprio Freud, uma vez que – como veremos na leitura de suas cartas à noiva Martha Bernays – também ele compartilhava do “ideal admirável a que a natureza destinou as mulheres” (p.153)

Em função de uma mentalidade propriamente burguesa que aprisionava as mulheres (mais propriamente as de famílias burguesas) no enclausuramento do lar que Freud, apesar de ter oferecido mais voz ao sofrimento neurótico delas, negava-se a compreender porque tantas desejavam se libertarem ou se queixavam de um papel que as foi “naturalmente” destinado. Por isso que em relação a sua esposa, Martha, ele não admitia que ela trabalhasse, pois já tinha muitos afazeres como dona de casa para que se ocupasse de assuntos externos. Nesta confusão de ideias e pensamentos é que ele se questionava – a final, o que quer uma mulher?

O ideal de feminilidade que cultivava marcava também os discursos da época que interpelavam homens e mulheres. Esses discursos faziam da maternidade e do casamento, como bem observa Kehl (2016), uma espécie de ponto de chegada para a mulher, e nada mais era esperado dela, nem mesmo no plano erótico. Era como se a feminilidade não tivesse outra função depois de ter cumprido o seu único objetivo: a conquista de um homem que lhe desse um filho. Esta deserotização da esposa/mãe pode ter sido uma imposição da moral da modernidade. Para Freud, mais parecia ser uma consequência do percurso de subjetivação da mulher, pois de acordo com a sua teoria, todos os interesses libidinais dela terminariam na posse de um filho.

Assim, em razão desta confusão de ideias entre o que ele acreditava ser o ideal feminino e os diálogos críticos e opostos de suas pacientes, é que seus textos do fim da vida oscilavam entre a decepção, se a psicanálise poderia curar as mulheres desajustadas dos ideais da feminilidade, e a perplexidade acerca do que afinal desejavam elas. Em sua época, a feminilidade construída deveria satisfazer-se indiretamente com a maternidade, o que era fortalecido pelos discursos sociais, os quais faziam a mulher produzir (para a cultura) filhos, enquanto ela somente se produzia como mãe. (Kehl, 2016)

No entanto, quais as alternativas sociais, subjetivas e, até mesmo, simbólicas que a mulher/mãe/dona de casa poderia encontrar? Quais eram as suas contribuições? E quais seriam os outros significantes da mulher para além de ser “mãe?”. E por fim, o que seria “ser mulher”

na visão feminina e não masculina? Na perspectiva freudiana tem-se a mulher invejosa do pênis, mas conformada com a posse do mesmo em um filho, preferencialmente um menino, como o seu representante do falo e tampa da sua falta fálica. Já na perspectiva lacaniana tem-se uma mulher cujo objetivo é transformar-se no falo (objeto de desejo) do Outro para tamponar esta mesma falta. Em suma, em ambas as alternativas se observa o sujeito mulher como um ser faltoso que para mergulhar na lógica fálica teria a opção do “ter ou ser”.

Parece que nas duas opções a mulher fica dependente de um Outro, que na teoria freudiana é um outro masculino e na de Lacan nos parece incerto se também seria sempre masculino ou não. Independente disso, parece que a mulher que lida com a sua falta fálica tem sempre que jogar com algum traço fálico que a constitua, no mínimo, um objeto de desejo para o Outro. (Kehl, 2016). Tal aspecto nos remete à questão da mascarada como um dos aportes da feminilidade exposto por Lacan nos anos 50, quando ele aponta que é na mascarada que a mulher esconde traços da sua feminilidade para tornar-se o falo do Outro, mas também é a partir dela que ela se mascara de diversas formas para conquistar este Outro.

Mas esta mulher mais dependente de um Outro (masculino ou não) é muito visível na cultura da sociedade ocidental dos séculos XVIII, XIX e início do XX. Eram épocas em que interditavam às mulheres outras formas de identificação e de querer, sendo a única identificação permitida, de acordo com seu gênero, e que lhe prometia uma gratificação libidinal, o de ser mãe, isto é, a posição materna (Kehl, 2016). É por isso que para Freud, a mulher castrada e invejosa do pênis, mas conformada com a maternidade era profundamente coerente e aceitável àquela época. Posteriormente, com a emergência do movimento feminista, esta sua teorização foi deveras criticada

Como durante séculos houve uma naturalização ampla do feminino, isto levou muitas mulheres a pensarem qual foi a verdadeira história das mulheres, como questiona a historiadora Michelle Perrot. Se atualmente há um novo esboço do feminino, torna-se necessário refletir quais os novos modos de sociabilidade das mulheres em um momento que os discursos sociais e culturais mudaram e não vivem mais sob o império absoluto da dominação masculina como outrora, onde a mulher tinha o único lugar de objeto. (Áran, 2000). Logo, a questão que se torna, agora, pertinente são os novos modos de identificação, socialização e subjetivação da mulher, as quais já são mais donas de seus corpos e de seus desejos.

Portanto, foi no sentido de repensar a história das mulheres e o seu lugar como sujeito social para além da maternidade e do lar que se desenvolveu, a partir do século XIX, o movimento feminista, cujo objetivo inicial foi o questionamento da dominação masculina instalada e reproduzida socialmente no mundo ocidental. Muitas feministas psicanalistas,

discípulas de Freud inclusive, criticaram a sua teoria de sexualidade feminina, pois ela racionalizava a subordinação das mulheres, ainda que o pai da psicanálise não tivesse este propósito. O seu saber intelectual era, no fundo, fruto de uma cultura patriarcal onde as mulheres eram amplamente oprimidas (Robin, 1993)

Temas como a centralidade do falo, as diferenças do Édipo em homens e mulheres, a angústia de castração, a inveja do pênis e a maternidade como condição para a feminilidade eram mais criticados, pois apontavam para uma diferença sexual marcada pelo binarismo. Tais críticas ganharam força em um cenário mais contemporâneo, onde o campo da sexualidade passou por mudanças significativas que denunciavam os limites de uma leitura da diferença sexual marcada unicamente pelos gêneros homem e mulher. (Pombo, 2016).

Como a sexualidade é um dispositivo histórico, como bem afirma Foucault (1999), suas configurações, modos de gozo e vivências alternam e transmutam-se de acordo com os novos e diferentes discursos culturais que passam a interpelar os indivíduos. Logo a mulher que vivia proibida de gozar de liberdade social e sexual ressignificou-se a partir do momento em que o seu lugar social ganhou maior autonomia em função da progressiva desconstrução, pelo movimento feminista, da lógica patriarcal masculina. Se antes encontrávamos mulheres mais frígidas e passivas, atualmente encontram-se mais autônomas e desejosas de obter novos prazeres. Muitas, inclusive, amedrontam a falicidade masculina, pois muitos homens não sabem como lidar com mulheres tão livres e, possivelmente, tão fálicas quanto eles.

É neste sentido que para Áran (2000), o advento da mulher-sujeito provocou uma ruptura no modelo tradicional masculino de pensar a diferença, onde o Outro – eternamente feminino – assumia o lugar de objeto e Um-masculino se mostrava como universal. Na concepção da autora, a diferença sexual trazida pela psicanálise de Freud é uma versão masculina da diferença e complementa:

Não precisamos de muitos argumentos para demonstrar como o desenvolvimento da idéia de castração na obra freudiana e a releitura lacianiana do falo se fundamentam nas principais ideais sobre a diferença sexual dos séculos XVIII e XIX (p. 173)

Em Freud a diferença sexual girava em torno de “ter ou não ter” o falo, sendo este representado por um símbolo masculino – o pênis – e isso, também, justificava ser o homem o personagem social e principal. Na lógica lacianiana tem-se o “ser ou não ser”, que também marcava a diferença entre homens e mulheres e colocava a mulher na posição de ser o falo de um Outro masculino. Novamente a centralidade do homem aparece com força. O século XIX e o XX (na sua primeira metade) foram épocas bastante marcadas pelo patriarcado, e por isso estes

autores tiveram suas ideias interpeladas por um referencial masculino. Para Áran (2000), a problemática no campo da psicanálise seria recuperar o paradigma da feminilidade na obra freudiana e construir um novo campo de pensamento.

O que também a psicanálise de Freud praticou foi o que as ciências médicas mais faziam naquele período - usar as diferenças biológicas como marcas culturais que levantavam e elaboravam justificativas para diferenciar homens e mulheres. Não somente a psicanálise foi construída com este intuito, mas outras múltiplas teorias que pretendiam comprovar cientificamente tais diferenças, pois, no fundo, para o saber médico oitocentista, o homem era a “norma” e não haviam muitas áreas de investigação do corpo feminino e suas singularidades (Sayão, 2003).

Foi devido a este tipo de pensamento biologizante que o corpo feminino por muito tempo foi naturalizado e reduzido ao órgão genital e função reprodutora. Como consequência, construiu-se no imaginário social um ideal de feminilidade colado à maternidade. A psicanálise, como já observamos, foi cúmplice da manutenção deste discurso, mas o que teria ela a dizer a respeito de mulheres que, atualmente, não se encaixam mais neste velho ideal do feminino? Devido as mudanças culturais, as mulheres e os homens ressignificaram-se subjetivamente, identificando-se com novos significantes e novos modos de estar no mundo. Estaria a psicanálise pronta para ouvir novas demandas femininas agora tão distintas daquelas da modernidade?

É importante ressaltar que com o avanço do movimento feminista, gradualmente, as mulheres tem maior conhecimento a respeito dos seus corpos e do seu lugar como sujeito e, nesse sentido, assumem posições mais ativas no mundo público. A maternidade juntamente com o mundo doméstico tornou-se mais insatisfatório para elas na medida que elas mergulham num mundo que por muito tempo lhes fora vetado em função de um forte discurso masculino. A própria psicanálise de Freud contribuiu para que as diferenças entre homens e mulheres fosse hierarquizada, já que o pênis seria o representante do falo e, portanto, o símbolo da virilidade/ poder dos homens e inveja das mulheres. (Sayão, 2003)

Contudo, torna-se importante questionar por quais razões homens e mulheres reconfiguram-se constantemente no espaço socio-cultural? O que provoca a construção de novas identificações sociais, mas também subjetivas e sexuais? Ora, se os discursos culturais avançam, modificam-se ou, mesmo, anulam-se por não haver mais validações, os sujeitos, cujo comportamentos são frutos deles, não estão imunes. Logo, é em seus corpos que se inscrevem os elementos culturais presentes na experiência humana, pois o corpo é um lócus de exercício do poder (Sayão, 2003). E, como bem analisa Preciado (2014), são os corpos que são construídos

socialmente, pois se trata de um arquivo orgânico da humanidade, com histórias e certos códigos que se naturalizam.

É por esta razão que inevitavelmente os indivíduos produzem novas identificações e subjetividades, pois a todo o tempo os seus corpos e os seus próprios discursos são marcados por códigos culturais, morais e sociais da época a que pertencem. Por exemplo, a mulher marcada pela inveja do pênis e por uma posição de “não-toda” inscrita na lógica fálica se deve a uma modernidade castradora que lhe roubava a sexualidade e a subjetividade. Mas se agora encontramos uma mulher mais autônoma diante de uma moral sexual é por viver-se um momento de maior liberdade e igualdade entre os sujeitos. Cada corpo possui uma história e cabe-nos compreender os traços culturais que o constitui.

Na visão de Preciado (2014) a diferença sexual se opera a partir de uma operação que reduz e extrai determinadas partes dos corpos, isolando-as para fazer delas significantes culturais. Seguindo esta lógica, observa-se esta extração na teoria freudiana, quando o nosso autor fixa-se nas imagens dos órgãos genitais feminino e masculino, construindo a diferença entre os seres mais pela anatomia do que por seus aspectos culturais, sociais e subjetivos, apesar de em seus escritos ele ter declarado o erro de reduzir os sujeitos unicamente à função sexual. É também por esta fixação nos genitais que a superfície erótica se reduz aos mesmos, e acaba por privilegiar o pênis como único centro mecânico da produção do impulso sexual (Preciado, 2014). Ora, se o corpo feminino sempre foi mais oculto e desconhecido do que o masculino, seria o pênis a peça central da dinâmica sexual.

O sujeito da psicanálise é também um ser social marcado pela cultura em que vive. “É um ser de linguagem, de cultura, inserido sob as coordenadas de determinado período histórico, de uma determinada sociedade e de uma determinada disposição simbólica” (Kehl, 2016, p. 208). É neste sentido que na modernidade vivida por Freud, se o posicionamento social da mulher era a passividade, a domesticidade e a maternidade, seria a sua subjetividade fixada nestes três elementos, devendo ela se conformar ou com o lado positivo da sua feminilidade – a maternidade – ou com o negativo – o sofrimento da neurose. De fato, a realidade que viviam era tão limitadora que realmente era um grande impasse inventar um novo estilo de vida (Kehl, 2016)

Se por um lado as mulheres eram naturalizadas e reduzidas à sua função reprodutora pelos discursos culturais de uma época, o homem e a sua universalidade do pênis também foi produto da multiplicidade de vozes masculinas que escreveram quase toda a história que vivemos, a qual recentemente acolheu as vozes das mulheres, avalia Kehl (2016). E é seguindo esta pertinente questão da produção cultural dos discursos que marcam os corpos masculinos e

femininos que a autora questiona - se às mulheres¹⁶ não há um significante inconsciente que as represente como um todo, qual seria afinal o significante que designa o conjunto dos homens – o pênis ou o verbo? E por que o verbo? Porque, porventura, são os homens aqueles se reivindicam como o que “tem ou é” dentro da lógica fálica, consolidando uma ordem simbólica em que eles são os elementos centrais, como observamos na teoria freudiana.

Foi esta ordem fálica e masculina instalada a nível social e simbólico na mente de homens e mulheres que o movimento feminista criado por mulheres no limiar do século XIX se colocou numa posição de questionamento. Transformou progressivamente a experiência de cotidianidade do mundo ocidental em mudanças significativas, tais como a crise no modelo da família nuclear, a diminuição da taxa de fecundidade pelo maior uso de pílulas anticoncepcionais (o que desvinculou o uso do sexo unicamente à procriação, oferecendo liberdade sexual às mulheres), a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a redefinição social dos papéis, os novos contratos de união como o casamento homossexual e a crise da identidade masculina (Áran, 2000).

De fato, a entrada efetiva das mulheres em um mundo que antes era majoritariamente dominado por homens mudou definitivamente a sua posição como sujeito social, a partir da produção de novos discursos a respeito da sexualidade, do questionamento e reformulação dos papéis de gênero e das diferenças sexuais. A tradição moderna em que a mulher era objetificada e vista como o sujeito passivo e o homem como o único ativo tornou-se insatisfatório a medida que os sujeitos ressignificaram-se subjetivamente, provocando uma crise nas referências simbólicas organizadoras da modernidade, principalmente a partir da ruptura das fronteiras homem-público e mulher-privado, “configurando um novo ethos para pensar as sexualidades” (Áran, 2000, 172)

Os fatores acima fazem parte de uma sociabilidade humana mais contemporânea que inauguram novas formas de subjetivação e de singularização de homens e mulheres. Segundo Áran (2000) houve um deslocamento do feminino que gerou a necessidade de pensar a história das mulheres, tendo este tema invadido o campo das ciências humanas, da sexualidade e dos gêneros. Diante destas significativas mudanças como fica a psicanálise? É possível usá-la como se não houvesse acontecido nenhuma mudança nos últimos anos? Como ela incorpora as transformações históricas e culturais em sua própria formulação teórica?

¹⁶De acordo com a análise de Kehl (2016), não há um significante que represente A mulher, de modo que ela não existe. O que existiria é o significante Mãe – uma figura temida, poderosa e reconhecida pelo inconsciente. No entanto, a Mãe não poderia ser A mulher porque ela é completa, assexuada e anterior à castração que estabelece a diferença sexual, e A mulher, por sua vez, estaria longe de uma completude, já que a falta é sempre presente em sua vida psíquica, assim como nos homens. A mulher também estaria longe de uma assexualidade, pois ela além de possuir um gozo fálico, tem um gozo mais-além, suplementar e impossível de ser verbalizado.

Como todo saber científico que transforma-se por meio de mudanças socioculturais dos discursos. A psicanálise não está ausente deste processo comum, e é por isto que muitos psicanalistas contemporâneos desenvolveram, releituras dos significantes psicanalíticos mais clássicos, como o complexo de Édipo, a sexualidade, o falo, as pulsões, as neuroses e etc, para adequá-los à luz das novas experiências sociais vividas pelos sujeitos. Para Kehl (2016), se a produção psicanalítica contemporânea não puder acompanhar esses deslocamentos, da psicanálise deixará de fazer sentido, pois ela nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar com a tradição.

O Édipo, a sexualidade, o significado do falo e da castração, as identificações, a formação do Super-Eu, o inconsciente e o recalque, continuam sendo conceitos fundamentais para o pensamento clínico; mas os significantes migram, os sujeitos se ressignificam, os desdobramentos metafóricos do falo circulam, os homens e as mulheres se deslocam dos lugares que ocupavam em certo discurso (p. 211)

Então, se anteriormente homens e mulheres eram mais fixos em determinados tipo de papéis sociais, atualmente encontram-se mais livres. As mulheres se permitiram adotar características socialmente vistas por “masculinas”, como a maior presença pública, dominância e produção de discursos próprios, já os homens se permitiram um posicionamento mais “feminino” como demonstração de maior afeto, fraqueza, beleza e responsabilidade pela casa. Em suma, os sujeitos descolaram-se de estereótipos hierárquicos mantidos por séculos e passaram a igualarem-se e a transitar livremente e sem pudor entre os seus campos masculinos e femininos. Com isso, encontramos mulheres mais fálicas e homens mais passivos.

Kehl (2016) avalia que apesar das mudanças temporais, a metapsicologia freudiana não está ultrapassada, no entanto a teoria psicanalítica deve ser plástica o suficiente para acompanhar e compreender as mudanças sofridas pelos sujeitos à medida que a sociedade se transforma. A todo o tempo os sujeitos são criadores da diversidade e da singularidade dos discursos, por isso, deve a psicanálise pós-freudiana reconhecer a multiplicidade de escolhas de destino das mulheres para além do casamento/maternidade e que os seus recursos fálicos identificatórios aumentaram através da expansão do limite do Eu e modalidades de satisfação.

O destino da maternidade como meio de conquista do falo tem se tornado também insatisfatório, uma vez que diversas mulheres não escolhem mais este destino e tem, como bem afirma Kehl (2016) outras identificações fálicas a sua disposição, seja via a mascarada ao objetificar-se para um parceiro, seja um filho, um trabalho, ou qualquer outro elemento que a

ofereça profunda satisfação. O pênis somente se tornaria o seu falo na medida em que ela o reconhece como tal.

No fundo, homens e mulheres desejam a mesma coisa – o falo, o significante do desejo inconsciente. A (re) conquista do que, sendo dos homens, não tem porque não ser das mulheres também. Não um pênis, mas uma ou alguma coisa dentro das infinitas faces do falo. Se fazer feminina e sedutora a partir da castração é apenas uma das formas de inserir-se na lógica fálica. Ao mesmo tempo, é também importante que elas percam frequentemente o falo e entrem na posição feminina sem se verem ameaçadas de deixar de ser o que são, sem sofrerem da angústia por retirar-se da fantasia da completude fálica. É nesta posição que a mulher encontra o seu gozo mais-além. (Kehl, 2016)

É pertinente frisarmos que independente dos registros psíquicos de feminilidade e masculinidade que os sujeitos absorvem a partir da castração e da dinâmica do falo, homens e mulheres fazem-se a partir das várias possibilidades de viver os prazeres e desejos corporais sempre anunciadas socialmente. Investigar as identidades e as práticas sociais dos gêneros se tornou um frequente debate também promovido pelo movimento feminista, o qual não tinha como único objetivo investigar a história das mulheres, mas sim como se constrói as identidades de gênero e sexuais (Louro, 2000)

Os corpos ganham as marcas do feminino e do masculino de acordo com a época e a cultura em que vivem, como já mencionamos. Para Louro (2000) os modos de expressão da sexualidade – desejos e prazeres – também são estabelecidos no social e as identidades de gênero são compostas pelas redes de poder uma determinada sociedade. É por isso que, se na modernidade eram os homens o sujeito dominante, por muito tempo a feminilidade fora construída por um saber masculino, de modo que o feminino era estabelecido como oposto ao masculino, e não como um produto fruto dos discursos mulheres, as quais muito provavelmente tinham as respostas ao enigma que a feminilidade se fazia aos homens.

Segundo Scott (1989), o gênero é uma maneira de indicar as construções sociais, isto é, a criação inteiramente social das ideias a respeito dos papéis próprios aos homens e às mulheres. É um meio de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas. Com a proliferação dos estudos da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens. Logo, o desenvolvimento psicosssexual que um dia foi estabelecido por Freud como uma consequência subjetiva da castração, das identificações no nível inconsciente com as imagens parentais e da posse ou não do falo, também é um desenvolvimento marcado pela experiência social dos gêneros naquele contexto cultural.

O movimento feminista permanece em sua luta e no contexto atual colocam novos questionamentos e problematizações. A questão central não é mais unicamente a reivindicação da entrada da mulher na esfera pública e no mercado de trabalho. O feminismo se faz presente na política (onde mais mulheres tiveram acesso à cargos políticos – uma conquista quase impossível um século atrás), tem sustentado discursos de igualdade social e sexual entre homens e mulheres, e possui uma luta que não se limita unicamente ao universo feminino, mas sim ao reconhecimento de que os gêneros binários – homens e mulheres – não se sustentam mais em uma sociedade em que as identificações subjetivas ampliaram-se, como o caso dos transgêneros que não se identificam com o seu sexo biológico.

O novo feminismo constitui-se como uma luta contínua, abarcando atualmente investigações na área da sexualidade humana e do gênero. É um movimento que além de construir-se a nível sociocultural e político, também se faz no cotidiano do lar, nas escolas e nos discursos reproduzidos por homens e mulheres, buscando igualar cada vez mais os papéis sociais de gênero a fim de romper progressivamente com a dominância patriarcal masculina instalada por séculos. Se um dia foi a dominação masculina a característica central da sociedade, nesse momento as mulheres são mais ativas na definição de suas necessidades (Louro, 2000).

Observa-se que de uma posição, outrora passiva, objetificada e castrada, as mulheres demonstraram constituir-se para muito mais além da sua função sexual, como bem alertou Freud no final de sua conferência a respeito da Feminilidade em 1933. Também se observa que a mulher se flexibiliza entre o registro psíquico do gozo fálico e de um gozo suplementar, no entanto, é a lógica fálica a mais presente em seu psiquismo, pois afinal, todos buscam um significante que permita escapar ou tampar a falta.

E a feminilidade? Seria um registro apenas da ordem da mulher? A partir da análise de Birman (1999) percebemos que a feminilidade se constitui um campo psíquico presente em homens e mulheres, no entanto, ao contrário do registro do falo que oferece ao sujeito a adorada completude, a feminilidade o leva ao desamparo, à fragilidade e às singularidades. Seria um registro temido tanto a nível psíquico como social, pois o feminino marca um Outro como usualmente passivo e controlado por um outro ativo.

Para além das análises psicanalíticas, concluímos que homens e mulheres serão sempre sujeitos sociais interpelados por um determinado discurso social, o qual os marcam em estereótipos e papéis sociais que devem ser cumpridos através de uma constante vigilância moral e social. Os papéis de gêneros constroem-se, modificam-se e estão em constante transformação via movimentos, como o feminista, que promove uma maior investigação e questionamento a respeito da multiplicidade das identificações, da subjetividade, das diferenças e escolhas sexuais.

Por fim, concordamos com análise da psicanalista contemporânea Maria Rita Kehl (2016), a qual afirma que os sujeitos se singularizam e manifestam-se pelo uso da linguagem ao longo da vida, produzindo alterações no nível simbólico que serão significativas para o que virão depois. Em função desta produção de novos discursos sociais e simbólicos cabe aos novos psicanalistas escutarem outras e novas demandas femininas que lhes possibilitem constituir as mulheres não como históricas – como fez Freud e diversos outros médicos da mente – mas como sujeitos que buscam constantemente um discurso próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sigmund Freud era um homem de seu tempo. Oriundo de uma família judia e pouco abastada economicamente, foi o único privilegiado entre os irmãos com a oportunidade de estudar e ingressar à universidade, ainda que sofresse no cotidiano, e depois no ambiente acadêmico, as marcas do antissemitismo. Era um homem deveras afeiçoado à mãe, mas que conflituava com o pai – apoiador do filho, mas desejoso que o mesmo ingressasse mais a fundo nos estudos religiosos. Moralista, ético, neurocientista e depois psicanalista, Freud revolucionou a modernidade com a criação de uma nova ciência – a psicanálise – e foi a partir deste momento que os seus conceitos psicanalíticos afetaram e transformaram a moral conservadora e enraizada da sociedade vienense, qual, como vimos, também vivia transformações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Freud formou-se em medicina, mas diferente dos doutores da época, não permaneceu por muito tempo dentro dos laboratórios, pois seu real desejo era compreender os mistérios da mente. Assim, guiado pela curiosidade e vontade em realizar uma grande descoberta, seguiu para o universo das neuroses, caminho que o permitiu posteriormente desenvolver a teoria psicanalítica juntamente à outros médicos estudiosos da mente. A cidade que vivia, Viena, também era um território frutífero ao nascimento da psicanálise, pois era um local cujos cidadãos viviam uma repreensão social e sexual constante devido à moralidade e às transformações culturais que sofriam. Por não saberem como conciliar as dúvidas, medos e preocupações em relação ao fim do imenso império Áustro-Húngaro e aos seus próprios destinos, os vienenses refugiavam-se nos prazeres da vida para negarem os reais problemas. A negação era uma prática constante que não passou despercebida aos olhos do nosso criador da psicanálise, a qual, depois, ele chamará de recalque.

Em meios às observações clínicas e investigações, Freud percebeu que a repreensão da moral civilizada vienense recaia mais intensamente sobre as mulheres, o que o fez defrontar-se com a neurose histérica e a insatisfação feminina. Para ele, a feminilidade era um enigma e era a resposta deste enigma que tanto buscou enquanto escutava as demandas de mulheres tão neuróticas e marcadas por diversos sintomas. Ainda que tenha dedicado-se a investigar a sexualidade feminina publicando alguns textos clássicos do tema, não obteve uma resposta definitiva, no entanto, o saber que formulou a respeito das mulheres as conferiu maior voz e compreensão, embora as tenha mantido no mesmo lugar passivo e secundário imposto pela sociedade moderna.

É pela manutenção da mulher na zona da passividade que classificamos Freud como um homem de seu tempo. Como os ideais oitocentistas demarcavam a subjetividade e a sexualidade feminina unicamente ao lar doméstico, aos filhos e ao casamento, a mulher que Freud desenvolveu sua teorização muito compactua com este perfil, pois, para ele, deveria ela satisfazer-se com o dever da maternidade a fim de obter uma feminilidade efetiva e normal, caso contrário, padeceria para sempre do sofrimento neurótico. Ora, como um sujeito social, seria inevitável que Freud se imunizasse contra os discursos de uma época e fora por isso que tão bem absorveu os ideais patriarcais da modernidade em que vivia.

Compreender quais os discursos dominantes e reproduzidos no seio da sociedade vienense fora um dos objetivos do nosso primeiro capítulo a fim de que assim pudessemos compreender Freud – nosso principal autor em questão – dentro do seu contexto histórico. Como todo saber é produzido dentro de uma determinada historicidade, logo torna-se fundamental investigar os aspectos e olhares socioculturais do seu contexto de produção. Por esta razão que como perspectiva de método científico utilizamos a Análise do Discurso da arqueologia do saber de Michel Foucault, o qual afirma que se o conhecimento não é universal ele é, em realidade, um produto de um meio, de um contexto histórico passível de sofrer alterações estruturais com o tempo. (2005)

Para além de compreendermos o contexto histórico vivido por Freud, também fora importante investigarmos o seu percurso pessoal, acadêmico e profissional, verificando quais foram as suas escolhas, parcerias e caminhos clínicos e teóricos que o conduziram à formulação da psicanálise. Compreender a sua história pessoal também fora fundamental no sentido de compreendermos como os discursos modernos influenciaram os seus pensamentos a respeito do mundo e das mulheres. Logo, se para ele o ideal de feminilidade era o casamento e a maternidade, era porque, no fundo, acreditava que deveriam as mulheres arcarem com este compromisso, inclusive, podemos perceber esta sua crença em seu relacionamento conjugal com Martha Bernays, a qual, para ele, não deveria em hipótese alguma trabalhar por já ter ocupações a mais no lar.

Já adentrando mais no universo feminino, tivemos por objetivo no segundo capítulo analisar as condições sociais, subjetivas e sexuais das mulheres na modernidade europeia vienense do século XIX. O cenário moderno trouxe muitas transformações económicas, culturais, científicas e filosóficas, bem como novas doenças, como a famosa “doença dos nervosos” sofrida por homens, mas principalmente, por mulheres. Eis o momento em que passaram a surgir os “médicos da mente”, os quais buscavam tratamentos, soluções e respostas. Como eram as mulheres as mais afetadas, compreender a causa desta “crise feminina” era

também um objetivo latente dos médicos já confusos e frustrados compreenderem e nem encontrar no corpo a origem de um sofrimento nervoso aparentemente sem sintomatologia física. Por qual razão tantas mulheres sofriam e angustiavam-se? Questionavam-se os médicos. Apesar de muitos deles buscarem tratamentos efetivos, não permitiram-se escutar as reais queixas de suas pacientes, e expô-las aos seminários médicos a fim de apresentarem à comunidade científica os seus intrigantes sintomas (ex: paralisia, gagueira e dores sem fraturas ou torção física) é que era um dos objetivos principais.

Na visão de Maria Rita Kehl (2016), a crise dos nervos, depois chamada de neurose histérica por Freud, foi a salvação das mulheres, pois:

É a expressão (possível delas), em um período em que os ideais tradicionais de feminilidade (ideais produzidos a partir das necessidades da nova ordem familiar burguesa) entraram em profundo desacordo com as recentes aspirações de algumas dessas mulheres enquanto sujeitos (p.152)

O refúgio na doença, ainda que inconsciente, era para muitas mulheres um modo de atrair a atenção dos parceiros ou da família às suas demandas, necessidades e conflitos. Como viviam constantemente em um silêncio social, as mulheres não tinham voz, então de que modo poderiam ser ouvidas? Era o sofrimento neurótico que as oferecia a atenção e escuta desejada não somente de familiares, mas dos olhos ávidos e instigantes dos médicos da mente. Nesta onda científica, Freud foi um dos primeiros a verdadeiramente perceber as mulheres como analisamos nos capítulos anteriores, e assim, conseguiu escutar a crise inominada que suas pacientes atravessavam (Kehl, 2016)

Para Molina (2011), o sofrimento feminino era um grito mudo de inconformismo com o papel designado à elas. Apesar dos médicos buscarem uma explicação coerente à “doença dos nervos”, muitos deles tinham grande resistência em compreendê-la, pois era, afinal, a produção de mulheres que revelava algo que incomodava uma sociedade alicerçada no poder patriarcal. No fundo, a histeria foi um terreno fértil para aquelas inconformadas com as demandas domésticas e foi através das investigações clínicas realizadas com pacientes histéricas que Freud construiu e solidificou os pilares da psicanálise.

Ainda no segundo capítulo, após fazermos um percurso histórico e cultural a respeito da vida cotidiana das mulheres burguesas a fim de compreendermos como os discursos sociais marcavam os seus corpos, objetivamos avaliar e traçar temporalmente a construção da teoria de Freud a cerca da sexualidade feminina. Observamos que a partir de sua teoria a respeito da sexualidade infantil, Freud descobriu o complexo de Édipo – um fundamental processo infantil

onde a criança aprende as diferenças sexuais e desenvolve a instância da lei, o Super-Ego. É pelo Édipo que seu interesse pela feminilidade aumenta e, então, debruça-se em textos posteriores unicamente na investigação a respeito do desenvolvimento psicosssexual da mulher.

Em sua teoria de Édipo e da sexualidade infantil primeiramente observamos a universalidade do órgão genital masculino – o pênis – e a diferença sexual marcada entre “seres fállicos e castrados”. Como o pênis aparece-nos como o representante do falo – símbolo inconsciente da falta – temos homens que reivindicam-se como “aquele que tem” e por isso são fállicos e mulheres como “aquela que não tem”, castradas e inseridas em uma posição “não fállica” ou “não toda inscrita” na lógica fállica.

Freud delimitou à mulher três caminhos de alcance ao falo e supressão da inveja do pênis – a neurose, a masculinidade e, por fim, a feminilidade. Para alcançar a feminilidade, deveria ela conformar-se com sua castração, tomar primeiramente o pai como objeto de amor, para, em seguida, oferecer-se à um parceiro e com ele ter um filho, posto que neste ela poderá reencontrar o falo/pênis tão desejado que um dia foi roubado pela mãe. Nas palavras de Kehl (2016) não seria um pênis no próprio corpo o que as mulheres gostariam de ter, mas sim o desejo por outros homens – figuras dotadas do pênis/falo. Para a Freud, a feminilidade normal seria o amadurecimento e preparação da mulher para o casamento e a maternidade

De todo modo, a mulher desenhada pelo criados da Psicanálise aparece como castrada e portadora da falta ou “portadora da evidência imaginária da falta”. A masculinidade, em termos freudianos, equivaleria à posse de uma das versões imaginárias do falo – o pênis – já a feminilidade é exposta como a parte maldita e castrada. (Kehl, 2016). Apesar de sua teoria mais associar as mulheres à passividade e os homens à atividade fállica, embora ele nos alerte para nem sempre fazermos esta associação, a masculinidade e a feminilidade são campos estruturais na vida psíquica de homens e mulheres.

Em suma, tanto em sua teoria do Édipo como da sexualidade infantil, a diferença sexual dos seres é estabelecida a partir do falo e da castração. É esta primazia fállica o pressuposto de hierarquia entre os sexos. (Pombo, 2016). Se o falo - significante inconsciente do desejo que “tampa” a falta psíquica – é representado pelo pênis, é o homem o sujeito fállico e universal a nível inconsciente, diferente das mulheres – mais inferiores e faltosas devido a castração. Em realidade, na teoria freudiana, as mulheres tem um acesso ao falo, mas que não é por vias do “ter” e sim pelo “não ter”, devendo assim acessá-lo em figuras masculinas.

Por fim, no terceiro capítulo objetivamos melhor compreender o debate iniciado por Freud a respeito do singular relacionamento a nível psicosssexual da mulher e o falo, problematizando, à luz de outros olhares psicanalíticos, o posicionamento “não-fállico” feminino,

que supostamente confere a mulher uma insatisfação maior que o homem a medida em que ela não está inserida na lógica fálica. Em um segundo momento, buscamos analisar o campo da feminilidade, percebendo-o como um registro presente na vida psíquica de homens e mulheres e oposto à lógica fálica, que os marca em sua falta, desamparo e fragilidade humana. A feminilidade causaria horror aos sujeitos não somente por fazê-los enfrentar a angústia da fantasia de completude, mas também por esvazia a marca de perfeição do falo (Pombo, 2016).

A fim de aprofundar nossa problematização, usamos a leitura do psicanalista Lacan como um contraponto à teoria freudiana no sentido de aprofundar as dimensões simbólicas do falo, retirando, assim, a sexualidade de um campo biológico para o da linguagem. Observamos com Lacan que o pênis é uma das infinitas representações inconscientes do falo, mas no que concerne à sexualidade feminina, a mulher permaneceria “não-toda” inscrita na lógica fálica, mas desta vez ela não precisaria buscar em outros aportes o falo desejado, mas sim “tornar-se o falo do Outro”. Este Outro seria geralmente masculino como apontou Butler (2013), e a autora ressaltou que “ser o falo” permanece como insatisfatório, pois as mulheres acabariam por esconder os seus reais e profundos desejos para assim tornarem-se efetivamente o falo.

De todo modo, Lacan abriu novos caminhos e compreensão a cerca do significante falo e da sexualidade feminina, analisando que, diferentemente do homem, a mulher além de possui um gozo fálico, também possui um mais-além, suplementar e quase impossível de ser verbalizado. No entanto, este gozo-mais-além somente seria possível se a mulher renunciasse à fantasia de completude fálica para inserir-se em uma posição feminina, defrontando-se com a sua falta e as pulsões eróticas. Além disso, Lacan pontuou que a mulher para fazer-se de “falo do Outro” utiliza-se da mascarada, isto é, mascara-se como bem deseja para atrair o objeto desejado. Seria nesta dinâmica que ela erotiza, seduz, se faz seduzívele conquista o que deseja, e este percurso seria um novo meio, que não o casamento/maternidade, de alcance dela mulher à lógica fálica.

Por último, tivemos por objetivo neste capítulo avaliar como o surgimento de novos movimentos sociais, como o feminismo, ofereceu voz, escuta e maior poder social às mulheres, deslocando-as do tédio da vida doméstica para o mundo público e do trabalho. Como homens e mulheres são sujeitos frutos de determinados discursos sociais, suas identificações subjetivas e sexuais modificam-se em função da também modificação dos discursos culturais. Com o avanço do feminismo, os estudos a respeito da história das mulheres propiciou o desenvolvimento de uma nova área no campo das ciências humanas e sociais – o estudo de gênero – que além de compreender as novas subjetividades femininas, percebeu o sistema binários dos gêneros

(homem e mulher) como insuficiente visto o surgimento de outras identidades, como o caso dos transgêneros – indivíduos que não identificam-se com o sexo biológico.

Concluimos que a teorização freudiana traz uma diferença sexual entre os seres marcadas pelas imagens (o pênis, a vagina, a mãe, o pai, o bebê...) e pela anatomia, um costume muito usual na medicina moderna. Além de criar uma ciência inovadora, mas que deveras ofendeu a moralidade vienense, Freud fora um médico e psicanalista que contribuiu no avanço dos estudos da neurose, da sexualidade, dos sonhos, dos traumas, do inconsciente, da neurologia e da psicologia. Segundo Molina (2011), Freud incorporou o espírito guerreiro e demolidor da modernidade, trazendo para o âmago da sua teoria a noção de conflito e para o psíquico as imagens de uma vida anímica em ebulição, em revolta e marcada por contradições e desavenças. Por isso Viena fora o terreno mais frutífero ao nascimento da psicanálise, pois foi ao detectar as contradições sexuais, sociais e subjetivas dos cidadãos vienenses que Freud progressivamente construiu os conceitos psicanalíticos mais clássicos – o recalque, a neurose e as pulsões.

Por ventura, fora um dos poucos médicos a lançar um olhar mais humano e singular ao sofrimento psíquico de homens e mulheres, escutando-os para além dos sintomas, mas sim nos diálogos soltos e incoerentes, nos atos falhos, nos chistes, na linguagem corporal e pelos relatos dos sonhos. Em sua observação clínica, percebeu a função sexual humana como profundamente importante no surgimento das doenças psíquicas, e por fim fora audacioso ao detectar as primeiras pulsões eróticas dos indivíduos já na infância, retirando-a da ingenuidade e docilidade – diziam os moralistas da época.

Se Freud utilizou-se de uma abordagem mais biológica, ou até mesmo, conservadora (em relação ao feminino) em sua teorização, fora porque os discursos médicos assim o faziam. No entanto, após todo o nosso percurso teórico percebemos que a sexualidade vai para muito além do biologismo, e compreender este aspecto é aceitar que a posição feminina e masculino é independente de se ser “macho ou fêmea” (Pombo, 2016). Se um dia a questão que se fez mais presente e enigmática, principalmente entre os homens, foi - afinal, o que é ou o que quer uma mulher? – em função da repetição de um discurso feminino recheado de queixas e insatisfação, a questão que, atualmente se faria mais pertinente é – o que afinal são as diferenças sexuais?. Como homens e mulheres reconhecem-se dentro de suas posições femininas e masculinas? Em um contexto contemporâneo que novas identidades sexuais fazem-se cada vez mais presentes e diferentes de um tradicionalismo binário, o que é atualmente ser homem ou mulher?

Portanto, a fim de que não caia em um ostracismo clínico, acadêmico e teórico, sugerimos que deve a psicanálise abrir-se ao horizonte das novas demandas femininas e

masculinas já tão distintas da época oitocentista. Se um dia fora Freud que buscou compreender os conflitos psíquicos e sexuais dos sujeitos, cabem aos psicanalistas contemporâneos disponibilizarem-se a ter uma escuta sensível e acolhedora aos novos sintomas e discursos clínicos. No fundo, o falo – símbolo do desejo que tampa a falta – não pertenceria a ninguém visto o desejo ser a força pulsional que move os sujeitos cotidianamente, e se há sempre desejo, há sempre falta, pois homens e mulheres são seres desejantes.

A sexualidade humana, carregada de conflitos, transformações e, mesmo, mistérios, nem sempre é compreensível, uma vez que os desejos são efêmeros, diversos e muitas das vezes insaciáveis, de difícil verbalização. Logo, por ventura, não seria somente a sexualidade feminina o grande enigma, mas sim a sexualidade como um todo. Já quanto as mulheres, parafraseamos o que, ainda no século XIX, a filósofa e feminista Simone Beauvoir (1970) já dizia – não se nasce mulher, torna-se. É neste eterno “tornar-se a” que as mulheres satisfazem-se em seus desejos e quererem, escolhendo, entre mascaradas ou não, os seus melhores caminhos da satisfação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alambert, F. (1990). História, cultura e modernidade: uma leitura de viena-fin-de-siècle. *R. História* , pp. 147-164.
- Bock. A.M. (2001). *Psicologias: Uma introdução ao estudos de psicologia* . São Paulo: Editora Saraiva.
- Appignanesi, L. (2011). *Tristes, loucas e más*. Rio de Janeiro: Record.
- Áran, M. (2009). A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. *Estudos Feministas*, pp. 653-673.
- Áran, M. (2000). Feminidade, entre Psicanálise e Cultura: esboço de um Conceito. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva* , pp. 169-195.
- Assoun, P. L. (1993). *Freud e a Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bertin, C. (1990). *A mulher em viena nos tempos de Freud* . Campinas: Papirus.
- Bettelheim, B. (1991). *Viena de Freud e Outros Ensaio*. Bertrand.
- Beuavoir, S. d. (1970). *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF* , pp. 115-123.
- Birman, J. (1999). *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34.
- Brennan, T. (1997). *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Butler, J. (2013). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carlloni, P. R. (2011). A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana. *Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia* , pp. 1-12.
- Menegon, C. E. W. (2015). A sexualidade feminina e a psicanálise: rompendo as amarras da moral sexual cristã e do sexo como reprodução. *Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito* , pp. 122-139.
- Chauí, M. D. (1984). *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense S.A.
- Cossi, R. K., & Dunker, C. I. (s.d.). A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* , pp. 1-8.
- Fabbro, L. B. (2014). Tornar-se mulher o caminho para a feminilidade: De Freud a Lacan. . *Monografia (Especialização)* . São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Foucault, M. (2005). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Editora Nau.

- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (2011). A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). In: S. Freud, *Sigmundo Freud, Obras Completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (p. 326). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). A organização genital infantil (1923). In: S. Freud, *Sigmund Freud, Obras Completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (p. 326). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: S. Freud, *Sigmund Freud, Obras Completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (p. 326). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa. In: S. Freud, *Sigmund Freud, Obras Completas: "Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)* (p. 136). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). O Esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr. M. Furst) . In: S. Freud, *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)* (p. 136). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). Um Estudo Autobiográfico. In: S. Freud, *Sigmund Freud, Obras Completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (p. 326). São Paulo: Companhia das Letras.
- Fuks, B. B. (2007). *Freud e a Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar .
- Gallop, J. (2001). Além do Falo. *Cadernos Pagu* , pp. 267-287.
- Gay, P. (2012). *Freud, uma vida para o nosso tempo* . São Paulo: Companhia das Letras.
- Gonçalves, R. (2001). Cidadania-classes populares-mulheres: reflexão sobre seus impactos nas lutas sociais. *Lutas Sociais* , pp. 55-65.
- Hobsbawn, E. J. (1988). *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Julien, P. (1997). *A Feminilidade Velada*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1998). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina . In: J. Lacan, *Escritos* (p. 935). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário: Livro 20: Mais ainda* . Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário: Livro 5: As formações do Inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Louro, G. L. (2000). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rodrigues, H. M Groppo, L. A. (2013). O Contexto Científico na formação da Psicanálise e a figura de Sigmund Freud perante a religião. *Revista Eletrônica de Filosofia* , pp. 247-258.

- Martin-Fugier, A. (1991). Os ritos da vida privada burguesa . In: M. Perrot, *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra mundial* (p. 595). São Paulo: Companhia das Letras.
- Mendes, E. R. (2006). Sigmund Freud e as interseções entre a Psicanálise e Cultura. *Reverso*, pp. 23-28.
- Mezan, R. (2005). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (1998). *Tempo de Muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Molina, J. A. (2012). As mulheres de Viena: Sintoma de uma época. *Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia* , pp. 1-23.
- Molina, J. A. (2011). *O que Freud dizia sobre as mulheres* . São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Winograd, M. Klautau. P (2014). Viena, Áustria: notas sobre o contexto de emergência da psicanálise. *Tempo Psicanalítico* , pp. 197-213.
- Narvaz, M. G. (2013). Um pênis fora do lugar: em defesa da fantástica igualdade dos sexos . *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* , pp. 1-15.
- Nasio, J. D. (2007). *Édipo, o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nunes, S. A. (2011). Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. *Psicologia Clínica* , pp. 101-115.
- Pereira, V. A. (2016). Ter ou não ter filhos: desejo ou destino? Família, subjetividade feminina e maternidade. *Tese de Doutorado* . Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Perrot, M. (1991). Dramas e conflitos familiares. In: M. Perrot, *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra mundial* (p. 595). São Paulo: Companhia das Letras.
- Perrot, M. (1991). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra mundial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Perrot, M. (2007). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.
- Poli, M. C. (2007). *Feminino e Masculino: A diferença sexual em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pombo, M. (2018) Diferença sexual, psicanálise e contemporaneidade: novos dispositivos e apostas teóricas . *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* , pp. 545-567.
- Preciado, B. (2014). *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro.
- Rangel, M. B. (2008). Histeria e Feminilidade. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Ribeiro, R. M. (2007). Relacionamento Amoroso: sofrimento feminino na contemporaneidade . *Dissertação de Mestrado* . Goiânia, Goiás, Brasil.
- Robin, G. (1993). *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo* . Recife: S.O.S Corpo.

- Rohden, F. (2002) A construção da 'natureza feminina' no discurso médico . *Estudos Feministas* , pp. 511-514.
- Roudinesco, E. (2016) *Sigmund Freud, na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Saffioti, H. I. (1987). *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna.
- Sayão, D. T. (2003). Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Perspectiva* , pp. 121-149.
- Scholl, C. J. (2016). Matriarcado e África: A produção de um discurso por intelectuais africanos – Cheikh Anta Adiop e Ifi Amadiume. *Monografia*. Porto Alegre, Porto Alegre, Brasil.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica . *Educação e Realidade* , pp. 71-99.
- Soihet, R. (1997) Violência Simbólica - Saberes Masculinos e representações femininas . *Revista Estudos Feministas* , pp. 1-23.
- Vasconcelos, V (2015). Os (des)caminhos da mulher: a questão da feminilidade e seus desdobramentos até Freud . *Disertação de Mestrado* . São João del Rei , Brasil.
- Vieth, G. D. (2013.) Freud e a sexualidade da mulher: vida pessoal, clínica, teoria. *Tese de Doutorado* . Brasília, Brasília, Brasil.
- Zalberg, M. (2007). *Amor Paixão Feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier.